

**TRAMAS DE UM BORDADO SOBRE AS BORDAS DE ÁGUA DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO**

Ecléa Pérsigo Morais

**TRAMAS DE UM BORDADO SOBRE AS BORDAS DE ÁGUA DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO**
Ecléa Pêrsigo Morais

Copyright © 2026 Revista Mover

Título original: TRAMAS DE UM BORDADO SOBRE AS BORDAS DE ÁGUA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Autor: Ecléa Moraes

Revisor: Ricardo José de Moura

Imagem de Capa: Atila Barros

Editora: Revista Mover

Ano de publicação: 2026

Edição: 1ª Edição

ISBN nº nº 978-65-978905-1-4

Número de páginas: 268

Formato: Digital

Idioma: português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Ecléa Pérsigo
Tramas de um bordado sobre as bordas de água da
cidade do Rio de Janeiro [livro eletrônico] /
Ecléa Pérsigo Moraes. -- Teresópolis, RJ :
Revista Mover, 2026.
PDF

ISBN 978-65-978905-1-4

1. Água - Aspectos sociais 2. Arquitetura
3. Cartografia 4. Cidades 5. Planejamento urbano -
Rio de Janeiro (RJ) I. Título.

26-332017.0

CDD-307.1216

Índices para catálogo sistemático:

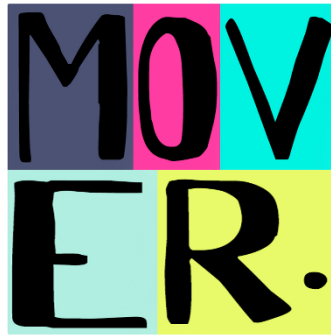
1. Planejamento Urbano: Sociologia 307.1216

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/841

Este livro está protegido por lei e não pode ser reproduzido, distribuído ou transmitido, total ou parcialmente, por qualquer meio, sem a autorização expressa do autor e da editora. Qualquer utilização indevida estará sujeita às penalidades previstas na legislação vigente.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ricardo José de Moura
Profa. Me. Leslie Loreto Mora Gonzalez
Prof. Me. Atila Barros da Silva



BORDADINHO

Judith era uma mulher com gênio forte, cabelo curto, baixinha, que adorava andar a cavalo. Sua vestimenta era, geralmente, camisa bordada, saia longa e botas. Tinha uma *sexualidade* que encantava a todos, especialmente, Eduardo, seu fiel e apaixonado marido. Eduardo, filho de imigrante italiano, veio de Mendoza (Argentina) para morar numa pequena cidade do Rio Grande do Sul, onde foi seduzido pelos encantos de Judith. Eduardo, primo irmão de Getúlio Vargas, pintor, boêmio, andava a cavalo e apostava corridas de bicicleta nas estradas argentinas. Tinha uma lambreta preta e uma Kombi amarela, um gaúcho argentino sedutor que pintou a janela de Judith com as cores verdes e rosa, cores preferidas da sua amada. Enamoraram-se, tiveram filhos, netos e bisnetos.

SUMÁRIO:

Ø. Notas de ENREDamento

N. Sinopse das Bordas

BORDADO 1. O desatar e o enredar das Bordas

1.1 Desatar das bordas de água

1.2 Enredando com a Filosofia da Diferença

1.3 O Tempo das bordas

BORDADO 2: LUGAR, DERIVAS E BORDANTES

2.1 Sobre o lugar

2.1.1 Planejamento Estratégico Urbano

2.1.2 Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, Plano Diretor e Plano Estratégico para a cidade do rio de janeiro.

2.2 SOBRE AS DERIVAS ALEATÓRIAS.

2.3 OS BORDANTES



BORDADO 3: ARAPUCAS e MAÇÃS DO AMOR

O DESLOCAR DE LORRAINE ATÉ O TRABALHO

SANCIONAMENTO DA LEI

MADUREIRA

AUDIÊNCIA PÚBLICA (PREPARATIVOS)

LEITURA DE DOMINGO – AUDIÊNCIA PÚBLICA

REFLEXÕES DA NETA PROVOCADAS PELA LEITURA DE DOCUMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO (PUR).

VISITA AO MUSEU DA REPÚBLICA – RIO DE JANEIRO

MUSEU DO AMANHÃ, QUAL AMANHÃ?

ESPECTROS SOBRE A VILA AUTÓDROMO

CONHECENDO A VILA AUTÓDROMO

NOTÍCIAS SOBRE A VILA AUTÓDROMO



BORDADO 4: CANTORIAS
SOM DO MATE, BISCOITO GLOBO E DAS EMPADAS
CHOVENDO EM IPANEMA
_FICAR ESPERTO
VAI PASSAR
DOMINGO NO ATERRO
SUSHI E O PÃO-DE-AÇÚCAR
ENSAIOS DE DOMINGO NO ATERRO
ESCRITURAS DE DOMINGO
SONS DAS BORDAS GOURMET



BORDADO 5. OPA(CIDADES) TONAIAS DAS BORDAS DE ÁGUA
CAOSGRAFANDO O PÍER MAUÁ (FRAGMENTOS PARA ARIEL)
MENSAGEM SOBRE A CAOSGRAFIA
CAOSGAFRIA, BORDAS-FLAMENCO: Quais paisagens você vê em você?
ENTARDECER EM IPANEMA
CHOVE NAS BORDAS
CINEMA NA MARINA DA GLÓRIA
FLORES PARA IEMANJÁ
COMIDAS BORDA-PAISAGEM
DESASSOSSEGOS DE CARNAVAL
ENCANTOS DE CARNAVAL
DIVER(CIDADES)



BORDADO 6: UMA INVENÇÃO DO FIM PARA DIZER
SOBRE NOVOS RECOMEÇOS

MENSAGEM DE SPY PARA NETA DE JUDITH

_AULA DE PROJETO URBANO

EVENTO PÍER MAUÁ

ENCONTRO COM JUSTOS GUERRA

JANE'S WALK

JANE'S WALK EM TERESÓPOLIS-RJ

CAMINHANDO COM JANE JACOBS J

UM CONVITE PARA O MALAYERBA

COSTURANDO CADERNO MALAYERBA

HORA MÁGICA

7. BIBLIOGRAFIA

BORDADINHO

As Notas de Enredamento falam sobre os encontros da Rede de Rede Latino-Americana de Imagem e Identidade e Território (SIIT-LAIIT). Esses encontros são flertes acadêmicos que dizem de afectos e amizades e paixões étlicas e escrituras e sorrisos e corpos que se movimentaram nas cidades (Poa, Rio, Floripa, Maceió).

Desses encontros saíram produções acadêmicas e culturais, oficinas, artigos, cartografias, dissertações e teses, como por exemplo, essa tramatese que você está começando a enredar-se.



0. Notas de ENREDamento

O enredamento com esta tramatase iniciou no Simpósio da Rede Latino-Americana de Imagem e Identidade e Território (SIIT-LAIIT)¹ que aconteceu em setembro de 2014, na cidade de Porto Alegre – RS. No mesmo período, o Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ) abria o processo seletivo para Mestrado e Doutorado.

As discussões que aconteceram no Simpósio fomentaram o desejo de continuar estudando a relação da cidade com a água, já trabalhada na dissertação mestrado² no Programa de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPOUR-UFRGS), porém de um outro modo, subvertendo as dicotomias entre terra/mar e desconstruindo discursos totalizadores que operava e operam enquanto instrumento de ordenamento no campo do Planejamento Urbano.

Na busca por outro modo de falar bordas de água, essa tese de doutorado foi em busca de outros dados de levantamento urbano que não fazem parte dos editais acadêmicos de projetos urbanos.

¹ A Rede Latino-Americana de Imagem e Identidade e Território (LAIIT) é composta pelos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT-UFRGS), Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (GPMC-IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Grupo de Pesquisa Nordestanças (GPN) da Faculdade de Arquitetura (Campus de Arapiraca - AL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas da Universidade Federal Fluminense (GPDU/UFF), Grupo de Investigación Observatorio Territorial (GIOT) do Instituto de Investigaciones y Postgrado (IIP) da Facultad de Arquitectura, Artes, Diseño y Urbanismo (FAADU) da Universidad Mayor de San Andres (UMSA), La Paz, Bolívia e Proyecto UBACyT - Política de los afectos y vida democrática. Un enfoque desde la narrativa - Directora: Dra. Leonor Arfuch, sede: IIGG (UBA).

² A dissertação de mestrado tratou sobre ocupações urbanas contemporâneas em Áreas de Proteção Ambiental, cujo lócus de pesquisa foi a Ilha dos Marinheiros, em Porto Alegre-RS.

Esses outros dados foram os fragmentos de manifestos políticos e falas de associação de moradores de bairro e trechos de músicas e discursos da mídia e, também, os cheiros e tonalidades e ruídos e falas de pessoas que transitam, ocupam e ressignificam as bordas de água das cidades. Porém numa outra borda, não mais nas bordas-Poa (Porto Alegre), mas nas bordas-Rio de Janeiro.

Assim, aos poucos, essa tese foi se constituindo enquanto uma trama de múltiplos dizeres que se emaranham, tocam, trocam, disputam poderes, posições e desejos. Essa escritura foi, carinhosamente, chamada de tramatese que não opera por medidas, precisão, forma-padrão, tampouco estabelecem teorias que dizem das verdades de mundo, mas está em constante bordar.

→ Pra onde vão, as
certezas que afiam os
dentes?

→ A razão não caminha
em linha reta

A noite encantada
Desfaz as estradas

→ Coloca à prova tudo o
que vi

(Trecho da música
Linha, de Tiago
Rinaldi)

Nesse movimento de constante de bordar, a música chamada de a Linha, de Thiago Rinaldi, músico de Porto Alegre, tocada no piano no MEME Santo de Casa Cultural, no SIIT de 2014, traduz os motivos e os percursos de enredamento com esta tramatese que passaram por três momentos: → Pra onde vão as certezas que afiam os dentes. → A razão não caminha em linha reta. → Coloca à prova tudo o que vi. Esses três momentos fomentaram o desejo de repensar novas possibilidades de dizer bordas de água no planejamento urbano.

⇒ **Pra onde vão, as certezas que afiam os dentes?**

As certezas sobre as concessões e o tipo de ocupação das bordas de água das cidades, até a dissertação, estavam condicionadas a três dimensões: leis urbanísticas (Estatuto da Cidade³, Planos Diretores), leis ambientais (Lei de Parcelamento do Solo⁴, Resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente⁵) e leis marítimas (Código de Águas⁶, Lei Federal nº 9.605⁷).

As leis urbanísticas dizem sobre a política de desenvolvimento urbano, ordenamento, diretrizes e procedimentos para realização de políticas públicas e privadas para ocupação de áreas próximas a rios, lagos e oceanos. As legislações marítimas estabelecem diretrizes gerais para ocupação e preservação de águas públicas (correntes, mares, golfos, baías, portos, canais, lagos e lagoas navegáveis) e dispõe sanções penais e administrativas sobre condutas que são lesivas as águas do território nacional. A legislação ambiental estabelece a distância da área não edificada próxima as águas correntes ou

³ Lei Federal N.10.257 de 10 de julho de 2001.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm. Acesso, 12 de maio de 2022.

⁴ Lei no. 6.766, de 19 de dezembro de 1979.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm. Acesso, 12 de maio de 2022.

⁵ Lei 9.985 de julho de 2000.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm. Acesso, 13 de maio de 2022.

⁶ Lei Federal nº 6766/79.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm. Acesso, 13 de maio de 2022.

⁷ Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso, 11 de janeiro de 2023.

faixas de domínio público classificando a ocupação urbana de acordo com o grau de impacto ambiental.

As certezas sobre as concessões e o tipo de ocupação urbana nas bordas de água eram reforçadas através do levantamento empírico. Esse tipo de levantamento, tradicionalmente, tem sido parte do conteúdo programático das disciplinas de ateliê de projeto urbano do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo (Tab.01). Os dados levantados são solicitados através de um manual ou edital para disciplina que pedem os seguintes itens: usos e atividades do lugar, fluxos e acessibilidade, gabaritos de altura, análise topográfica, identificação de áreas verdes e anotação de mobiliários urbanos. Esses dados são transformados em diagramas que auxiliam e fundamentam o tipo de projeto proposto para aquele lugar que foi pesquisado.

TAB. 01.
EDITAL DE PROJETO URBANO
ETAPA LEVANTAMENTO:

Planta de
localização/MAPAS

→ Analisar usos e
atividades

Mapa de vias/fluxos

Mapa áreas verdes.

Mapas de Gabaritos
de altura

Equipamento Urbano

Fonte:
<https://ppgaud.ufc.br/pt/ensino/oferta-de-disciplinas/>

Esse modo de obter dados de pesquisa, coloca o pesquisador numa posição dicotômica (terra/água) e hierárquica de um saber metafísico que pressupõe resultados, métodos, conceitos e diretrizes que dizem como essas áreas são ocupadas nas cidades. A crítica realizada após ingressar no Instituto de Planejamento Urbano (IPPUR-UFRJ) e participar do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC), não ignora a teoria e os dados obtidos no lócus de pesquisa, mas questiona como esses dados são tratados e quais verdades são ditas a partir dele.

Na busca por questionar essas verdades e encontrar um outro modo de dizer bordas de água, a aproximação com autores, que

criticam a metafísica ocidental, foi fundamental para a escritura desta tramatese. Os autores foram Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guatarri, filósofos pós-estruturalistas que criticam a existência de uma verdade absoluta e desafiam a ideia de que há uma estrutura ou centro como referências ao pensar. Para esses autores, criticar a verdade não se trata de dizer o que está certo ou errado, o que é falso ou verdadeiro, pois esse dualismo, estabelece uma hierarquia de um termo sobre o outro que relega o sensível, o singular e o abstrato⁸.

Para questionar o pensamento metafísico ocidental, a desconstrução derridiana⁹ foi acionada para operar enquanto leitura crítica cujo objetivo é desestabilizar as relações binárias, revelando suas ambiguidades, suas contradições e seus não-ditos. Este incessante trabalho de investigação possibilitou refletir sobre as relações binárias hierárquicas do pensamento metafísico ocidental, tendo a necessidade de inverter subverter essa hierarquia e deslizar entre as oposições até o ponto de sua não-pertinência e de seu esgotamento¹⁰.

Subverter a hierarquia das relações binárias, abriu a possibilidade de entender que não estamos operando dentro de uma relação pacificadora, mas numa relação de disputa e poder. Inverter a hierarquia das relações binárias está vinculada a revelar e a desestabilizar as ambiguidades, os pressupostos e as

⁸ DELEUZE, 1968, p.17-23

DERRIDA, 2004, p.19-22

⁹ Derrida coloca sob suspeita não somente os discursos da Filosofia e das Ciências Humanas, mas da Literatura, História, Fenomenologia e Psicanálise.

¹⁰ DERRIDA, 2001, p.13.

contradições que estão no interior dos discursos sustentadores do pensamento metafísico ocidental¹¹.

Outro modo de desestabilizar os discursos metafísicos, foi trazer a ideia de Rizoma, tanto na abordagem teórica quanto na escritura. A ideia de Rizoma¹² chega na Filosofia através de Deleuze e Guatarri para dizer de algo que não tem direção clara, nem forma definida, onde qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro ponto. Assim, o rizoma atua enquanto potência para criticar o modo de ordenamento do planejamento urbano e, essencialmente, aos fundamentos que o regem.

Para que a ideia de rizoma seja aplicada na Filosofia é preciso fazer o múltiplo, escrever sempre a N-1, ou seja, a subtração é o modo com que o uno se faz presente. A Lei do Uno segue uma lógica binária, característica da árvore-raiz, necessitando de uma forte unidade principal, ou seja, um pivô que suporta as raízes secundárias¹³. A estrutura (árvore-raiz) é reforçada quando identificamos a ideia racional de planejamento através das diretrizes de ocupação através dos usos e funções do território, índice de aproveitamento e gabarito de alturas. Esse sistema arborescente representa o Uno que está sempre tensionando a multiplicidade dos discursos outros.

Assim, a estrutura (árvore-raiz) pode ser pensada enquanto metáfora para criticar as formas hegemônicas do planejamento urbano contemporâneo pautadas por um conceito de planejamento

¹¹ DERRIDA, 2001, p.48

¹² O rizoma vem da Botânica que significa um bulbo e/ou tubérculo cuja haste subterrânea tem crescimento horizontal, polimorfo.

¹³ DELEUZE, 1995, p.23

estratégico no qual os governos locais, apoiados em políticas públicas, promovem as cidades aos incorporadores e investidores privados para realização de projetos urbanos, ofertando infraestrutura e serviço¹⁴. Estas práticas consolidadas se materializam através das Parcerias Público Privada (PPP) e Operações Urbanas Consorciadas (OUC) que tendem a transformar a cidade em um mero negócio, ou seja, uma cidade-mercadoria (VAINER, 2000).

As Parcerias Público-Privada (PPP) são contratos administrativos de concessão, na modalidade patrocinada ou administrativa, firmados entre os setores público e privado, nos quais o setor privado, mediante pagamento, presta determinado serviço ao setor público¹⁵. As Operações urbanas consorciadas (OUC)¹⁶ são intervenções pontuais realizadas sob a coordenação do Poder Público que envolve a iniciativa privada. Nesse instrumento de planejamento, o Poder Público delimita uma área e elabora um plano de ocupação, no qual podem ser previstos: implementação de infraestrutura, nova distribuição de usos, densidades permitidas, padrões de acessibilidade, mudança na altura das edificações, novas relações entre espaço público e privado e reordenamento da estrutura fundiária.

¹⁴ Como exemplo deste fenômeno urbano pode-se citar a construção de novos sistemas modais (metrô, VLT, monotrilho) e implantação de projetos urbanos, tais como: Dragão do Mar, 1999 em Fortaleza-Ceará, Porto Maravilha, iniciado em 2012 (primeira etapa concluída), no Rio de Janeiro – RJ e Projeto Cais Mauá, em Porto Alegre – RS (CASTELLS, BORJA, 1996).

¹⁵ lei nº 11.079, de 30 de dezembro de 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/Lei/L11079.htm. Acesso em 12 maio de 2021.

¹⁶ A Operação Urbana Consorciada (OUC) é um instrumento do Direito Urbanístico instituído pelos artigos 32, 33 e 34 da Lei do Estatuto da cidade (Lei 10.257 de 10/07/2001).

Esses tipos de instrumentos (PPV e OUC) nunca compreendem as multiplicidades das cidades. Os princípios característicos da multiplicidade concernem às singularidades, às relações que são devires, às hecceidades que correspondem a individuações sem sujeito, aos espaços e tempos livres, aos rizomas, aos platôs (zonas de intensidade contínua) e aos vetores que atravessam e constituem graus de territorialização e desterritorialização¹⁷.

⇒ **A razão não caminha em linha reta**

Nesta tramatense, a razão enquanto verdade de mundo na qual a metafísica está habituada a operar vai se constituindo num duplo viés que não implica a escolha ou posicionamento acerca de um termo binário, mas de concomitância, dubiedade ou simultaneidade. Nesse tecer, Derrida (2001) é acionado para dizer que o movimento do duplo viés constitui incessantes questionamentos que estão no interior do sistema metafísico, evitando que essa trama siga pelo caminho do reducionismo, decorrente das oposições binárias.

A linha reta se constitui enquanto metáfora da linha de tempo histórica que compreende as periodizações, ciclos, datas-limite representadas através de instrumentos de mensuração como calendários e planilhas, utilizadas para retratar um tempo linear evolutivo, metrificado e homogeneizado. Ao se apropriar dessa cronologia, a História tradicional corrobora para a construção

¹⁷ DELEUZE, 1980, p.07

de uma cronologia linear e ascendente¹⁸. Porém, o que se pretende aqui é questionar essa concepção linear, pincelando fatos históricos do Planejamento Urbano do Rio de Janeiro que não seguem uma sequência de acontecimentos, buscando extrapolar seus significados locutivos com o tempo devir desta tramatese.

Os significados locutivos tendem a revelar sua força performativa, pois não se limitam apenas descrever o mundo, mas tem efeito sobre o mundo, desde que esses efeitos não sejam tomados enquanto verdades transcendentais. Para questionar essas verdades, serão abordados fragmentos da história urbana da cidade do Rio de Janeiro cujo passado se reconstrói na escrita desta tramatese, enquanto um processo ativo que se encontra em constante devir¹⁹.

⇒ Colocar à prova tudo que vi.

Colocar à prova tudo o que vi não se refere buscar verdades ou chegar num resultado, mas questionar e desestabilizar discursos que fazem pensar e agir conforme os decretos, artigos e resoluções ditadas pelo planejamento urbano das bordas das cidades. Uma das formas de questionar os discursos totalizadores foi romper com a forma tradicional de levantamento de dados instaurada pela academia no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Nesse sentido, realizou-se derivas aleatórias nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, registrando dispositivos como

¹⁸ In.: Schnitman, Dora Fried. Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

¹⁹ Sentença de Benedetto Croce defendido por Martin Jay para pensar os limites de uma contextualização histórica. In: Revista de História Intelectual, volume 16, número 2, dezembro de 2012, pág. 147.

sons e ventos e cheiros e sabores e pessoas e paisagens. Tais dispositivos contribuíram para uma escritura rizomática que tramou dizeres sobre bordas de água de um modo não falado e/ou ignorado pelo planejamento urbano. Esses modos falam de paixões, afetos, iras, conflitos sociais, mazelas e poder.

Além de questionar os métodos tradicionais de levantamento urbano e as verdades de mundo instauradas nas leis urbanísticas, o desafio também ocorreu na montagem e escritura dessa tramatese. A montagem desta tramatese foi inspirada na obra *Chora Works*²⁰, pela infinita possibilidade de ler um texto através de pequenos bordadinhos (textos), histórias e desenhos, que não possui uma ordem estabelecida por um sumário. A escritura foi inspirada em roteiros de filmes *Multiplot*²¹, porém não segue o formato do roteiro (formato, clímax, conflito), mas conta histórias de pessoas que ocupam as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. As histórias escritas ora se entrelaçam, se repudiam e se misturam através de um fio condutor que é conduzido pelo dispositivo acionado nas derivas. Esse fio busca dizeres não-metafísicos sobre bordas de água, porém não são alcançáveis, funcionando apenas como condutor das reflexões e dos enunciados.

²⁰ O livro *Chora L Works* possui uma forma do livro distinta, com formato quadrado de 22x22cm composto por perfuração de 1x1cm que atravessa a primeira parte do livro (transcrições, textos, diálogos, cartas). As perfurações permitem infinitas formas de ler um texto a partir de outro, sem ter uma linearidade, um centro, possibilitando fazer múltiplas relações entre os textos e para fora dos textos. O livro traz entrevistas entre o arquiteto Peter Eisenman e o filósofo Jacques Derrida sobre o projeto para o Parque La Villette, em Paris, no qual Peter Eisenman participou do concurso do Parque, mas não foi ganhador.

²¹ A estrutura de filmes com narrativas *multiplot* são formados por múltiplos protagonistas e histórias que se desenvolvem concomitantemente. Esse é apenas um dos tipos de narrativas não lineares que podem incluir também narrativas fora de ordem cronológica e metalinguísticas.

Esses dizeres vão sendo construídos através da escritura e dos storyboards que constituem outras possibilidades de dizer bordas através de desenhos. No audiovisual, os *storyboards* tem por fundamento ilustrar, sequencialmente, as cenas (plano a plano) com objetivo de orientar o diretor e a sua equipe durante a gravação²². Porém, nesta tramatase, os *storyboards* não operam somente enquanto alternativas de montagem gráfica, mas possibilitam constituir diferentes experiências de movimento através da sua leitura²³.

Na montagem, as bordas gráficas dos *storyboards* foram suprimidas como uma tentativa de deixar borrar, manchar e sangrar as cores dos desenhos entre os planos de imagens. Esse movimento de tintagem é uma maneira, conforme Bergson²⁴, de ventilar a passagem de um plano a outro. O plano consiste no movimento que está sempre assegurando a conversão e a circulação entre as imagens.

As cores ou paleta de cor dos *storyboards* surgiram a partir das tonalidades das paisagens das bordas de água capturadas nas derivas aleatórias (Fig.01 e 02) e extraídas através de Adobe Illustrator, software que ajuda a captar o disco de cores das imagens. É importante dizer que as cores não operam enquanto uma taxonomia de gênero cinematográfico (drama, comédia, musical,

²² Uma experiência para definição de *storyboard* em metodologia de desenvolvimento colaborativo de objetos de aprendizagem. Disponível: Ciências & Cognição 2010; Vol 15 (1): 019-032.

²³ A experiência do movimento está presente no livro: Cinema, Imagem-Movimento de Deleuze, 1983. A montagem dos quadros no cinema constitui o terceiro nível bergsoniano. Os três níveis bergsonianos são: os conjuntos e suas partes, o todo que se confunde com o aberto e o movimento que se instaura entre as partes ou entre os conjuntos.

²⁴ Deleuze, 1983, pág.27.

entre outros), mas enquanto uma experiência narrativa que opera junto ao desenho dos *storyboards*.

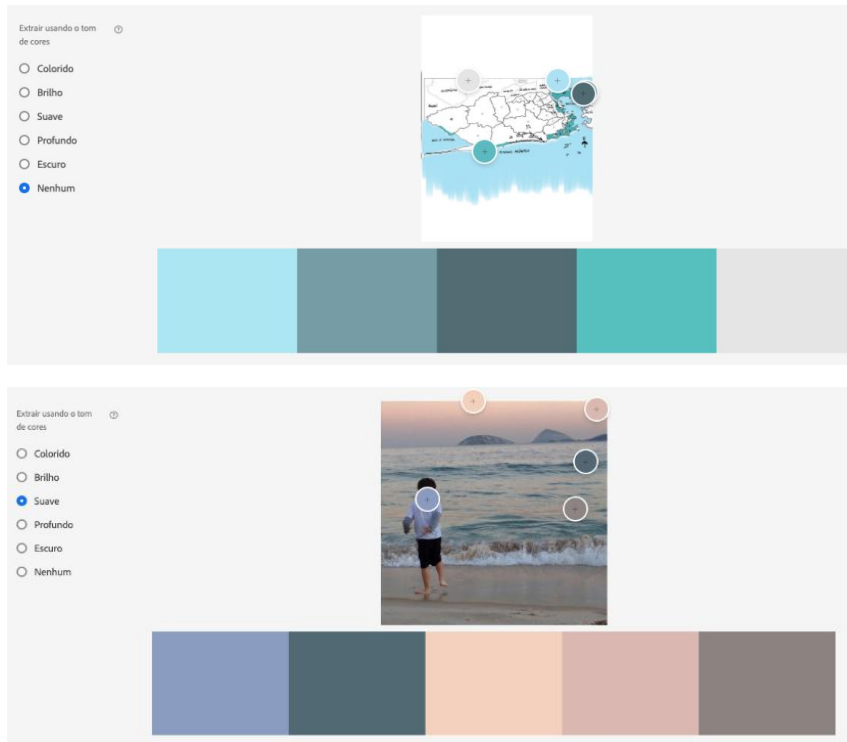


Fig.01 e 02. Extraíndo a Paleta de cor das fotos e desenhos.
Fonte: Imagens da autora, software Adobe Illustrator.

Assim, a partir da ilustração dos storyboards e do escriturar dessa tramatese, a escritura vai se costurando e (re)fazendo a todo momento (da escritura à leitura), se constituindo enquanto uma trama crítico-reflexiva sobre os modos de dizer bordas de água na cidade do Rio de Janeiro. Para resumir esse percurso de enredamento, foi realizado ilustrações que correspondem a três momentos: Antes da Filosofia, Encontro com a Filosofia, Reverberações do Encontro com a Filosofia. A divisão dessas partes é uma abordagem gráfica para mostrar o percurso até o Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ), a participação no Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC/IPPUR-UFRJ) e as

reverberações no modo de pensar bordas de água a partir do encontro com filosofia de Deleuze, Guatarri e Derrida.

PARTE I: ANTES DA FILOSOFIA

MARGEM
ORLA
INTERFACE
WATERFRONT

LIMITES
DENTRO / FORA
MAR/LAGOA/RIO



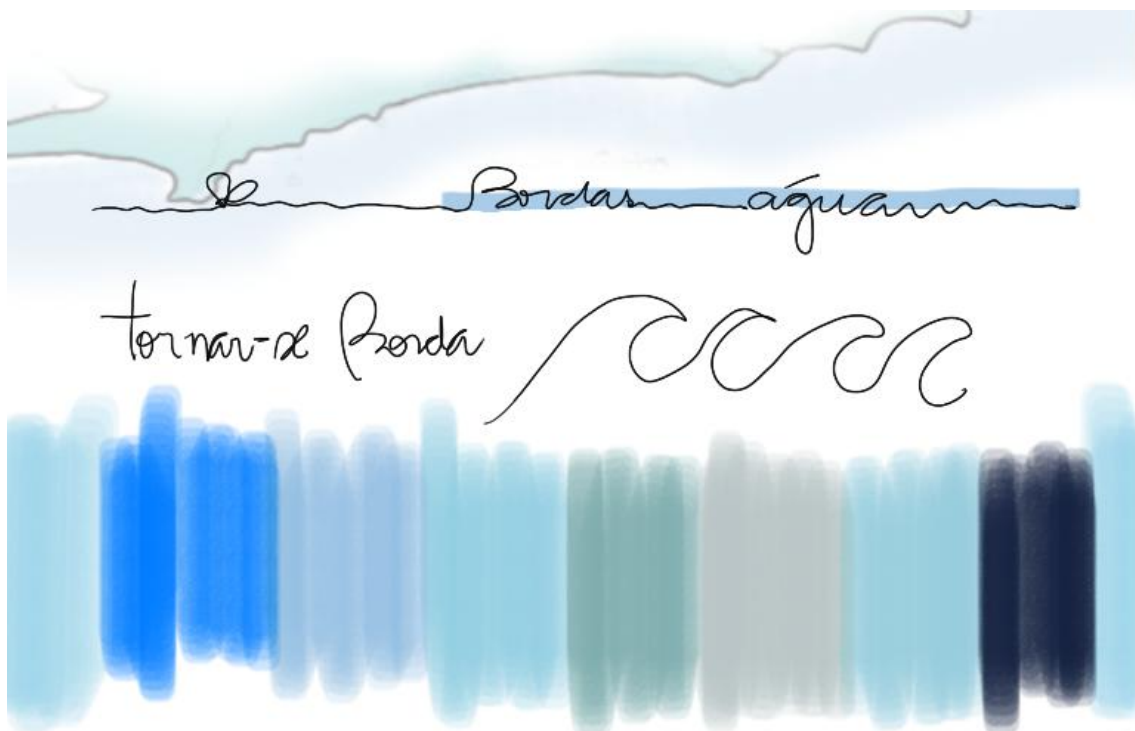
CONTROLAR
ORGANIZAR
SETORIAL
PROMOVER
DISCIPLINAR



PARTE II: ENCONTRO COM FILOSOFIA



PARTE III: DEPOIS DO ENCONTRO COM FILOSOFIA



AREIA E CHEIROS E SUOR E ESGOTO E BLOND E TAMBORES



E o encontro segue acontecendo....

N. Sinopse das Bordas

A sinopse das bordas representa um sumário resumido que descreve os capítulos desta tramatese. Cada capítulo representa um bordado de histórias que tramam dizeres sobre as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Essas tramas possuem fios que desalinham o bordar e o tramar das palavras que são os discursos do planejamento urbano estratégico para as bordas de água. Por mais que, a maioria das vezes, o desejo seja de esgaçar esses fios, o bordado precisa desses fios para tensionar a multiplicidade dos dizeres e devires-borda. Se fizermos uma breve comparação, o bordado se constitui enquanto N-1, e os fios que desalinham são o UNO, que está sempre presente. Assim, essa tramatese foi dividida em seis bordados: 1. Desatar e o tramar das Bordas, 2. o lugar, derivas e os bordantes, 3. Arapucas e maçãs do amor, 4. Cantorias, 5. Opa(cidades) tonais e 6. Uma invenção do fim para dizer sobre novos recomeços

O primeiro bordado - Desatar e o tramar das Bordas - corresponde a parte teórica da tramatese que está relacionado ao entendimento e a crítica dos termos metafísicos que correspondem aos significados de orla, margem, franja, interface mar-cidade/rio-cidade e *waterfront*. Esses termos são, frequentemente, usados para designar bordas de água (metafisicamente) no campo do Planejamento Urbano e Projeto Urbano. Em seguida, a trama se refaz através da abordagem filosófica de Derrida, Deleuze e Guatarri que abre novas possibilidades de dizer bordas (não-metafisicamente). A

abordagem filosófica também é acionada para falar do tempo das bordas de água cujo objetivo foi subverter o tempo cronológico dos fatos históricos que ilustraram o cenário do desta tramatese. A numeração dos subitens desse bordado segue a forma tradicional de numeração correspondente as Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pois tem uma abordagem teórica.

O segundo bordado divide-se em três partes: o lugar, as derivas aleatórias e os bordantes que tramam dizeres nesta tramatese. O lugar trama as diretrizes de ocupação e as políticas de financeirização concernentes ao planejamento estratégico das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, a abordagem sobre as derivas nas bordas de água é inspirada em Deleuze e Guatarri como proposta de rasurar os métodos tradicionais de levantamento urbano realizados nos cursos de Arquitetura e Urbanismo que adotam uma forma determinista de compreender a cidade através de diagramas sobre análises de um lugar (diagramas de cheios e vazios, áreas verdes, hierarquia viária, alturas, usos e ocupações). Por último, são apresentados os bordantes que correspondem aos personagens, pessoas inspiradoras encontradas nas derivas que afectaram o modo e as formas com tramatese foi escrita. Tal como o bordado 1, numeração dos subitens do bordado 2 segue as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pois tem uma metodológica.

No terceiro bordado - Arapucas e maçãs do amor - são bordadas cenas sobre o planejamento urbano estratégico que foram construídas a partir dos espectros de antigos prefeitos

da cidade do Rio de Janeiro colaborando com a crítica ao tempo cronológico dos acontecimentos dos fatos históricos. As tramas falam de fragmentos das operações e cirurgias feitas na cidade que aconteceram para a realização da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016. Os fragmentos de histórias descritos foram resultados das derivas aleatórias e das experiências acadêmicas que o Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ) proporcionou durante a fase de aulas do doutorado. A partir do bordado 3, a numeração dos subitens desconstrói as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), constituindo um outro formato de nomeação de títulos e subtítulos. No Bordado 3, a inspiração foi o jogo de xadrez representando uma batalha de inteligência e estratégia entre jogadores.

O quarto bordado - Cantorias contém tramas que evocam uma multiplicidade de vozes que tecem melodias, despertam memórias geracionais, desejos, desatam fantasmas, balançam corpos e enredam jogos, ou seja, vozes que não são incluídas no planejamento urbano estratégico da cidade do Rio de Janeiro. As falas dos bordantes dizem dos ventos que aquecem, esfriam, mas também curam mágoas e libertam culpas. Essas vozes são fragmentos transcritos de gravações realizadas nas bordas de água a partir de múltiplas derivas aleatórias que teve o som enquanto dispositivo. A numeração dos subitens desse bordado foi a cifra da letra da música - O Mae Serenou - de Clara Nunes.

A cor e a tonalidade da paisagem também entraram na tramatase enquanto dispositivo para pensar as bordas de água

de uma outra forma não hegemônica. O quinto bordado é chamado de Opa(cidades) Tonais e contém descrições sobre as múltiplas paisagens encontradas durante as derivas aleatórias nas bordas de água. Essas tramas falam de paisagens criadas pelo mercado imobiliário, mas também descrevem o breu de uma noite de outono, a cor pastel das bordas de água no inverno, o borrão da chuva e mistura a cor do amontoado de tijolos com o pôr do sol no verão. A inspiração para a numeração dos subitens desse bordado foi o espaço de cor RGB ou sistema de cor RGB, que possibilita construir todas as cores a partir da combinação das cores *Red*, *Green* e *Blue*.

O último bordado - Uma invenção do fim para dizer sobre novos recomeços, foi o mais difícil de ser escrito. A cada tentativa da última deriva aleatória nas bordas de água, esse bordado recomeçava, pois o tempo já era outro, mas as histórias dos bordantes se repetiam como no espectro de Marx de Derrida, dissertado no Bordado 1 - Desatar e o tramar das Bordas. O ponto final da tramatese se dá através do bordado que é nomeado de Hora Mágica, onde os bordantes dizem de suas afectações, desejos e assombrações sobre as bordas de água deixando fios soltos que possibilitam tramar outros significados. A inspiração para a numeração dos subitens foi o símbolo do infinito enquanto infinitas possibilidades de dizer bordas de água. O símbolo do infinito é composto por um traço contínuo, simbolizando a inexistência do início e do fim. No tarot, o símbolo do infinito está presente na carta 1 através da figura do Mago que tem o símbolo do infinito em sua cabeça fazendo referência às inúmeras

RIO DE JANEIRO

possibilidades e o início de algo novo. Na carta 11, o símbolo do infinito está na mulher que faz força para abrir a boca do Leão simbolizando a espiritualidade, ritmo, respiração e circulação.

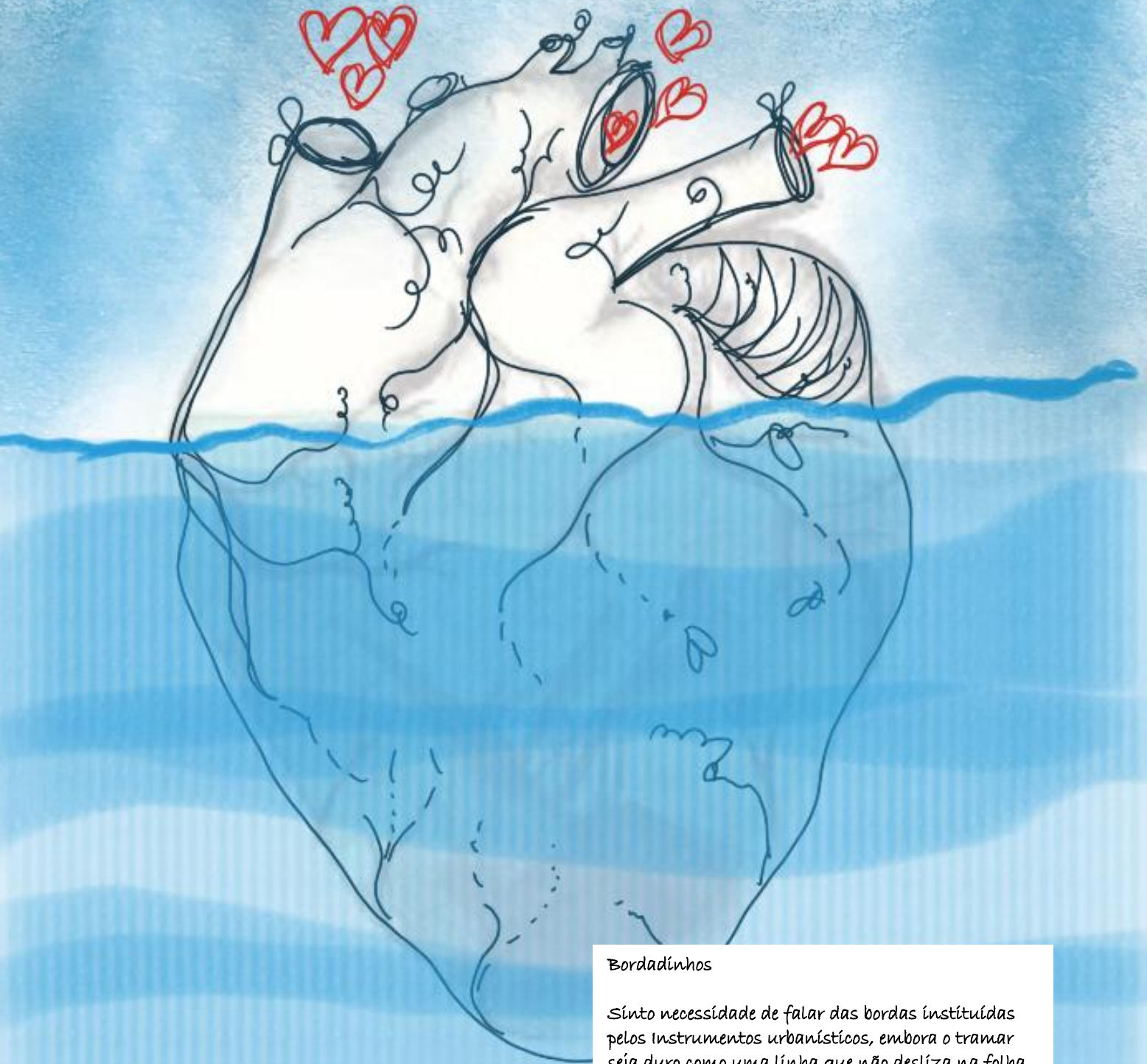
Assim, essa tramatese não tem uma cronologia de leitura, apenas sugere-se ler, primeiramente, o Tramar e desatar das Bordas que corresponde a uma abordagem sobre Planejamento Urbano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro-RJ, objeto de crítica dessa tramatese e de busca, incessante, pela desconstrução do olhar hegemônico do Planejamento Urbano. Porém, se não quiser ler esse bordado rígido e de pontos tensos, pode se enredar nas cantorias e/ou mergulhar nas Opa(cidades) Tonais e, por último, respirar com Uma invenção do fim para dizer sobre novos recomeços.

samba

planejamento
urbano

s-mar, bordas-so

BORDADO 1. O desatar e o enredar das Bordas



Bordadinhos

Sinto necessidade de falar das bordas instituídas pelos instrumentos urbanísticos, embora o tramar seja duro como uma linha que não desliza na folha. Mas como falar de significados metafísicos quando estamos transbordados e atravessados pela Desconstrução Derridiana?

1.1 Desatar das bordas de água

Falar de bordas de água, de acordo com os conceitos utilizados em projetos e planejamento urbano, é também dizer orla e margem e franja e *waterfront*. Nesta tramatense, cada dizer borda de água corresponde a um fio que vai costurando outros dizeres que estabelecem diretrizes legais de ocupação e delimitam posições geográficas, intervenções físicas e sociais. Embora possuam significados semelhantes, esses dizeres estão atrelados a diferentes contextos que corroboram para uma visão de cidade dicotômica, ou seja, uma separação entre terra (continente)/água (mar, rio).

Antes de abordar sobre o significado dos termos orla, margem, franja e *waterfront* é importante dizer que toda cidade que possui cursos d'água, rio ou mar, segue instruções e nomenclaturas estabelecidas por Leis Federais que agem de forma vertical e hierárquica (Federal- Estadual-Municipal), estabelecendo graus de restrições do tipo de ocupação. Um exemplo dessa verticalidade refere-se à denominação de orla marítima pela Lei Federal nº 7.661 de 16 de maio de 1988 que institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro servindo de referência para as definições das diretrizes municipais de Planejamento Urbano e Regional das cidades brasileiras. Essa Lei Federal estabelece a orla marítima como uma faixa contida na zona costeira, de largura variável, compreendendo uma porção marítima e outra terrestre, caracterizada pela interface entre a terra e o mar.

O dizer orla foi incorporado pelo grupo de trabalho de Gestão Orla Marítima do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão²⁵ (SPU/MP) que estabeleceu um documento denominado de Manual de Gestão. Esse documento contém diretrizes gerais de disciplinamento de uso e ocupação da zona costeira, denominada como Orla Marítima (Lei Federal nº 7.661/1988).

A Zona Costeira, segundo o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II (PNGC)²⁶, é o espaço geográfico de interação do ar, do mar e da terra, incluindo recursos ambientais, abrangendo a faixa marítima que se estende 12 milhas marítimas das linhas de base estabelecidas de acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar e abarcando a faixa do continente formada pelos municípios que sofrem influência direta dos fenômenos ocorrentes na Zona Costeira. Assim, o Grupo de Gestão Orla Marítima, redefiniu a orla como uma unidade geográfica inclusa na zona costeira, delimitada pela faixa de interface entre a terra firme e o mar (Mapa.01).

Ainda, do ponto de vista tipológico, o Grupo de Gestão Orla Marítima classifica a orla marítima da seguinte maneira: costas rochosas (altas e baixas), falésias, praias arenosas,

²⁵ PROJETO ORLA: Fundamentos para gestão integrada. Brasília: MMA/SQA; Brasília: MP/SPU, 2002.

²⁶ O PNGC foi constituído pela Lei 7.661, de 16/05/88, cujos detalhamentos e operacionalização foram objeto da Resolução no 01/90 da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), de 21/11/90, aprovada após audiência do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA). Disponível em: <https://gerenciamentocosteiro.furg.br/images/Materiais/PNGC-II.pdf>. Acesso em maio de 2018, junho de 2020.

praias de seixos, planícies lamosas, pântanos, manguezais, recifes e praias fluviais e lacustres. Somado a tipologia, associam-se o clima e a hidrografia para compor os ambientes naturais litorâneos como os estuários, restingas e campos de dunas.



Mapa 0 1. Ilustração das porções terrestre, marítima e o entre terra e marítima.
Fonte: Desenho da autora

Conforme o Projeto Orla, as zonas costeiras possuem uma porção marítima, terrestre e uma faixa de contato e sobreposição entre estes meios que variam em virtude dos movimentos das marés. Assim, os limites genéricos estabelecidos são: 1) Zona marinha, isóbata de 10 metros (assinada em todas as cartas náuticas), profundidade na qual a ação das ondas pode influenciar na variabilidade topográfica e promover o transporte de sedimentos. 2) Zona

terrestre, 50 metros em áreas urbanizadas ou 200 metros em áreas não urbanizadas, demarcados na direção do continente a partir da linha de preamar ou limite final dos ecossistemas (feições de praias, dunas, áreas de escarpas, falésias, costões rochosos, restingas, manguezais, marismas, lagunas, estuários, canais ou braços de mar).

Alinhavando mais um fio dessa tramatese, surge o termo *margem*, palavra frequentemente utilizada na Geografia para descrever taludes, plataformas, elevações continentais e planícies abissais que traçam limites continentais e marítimos. Esses limites marítimos são definidos pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), sancionados pela Lei Federal nº8.617 de 04/01/1993.

Outro fio dessa trama é a *franja*, termo utilizado para falar sobre uma faixa do território, geralmente sem estrutura urbana que conecta dois tecidos criando espaços plurifuncionais nos quais coexistem características de um espaço no outro. São exemplos de franja: franja urbana/rural e franjas costeiras (espaço nas encostas, portanto mais relevante para essa trama). Segundo Silva (2021)²⁷, as franjas costeiras são ocupadas por habitação, geralmente decorrente da ação do mercado imobiliário, fazendo com que ocorra a diminuição da pesca artesanal, sendo substituída pelo comércio informal nas franjas.

²⁷ Revista GeoUECE, Fortaleza/CE, v. 10, n. 18, p. 19-41, jan./jun., 2021. As práticas espaciais dos promotores imobiliários e os padrões de produção imobiliária em Macaé-RJ, página 23.

Por último, talvez o mais polêmico fio, encontra-se a *waterfront*, palavra de origem inglesa usada, mundialmente, para abordar as transformações urbanas que ocorrem nos distritos portuários e/ou em áreas frente ao mar, rio ou lago. Essas transformações ocorrem em diversos níveis: econômico (novas atividades visando aumentar a renda per capita do local), cultural (localização de equipamentos culturais), ambiental (implantação de novas coberturas vegetais e projetos de sustentabilidade do lugar) e social (mudança de classes sociais no acesso a lugares públicos).

Essas modificações começaram a ocorrer nos últimos sessenta anos, pois na era pós-industrial, as zonas portuárias eram lugares, frequentemente, associados a espaços sujos, inseguros, inóspitos e com limitadas atividades comerciais. Com o fenômeno mundial de revalorização das áreas frente a água, o turismo recreativo, cultural, de compras e negócios tem se mostrado importante dinamizador econômico e social nos projetos de revitalização, onde a simbiose histórica entre cidade e mar foram amplamente exploradas podendo citar como exemplo o caso de Sydney com o Darling Harbor²⁸ e a construção do Museu Guggenheim²⁹, em Bilbao, Espanha.

²⁸ Centro de exposições em Darling Harbor, área recuperada do porto de Sidney, Australia. Arquiteto Philip Cox, abril 1989.

²⁹ O museu Guggenheim foi construído na zona portuária degradada de Bilbao, que constituía como a principal fonte de renda da cidade. O museu passou a fazer parte de um plano de desenvolvimento maior, cujo objetivo era renovar e modernizar a cidade industrial. Essa obra foi financiada pelo governo basco e pela Fundação Solomon R. Guggenheim em 1991. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786175/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-de-bilbao-gehry-partners>, acesso maio de 2018.

Esses projetos de revitalização em *waterfronts* nem sempre estão vinculados a um planejamento urbano tradicional, pois dependem de ações integradas entre o poder público (viabilizadores) e o poder privado (investidores) configurando um planejamento estratégico (Vainer, 2001), também conhecido como *opportunity projects* nas cidades norte-americanas. O planejamento estratégico se constitui quando o governo local e o setor privado visualizam, do ponto de vista capitalista, uma oportunidade de recuperar o investimento econômico e atrair a população de alta renda para as áreas portuárias.

Porém, vale registrar, que existe uma diferença entre os modos que o poder público norte-americano e o brasileiro operam e viabilizam os projetos urbanos em *waterfronts*. As prefeituras norte-americanas agem como co-investidoras possuindo independência e agilidade para perseguir suas estratégias de desenvolvimento. Essas agências co-investidoras são como agentes imobiliários que podem comprar e alienar terrenos, urbanizar, promover projetos especiais e pacotes de incentivos diversos. São exemplos destas agências: Boston Redevelopment Authority e Charles Center – Inner Harbor Management em Baltimore e, na América Latina, a Corporación de Antiguo Puerto Madero S.A., administradora do empreendimento de Buenos Aires, iniciado em 1990.

No Brasil, os projetos urbanos em *waterfronts* são, geralmente, financiados por Operações Consorciadas

(instrumento oriundo do Estatuto das Cidades³⁰) e Parcerias Públicas Privada (PPP) que articulam o poder público com a iniciativa privada usando recursos oriundos do mercado financeiro como títulos mobiliários negociáveis, ou seja, ativos de renda variável, negociados em leilões e/ou licitações públicas, cuja valorização encontra-se vinculada ao empreendimento que será construído.

Esses títulos são representados pelos Certificados de Potencial Adicional de Construção (CEPACs), vendidos no mercado de ações quando uma operação urbana é lançada³¹. Este certificado responde à problemática articulação entre a produção do espaço e o circuito de valorização financeira, inserindo-a o novo padrão de gestão e realização da riqueza capitalista globalizada, ou seja, a financeirização. No caso do Porto Maravilha no Rio de Janeiro, as obras foram financiadas através de uma parceria entre Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), Governo do Estado e o Governo Federal através da venda de títulos (CEPACs).

Adicionado aos fios que nomeiam orla, margem, franja e *waterfront*, o significado borda encontrado no dicionário

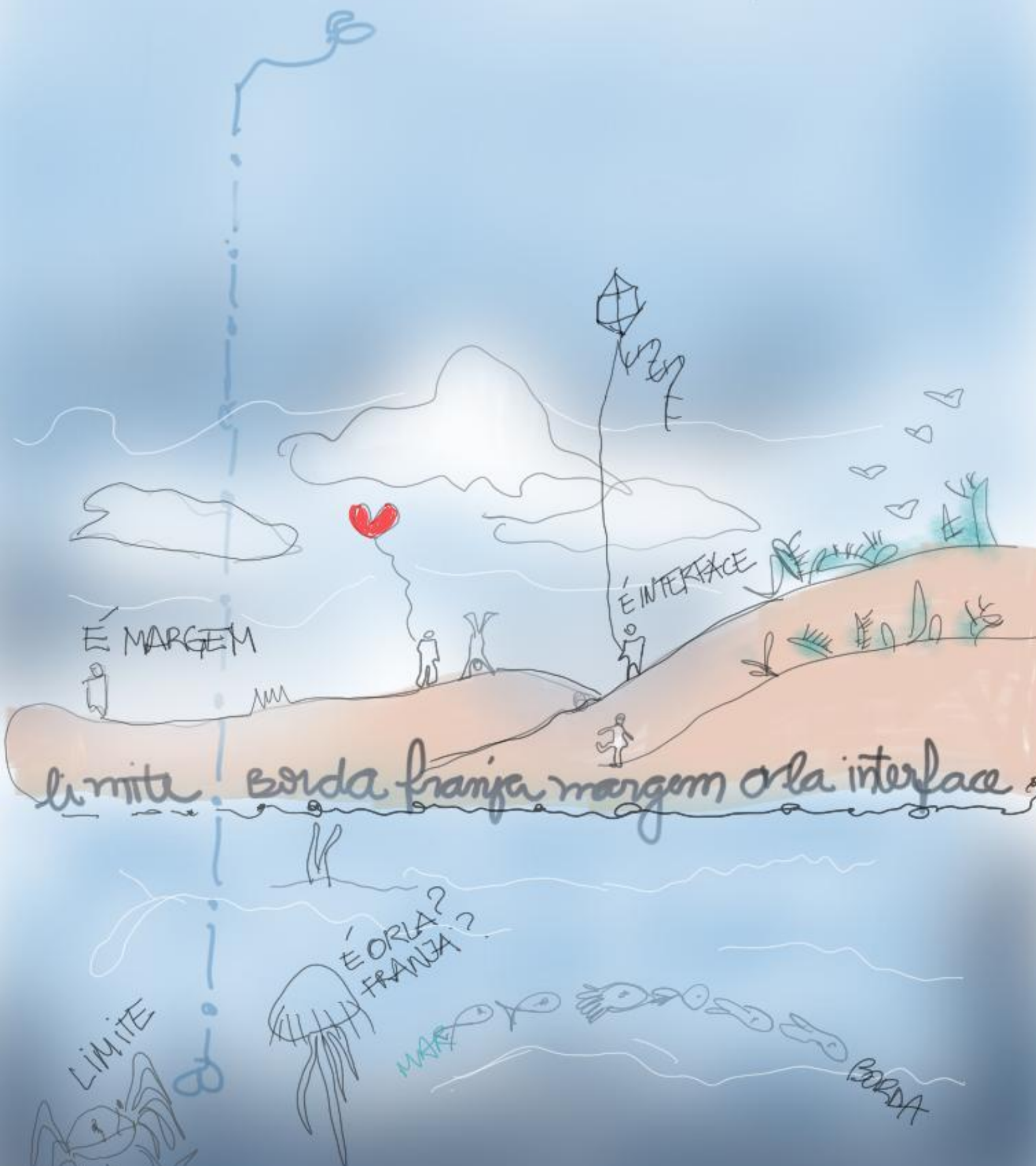
³⁰ Seção X, Artigo 32, artigo 33 da Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que define como operação urbana consorciada um conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Público Municipal, com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados, com o objetivo de alcançar em uma área transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e a valorização ambiental.

³¹ BIENENSTEIN, SOUSA, 2019, página 04.

informal³² também é incluído nessa tramatese. O termo *borda* refere-se a um substantivo feminino que possui duas definições: Borda (parte que finaliza ou remata) e faixa de terra que ladeia um rio, lago ou lagoa, beira, margem. Essa faixa de terra também se refere a um espaço situado no contorno externo imediato de algo, na interface e/ou periferia.

Após dissertar sobre o significado de orla, margem, franja, *waterfront* e bordas, termos usados, oficialmente, pelo Estado através das Leis, Planos de Gestão, Decretos e Projetos Urbanos, o objetivo dessa tramatese é buscar rasurar tais palavras através da Filosofia de Deleuze, Guatarri e Derrida. Essas rasuras serão feitas pela constituição de tramas entre falas e escritos a (N-1) considerando a multiplicidade de discursos não hegemônicos possibilitando construir dizeres outros, simulacros ou falsos dizeres com maior potência à afetação.

³² Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/borda/>, acesso em 22/12/2021



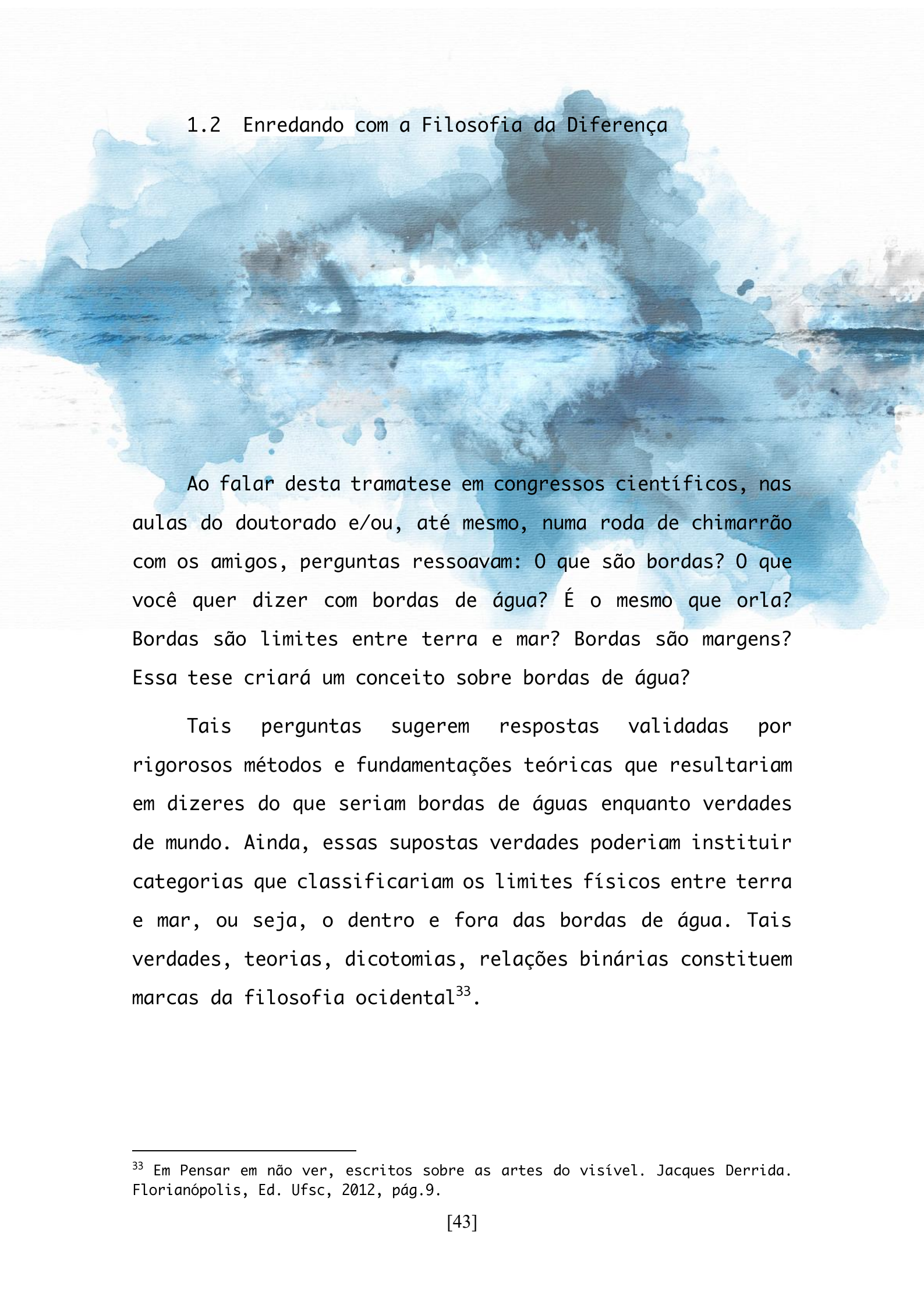


Bordadinhos

Roubo palavras de Manoel de Barros para descrever a experiência de dizer bordas de água sob o olhar da Filosofia da Diferença.

Dizer bordas é como carregar água numa peneira ou roubar o vento e sair correndo ou criar peixes no bolso ou catar espinhos na água.

Sinto como uma menina bordadeira que carrega, faceira, água numa peneira.



1.2 Enredando com a Filosofia da Diferença

Ao falar desta tramatase em congressos científicos, nas aulas do doutorado e/ou, até mesmo, numa roda de chimarrão com os amigos, perguntas ressoavam: O que são bordas? O que você quer dizer com bordas de água? É o mesmo que orla? Bordas são limites entre terra e mar? Bordas são margens? Essa tese criará um conceito sobre bordas de água?

Tais perguntas sugerem respostas validadas por rigorosos métodos e fundamentações teóricas que resultariam em dizeres do que seriam bordas de águas enquanto verdades de mundo. Ainda, essas supostas verdades poderiam instituir categorias que classificariam os limites físicos entre terra e mar, ou seja, o dentro e fora das bordas de água. Tais verdades, teorias, dicotomias, relações binárias constituem marcas da filosofia ocidental³³.

³³ Em Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível. Jacques Derrida. Florianópolis, Ed. Ufsc, 2012, pág.9.

Segundo Mora (1971)³⁴, a filosofia ocidental foi arena de discussões e divergências através dos diferentes tipos de abordagens, tais como: a ciência do ser enquanto ser (Aristóteles), o ser convertível com a verdade, sendo que a verdade vem de Deus (S.Tomé), a ciência do ente (Duns Escoto³⁵), o ser concebido como transcendental (Suárez³⁶). Porém há outras divergências que a metafísica não é uma ciência e nunca o poderá ser, pois considera como o produto das causas formais e finais (Francis Bacon³⁷) e/ou como filosofia que trata da existência de Deus e a distinção entre a alma e o corpo do homem (Descartes³⁸) constituindo enquanto verdades indubitáveis apoiadas na imanência de um eu pensante. Há ainda, uma abordagem ontológica cuja pretensão é alcançar um saber racional e completo da realidade (Hume),

³⁴ Mora, Jose Ferrater. Dicionario de filosofia. Tomo III. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1971. Páginas 2378-2385.

³⁵ Duns Escoto foi teólogo e filósofo escocês negava a distinção real entre essência e existência, opondo-se, portanto, à doutrina tomista, que primava pela lei da analogia. Para Escoto, não se pode conceber o que é ser algo sem conceber este algo existindo realmente.

³⁶ Francisco Suárez, intelectual da Companhia de Jesus, filósofo, teólogo e jurista espanhol, conhecido por revitalizar a filosofia dos séculos XVI e XVII e provocar uma ruptura nos modelos teóricos vigentes adequando-os aos novos tempos. Suárez, junto a nomes como os de Luís de Molina, Domingo de Soto, Francisco de Vitória, Juan de Mariana, Martin de Azpilcueta, José de Aguilar, Diego de Avendaño, José de Acosta, entre outros, é a grande referência da chamada Segunda Escolástica, isto é, aquela investigação filosófica e teológica desenvolvida em torno das universidades ibéricas da época, como Salamanca, Évora, Coimbra, e ibero-americanas, como San Marcos (Lima) e San Antonio Abad del Cusco, que, nos séculos XVI e XVII, revitalizam os saberes que até então eram conduzidos dentro da tradição moldada por Tomás de Aquino, Duns Scotus e outros escolásticos medievais.

³⁷ Francis Bacon, político, filósofo empirista, cientista, ensaísta inglês, barão de Verulam e visconde de Saint Alban. É considerado como um dos fundadores da Revolução Científica.

³⁸ René Descartes, Descartes, por vezes chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna", é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental.

ideia criticada por Kant, pois a metafísica deve sujeitar-se sempre a crítica.

Assim, segundo Mora (1971)³⁹ a metafísica correspondeu, durante a idade moderna e constitui na contemporaneidade, independentemente de sua abordagem ontológica, dicotômica e/ou transcendental, um dos grandes temas de debates filosóficos como algo sempre presente, instituidor de verdades de mundo. Frente as verdades instituídas pela metafísica como uma forma de dizer o que seriam bordas de água, é necessário reconhecê-la para poder traçar críticas, posicionamentos e disputar outras formas de abordar bordas de água.

Essas outras formas de falar bordas de água encontram-se na afectação e na potência da Filosofia pós-estruturalista da segunda metade do século 20 através dos filósofos pós-modernos, também conhecidos como pensadores do pós-estruturalismo. Um dos primeiros filósofos a questionar os valores absolutos, eternos, universais ou imutáveis foi Nietzsche, pois acreditava que a vida não se restringia apenas ao pensamento lógico e racional, mas que o comportamento humano, na sua maioria, era decorrente de regras não-conscientes impulsionados por movimentos e estímulos, o que chamava de potência.

³⁹ Mora, Jose Ferrater. Dicionario de filosofia. Tomo III. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1971. Pág.2385

Segundo Peters (2000)⁴⁰, os autores pós-estruturalistas que se inspiraram nas obras de Friedrich Wilhelm Nietzsche foram: Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Felix Guatarri, Jacques Derrida e Michel Foucault. Porém, dentre esses autores, Deleuze, Guatarri e Derrida são acionados nesta trama-tese para falar de bordas de água, pois possuem aproximação e afectação com a Arquitetura e Urbanismo e o Cinema. Tais autores auxiliam a rasurar os limites geográficos e metafísicos, desconstruir conceitos sobre bordas de água enquanto lugares dicotômicos (terra/mar), questionar o tempo cronológico e buscar uma outra escritura através dos roteiros.

A abordagem de Deleuze inspirou arquitetos como Lina Bo Bardi⁴¹ para discutir o papel do arquiteto e urbanista na sociedade através do radicalismo moderno, utilizado com o intuito de gerar aproximação da cultura e modo de vida popular, a fim de desfazer as diferenças entre a cultura de elite e a cultura popular. A aproximação de Derrida com a Arquitetura e Urbanismo ocorre no trabalho intitulado *Chora L Works*⁴² no qual contém sete transcrições de uma discussão

⁴⁰ PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Pág.12

⁴¹ Achillina Bo, conhecida como Lina Bo Bardi, imigrante italiana, foi uma das arquitetas mais emblemáticas do século XX pelo estilo simples, pela antropologia, política e por unir a arquitetura moderna ao popular. Ficou conhecida por ter projetado o Museu de Arte de São Paulo (MASP), Casa de Vidro e o Sesc Pompeia (SP). Disponível em: <https://laart.art.br/blog/lina-bo-bardi/>. Acessado em junho de 2021.

⁴² A aproximação entre a arquitetura e urbanismo pós-estruturalista com a filosofia derridiana aparece emblematicamente exposta em uma série de notas, cartas, desenhos e artigos datados de 1985 reunidos em um livro chamado *Chora L*

realizada entre Jacques Derrida e Peter Eisenman⁴³ para o Concurso do Parque La Villette que aconteceu em Paris no ano de 1982. O modo de escrita do Chora Works opera na tentativa da desconstrução da metafísica, paradoxalmente tarefa que Derrida considera impossível na medida em que a linguagem é metafísica. Então, Chora Works opera no limite, no escancarar dos fundamentos estruturantes e na busca por subverter dicotomias que brincam com o dentro e fora da própria obra.

A discussão no Chora Works traz a abordagem de Khôra que aparece, metaforicamente, como um lugar de criação, um receptáculo, que mais situa do que é situado. Porém, Khôra está para alguém da polaridade, pode ser “isso”, “aquilo” ou “tudo isso” e “tudo aquilo” como também “tudo” e “nada”, porém não é sujeito, nem nome, nem lugar, Khôra não é (DERRIDA, 1993). Nesse sentido, khôra chega nesta trama-tese como possibilidade de algo que está por vir que não é o futuro e nem uma ideia reguladora presente nos discursos e nas diretrizes do Planejamento Urbano e Regional para as bordas de água das cidades.

Para além da escritura, Khôra entra, graficamente, nesta tramatese como algo que vai se desenhando, na busca por não fechar a trama das palavras e/ou os desenhos, mas de

Works. KIPNIS, Kpnis, LEESER, Thomaz [Org.]. Chora L Works Jacques Derrida and Peter Eisenman. New York: The Monacelli Press, 1997.

⁴³ Peter Eisenman, arquiteto e teórico, é um dos principais representantes do desconstrutivismo na Arquitetura e no Urbanismo. PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

deixar fios e imagens para que cada um possa tecer e buscar infinitos significados de bordas de água. Assim, os modos de dizer bordas de água vão se compondo através das linhas de segmentação ou articulação, estratos, territorialidades, mas também linhas de fugas, movimentos de desterritorialização e desestratificação.

As linhas de fuga, segundo Deleuze (1997), constituem agenciamentos. Um livro, assim como essa tramatese é uma espécie de agenciamento, que não são representados por objetivos e/ou destinos pré-determinados, mas constituem expressão do desejo, deixando, apenas, nomes enquanto rastros e intensidades⁴⁴. Nesse sentido, a pergunta nunca se refere ao objetivo, tampouco ao significado de bordas de água, mas refere-se as quais multiplicidades que a tramatese se metamorfoseia e converge com os teus desejos?

Assim, a escritura desta tramatese não se esgota em fechar um significado ou conceito, pois o movimento da escrita está sempre por vir⁴⁵. Esse movimento do por vir está relacionado com a ideia de devir. Segundo Deleuze (1997), o escritor torna-se um pouco feiticeiro, pois é atravessado por estranhos devires que não são somente devires-escritor, mas devires-animal, que são capazes de compor bandos, matilhas, ou seja, capacidade de andar em grupos relacionando-se internamente e com seu ambiente. Ao conviver

⁴⁴ DELEUZE, G. & Guattari, F. (1997). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1). São Paulo: Ed. 34. Página, 18.

⁴⁵ Ibidem, página 19.

com a matilha, sempre encontraremos um animal anômalo que pode ser a ponta de desterritorialização do bando.

O anômalo é aquilo que não tem nome, que não foi (des)territorializado, nem codificado, o feiticeiro, o demônio. É nessa anomalia que surge a possibilidade de experimentar as bordas de água enquanto percepção e afectação. Segundo Deleuze (1992), os perceptos não mais são as percepções, pois independem do estado daqueles que os experimentam. Já, os afectos não correspondem mais aos sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. Assim, as sensações, como perceptos e afectos, não remetem a um objeto de referência, sujeito e/ou sentimento. Se as sensações tiverem semelhança com algo, essa semelhança é produzida por seus próprios meios, resultado de suas próprias afectações⁴⁶.

Nesse sentido, as bordas de água podem ser pensadas enquanto devires que estão vinculada ao processo do desejo, como uma composição de afectos e perceptos. Esse conjunto de sensações disparam infinitas possibilidades de devires que não estão relacionados com uma imitação ou analogia de algo⁴⁷, pois correspondem apenas a um ponto de partida para criação de novas subjetividades cujo devir nunca se concretiza, será sempre um processo de agenciamento do desejo movido por

⁴⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a Filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Capítulo Percepto, afecto e Conceito. Página 216.

⁴⁷ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998 (do original dialogues, 1977). Pág.66.

intensidades, relações de movimento e repouso, afectações que fazem o devir acontecer.

Assim, os devires nesta tramatese, são disparados pelo desejo de novas e outras possibilidades de torna-se bordas de água que se desenham a partir dos personagens que surgem nas derivas aleatórias constituindo os bordantes dessa trama. A escritura, inspirada no filme *Multiplot*, acontece num tempo que não é cronológico cuja abordagem é operada através de Deleuze e Guatarri, subvertendo a cronologia dos fatos históricos do planejamento urbano para a cidade do Rio de Janeiro. Os bordantes é um nome criado para os bordadores e personagens e pessoas que tramam dizeres borda na cidade do Rio de Janeiro nesta tramatese.



1.3 O Tempo das bordas

Bordadinho sobre o tempo:

Em certa manhã de Montevideu
E se entrega à justiça, declarando
Ter agido sozinho e não ter cúmplices;
O soldado que morre em chão normando,
O que na Galiléia encontra a morte.

Essas coisas podiam não ter sido.
Quase não foram. Nós as concebemos
Em um ontem fatal e inevitável.
Não há outro tempo que o agora, este ápice
Do já será e do foi, daquele instante
Em que a gota cai na clepsidra.
O ontem ilusório é um recinto
De imutáveis figuras de cera
Ou de reminiscências literárias
Que o tempo irá perdendo em seus espelhos.
Carlos Doze, Breno, Érico, o Vermelho,
E a tarde inapreensível que foi tua
Na eternidade são, não na memória

(trecho do poema Passado, Ouro dos Tigres, Borges)

Fonte: BORGES, Jorge Luis. O ouro dos tigres. In: BORGES, Jorge Luis. Poesia. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009d. p. 79

A tramatese é composta por partes (tramas) que contêm falas de personagens que tramam múltiplos dizeres sobre as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. A trama dos dizeres traz fragmentos de leis urbanísticas, trechos da história do Urbanismo da cidade, assim como letras de músicas que agem enquanto devires e espectros, instigando a política, questionando e/ou reafirmando as diretrizes de planejamento urbano, desafiando verdades e ressignificando os desejos dos personagens.

O tempo dos episódios não segue o Cronos do calendário ou do relógio, medido por horas, minutos, dias, semanas, meses e anos. Esse tempo também foi questionado a partir do encontro com a Filosofia de Deleuze, Guattari e Derrida. A partir desse encontro, compreendeu-se que passado, presente e futuro não correspondem as três dimensões do tempo, pois só o presente preenche o tempo, passado e futuro são duas dimensões relativas ao presente⁴⁸. De acordo com Deleuze (1974), o tempo presente compreende a duas leituras de tempo: Cronos, o presente limitado que mede a ação dos corpos como causas e o estado de suas misturas em profundidade e Aion como o lugar instantâneo, dos acontecimentos incorporais povoados de feitos que o habitam, sem nunca os preencher.

Cronos aparece em Deleuze (1974) como o tempo das profundezas dos corpos e dos estados de coisas, um presente vasto e profundo que envolve passado e futuro, com uma

⁴⁸ DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original *logique du sens*, 1969). Página 167.

duração maior, podendo ser compreendido como um presente estendido. Esse presente não é ilimitado, pois pertence ao presente delimitar, ser o limite ou a medida das ações dos corpos ou a unidade de todas as causas. O vasto presente se contrai e se dilata em profundidade para absorver ou restituir os presentes relativos que o envolve⁴⁹.

A profundidade do tempo presente também é conhecida como Mau Cronos ou devir-louco da profundidade (Deleuze, 1974). O devir ameaça a ordem dos corpos qualificados que perderam suas medidas e não são mais do que simulacros⁵⁰. Assim, presente e passado constituem forças ameaçadoras que se vingam no abismo ameaçando o presente e tudo o que existe. É importante dizer que, para Deleuze (1974) há dois Cronos, o bom e o mau, ambos são verdadeiros, pois se constituem enquanto presente vasto e profundo, embora um busque esquivar-se e/ou subverter o outro, como se um desses tempos quisesse morrer⁵¹.

Distinto de um presente vasto e estendido, o Aion absorve passado e futuro dividindo, a cada instante, o tempo presente e, ainda, subdividindo o infinito em passado e futuro, tudo ao mesmo tempo⁵². O instante, também é entendido como o tempo de um piscar de olhos, o tempo do bailarino, do ator ou do mímico, do que já se foi e que agora já outro. Esse tempo aparece como um presente sem espessura, onde

⁴⁹ DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original *logique du sens*, 1969). Página 168.

⁵⁰ Ibidem, pág. 169.

⁵¹ Ibidem, pág 169.

⁵² Ibidem, pág 169.

passado e futuro insistem ou subsistem no tempo, atuando sempre em linha reta e de forma vazia, onde o presente é o tempo da operação pura, dos efeitos incorporais de superfície.

Segundo Deleuze (1974), Platão aborda que o instante pode ser considerado atópico ou *atopon*, ou seja, pode ser considerado uma instância paradoxal ou ponto aleatório, o não senso da superfície, a quase-causa, o puro movimento que é capaz de dividir e subdividir o presente em passado-futuro, ao mesmo tempo, sobre a linha do Aion⁵³. Sendo atópico, ele está sempre deslocado em relação a si mesmo, não podendo ser considerado um ponto fixo, mas instantâneo e descentrado que extrai do presente, bem como dos indivíduos, as singularidades duplamente projetadas, uma vez no futuro e outra no passado, formando, sob essa dupla equação, os elementos constituintes do acontecimento puro⁵⁴.

Os acontecimentos puros fundamentam a linguagem pois não têm existência pura, singular, impessoal e pré-individual senão a própria linguagem que os exprime. É no expresse, na sua independência, que os acontecimentos fundamentam a linguagem, ou seja, a propriedade metafísica adquirida pelos sons de ter um sentido e, também, de significar, manifestar e designar estão no lugar das qualidades físicas pertencentes aos corpos⁵⁵.

⁵³ DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original *logique du sens*, 1969). Página 171.

⁵⁴ Ibidem, pág.171.

⁵⁵ Ibidem, pág.172.

Assim o Aion, tanto como o Mau Cronos, se opõe ao presente corporal e medido, tendo a capacidade de se esquivar do presente com as mesmas contradições que referem a qualidade, quantidade, relação e modalidade, tendo a possibilidade de se transformar em simulacros, que por sua vez, tornam-se fantasmas. Mas, qual seria a diferença entre Aion (devir da superfície) e o Mau Cronos (devir da profundidade)?

Segundo Deleuze (1974), é com toda força do agora que o devir da profundidade opõe o seu presente transloucado ao presente da medida (Cronos), enquanto o devir da superfície esquia-se com toda potência de um instante que distingue o momento do presente sobre o qual cai e recai a divisão do tempo. Enquanto Cronos exprime a ação dos corpos e a criação das qualidades corporais, Aion é o lugar dos acontecimentos incorpóreos e dos atributos distintos das qualidades. Outra diferença é que as causas e matérias são inseparáveis dos corpos no Cronos enquanto o Aion é povoado de efeitos que o habitam sem nunca o preencher. E, ainda, enquanto Cronos era limitado e infinito (presente expandido), Aion é ilimitado como futuro e passado, mas finito como o instante⁵⁶.

Assim, os devires da profundidade e os acontecimentos da superfície se manifestam nesta tramatese através dos espectros que aparecem nas falas, gestos, figurinos, modos de andar e parar dos bordantes. Esses espectros são abordados

⁵⁶ DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original *logique du sens*, 1969). Página 170.

também sob a lente filosófica de Derrida⁵⁷ que agem enquanto formas fenomenais que aterrorizam, questionam e/ou reiteram a ordem estabelecida pelas leis do Planejamento Urbano e Regional das bordas de água.

O espectral, antes de tudo, é sem substância, nem essência, nem existência, jamais se apresenta como tal⁵⁸. Então, para lidar com essas falas assombradoras num presente estendido, consiste em aprender viver com os fantasmas, no encontro, na companhia no corporativismo ou simplesmente no instante do puro acontecimento. Estar com os fantasmas, segundo Derrida (1993), é uma política da memória, da herança e das gerações. Não significa viver melhor, mas viver com os fantasmas.

Esses fantasmas, segundo Derrida, podem ser chamados de espectros de alteridade formando um exterior constitutivo, que não é um exterior absoluto, mas que está relacionado com uma possibilidade de desestabilização, articulação e rearticulação, colocando os bordantes dessa tramatese (e nos coloca) numa posição de quase inumano. O espectro, então toma o corpo, assim como as palavras, possuindo uma característica de ser sempre retornante (mas com

⁵⁷ O espectro vem do texto - Espectro de Marx- no qual Derrida questiona para onde vai o Marxismo, um grande movimento político e ideológico que assombra contemporaneamente o mundo inteiro. Tal indagação traz uma possibilidade de algo que ainda está porvir, que escapa ao tempo e deixar-se estar com os espectros. Ao abordar o pensamento de Marx, Derrida fala dos espectros de Marx, do que permanece, entre o material e o imaterial, nem corpo, nem alma, que assombra o contemporâneo impedindo o seu fechamento. Esse tempo, em sua trama derridiana é um tempo disjunto e desconjuntado (*out of joint*) cuja inspiração encontra-se em *Hamlet*, de Shakespeare, na figura do fantasma do pai. In: Derrida, Jacques. Espectro de Marx. Paris: Galiléé, 1993.

⁵⁸ Derrida, Jacques. Espectro de Marx. Paris: Galiléé, 1993. Pág.11.

acontecimentos outros) não tendo meios de controlar suas indas e vindas, pois se constitui como algo que hesita de maneira indecível entre o visível e o invisível.

As vozes dos bordantes nesta tramatase falam dos fantasmas que assombraram e ainda assombram as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, porém já estão desdobrados e ditos de outras formas. Os bordantes incorporam trechos de músicas, falas e ou fragmentos presentes nos projetos e intervenções urbanas que interferiram na mobilidade, paisagem, relações e ocupação das bordas de água da cidade.

Dentre os projetos e intervenções urbanas pode-se citar: Construção do primeiro aterro marítimo para criação da área central portuária⁵⁹, a demolição do Morro do Castelo⁶⁰ na década de 1920, onde foram removidos milhares de m³ de terra junto com milhares de pessoas para dar lugar à Exposição comemorativa do Centenário da Independência, a criação do Aterro e Parque do Flamengo⁶¹ na década de 1960 realizada no mandato do governador Carlos Lacerda, o projeto Rio Orla na década de 1990 que era do Leme ao Pontal (esse projeto entrará nas cenas sobre Opacidade Tonais), Projeto Porto Maravilha realizado por Eduardo Paes (2009-2016)

⁵⁹ Para construção do primeiro aterro foi demolido o Morro do Senado com objetivo de aterrar 170 hectares sobre o mar, diante dos morros do Livramento, Conceição, Providência e Saúde.

⁶⁰ Operação urbana que avançou 67 mil m² de solo para o mar com objetivo de abrigar o espaço da Exposição em 1922. Essa operação também fez desaparecer as históricas Praias de Santa Luzia e a Ponta do Calabouço. Nesse mesmo lugar, nos anos 40, foram construídos o Aeroporto Santos Dumont e o restante da terra foi utilizado para a urbanização da orla da Lagoa Rodrigo de Freitas e a criação do Jardim de Alah.

⁶¹ A construção do aterro já começava a partir da enseada da Glória (1955). O Parque do Flamengo foi construído com as terras do Morro de Santo Antônio.

atingindo cerca de 5 milhões de m² criando o Museu de Arte do Rio (MAR)⁶² e Museu do Amanhã na Praça Mauá⁶³, construção do Túnel Prefeito Marcello de Alencar⁶⁴, implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT)⁶⁵ e remoção da Vila Autódromo (zona oeste da cidade)⁶⁶ para construção do Complexo Olímpico em 2016⁶⁷.

Essas rememorações estão presentes nas falas dos bordantes que foram criados a partir de afectações que atravessaram e atravessam a escrita da tese (professores e colegas de doutorado, parceiros da cenografia e amores e músicas e leituras para tese e encontros gpmcistas⁶⁸ e tertúlias e pessoas que estavam nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Esses doces atravessamentos tornaram potência para criar e escrever as falas desta tramatese.

⁶² Inaugurado em março de 2013, o MAR está instalado em duas construções com estilos heterogêneos, porém interligados. O antigo palacete de Dom João VI se une à uma edificação modernista.

⁶³ O Museu do Amanhã é um museu construído na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava, foi inaugurado em 17 de dezembro de 2015.

⁶⁴ Inaugurado em 19 de junho de 2016, o túnel foi construído através de uma operação urbana que visava revitalizar a Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Sua função é escoar o tráfego da Avenida Alfred Agache até a Avenida Rodrigues Alves e vice-versa.

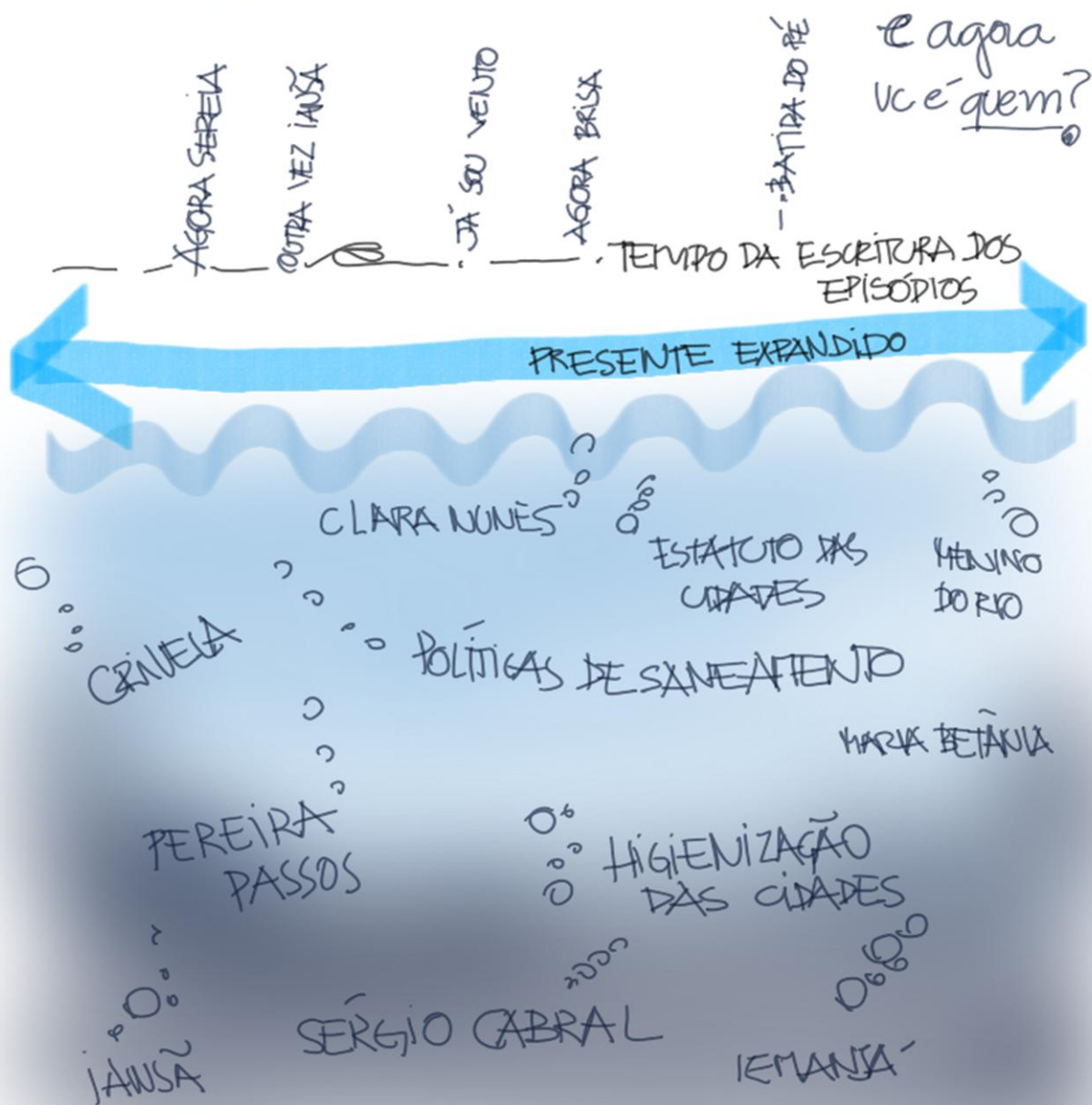
⁶⁵ A inauguração do VLT Carioca ocorreu em 5 de junho de 2016. Ao longo dos 18 meses, foram 6 etapas de inauguração até as duas primeiras linhas entrarem totalmente em operação: inauguração da linha 1, entre Santos Dumont e Parada dos Museus.

⁶⁶ A Vila Autódromo estava situada ao lado do Parque Olímpico e foi um dos principais alvos dessa política dos jogos olímpicos. Em 2014, parte dos moradores começaram a ceder às pressões, e as demolições aconteceram na comunidade.

⁶⁷ O Parque Olímpico da cidade do Rio de Janeiro é um complexo esportivo construído para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 e está localizado no bairro da Barra da Tijuca, na zona oeste da cidade.

⁶⁸ Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura – IPPUR-UFRJ (Fred e Heitor e Lê e Arthur e Lorrá e Iaci e Samuca e Pri e Beth e Amandinha e Ripol e Raphi e Gabri e Ricardo e Azul e Roni e)

TEMPO DAS BORDAS (DO TORNAR-SE BORDA)



BORDADO 2: LUGAR, DERIVAS E BORDANTES



Bordadinho

caminante, no hay camino,
se hace caminho al andar

MACHADO, 1995. Pág. 66

2.1 Sobre o lugar

Já dizia Deleuze e Guatarri (1996) que somos segmentados por todos os lados e em todas as direções. Essa segmentação pertence a todos os estratos que nos compõe desde o habitar, circular, trabalhar e brincar, ou seja, o vivido é segmentado espacialmente e socialmente⁶⁹. Assim como a casa é segmentada conforme a destinação dos ambientes, a cidade também é segmentada através da divisão das ruas, dos lotes e dos bairros.

No caso das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, a segmentação também ocorre nas esferas legais através das legislações federais, estaduais e municipais que ditam regras e diretrizes urbanísticas nas diferentes macrozonas onde as bordas de água são, espacialmente, segmentadas. Além da segmentação legal, há a segmentação social promovida pela implantação de projetos urbanos financiados por políticas público privadas e operações consorciadas decorrentes da ação do planejamento estratégico.

Nesse sentido, mesmo que a escritura sobre legislação urbana não seja tão desejada, é importante abordar sobre como o planejamento estratégico corrobora para a segmentação social das bordas de água e descrever segmentação legal através das esferas federais, estaduais e municipais. Essas abordagens ajudam a contextualizar os territórios bordas de

⁶⁹ DELEUZE, Gilles. Mil platôs (volume 3) – Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996 (v.3), do original Mille plateaux – Capitalisme et schizophrénie, 1980. Pág.92.

água e, principalmente, entender as falas dos bordantes que surgiram das derivas aleatórias.

2.1.1 Planejamento Estratégico Urbano

As transformações observadas nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro através das obras para Olimpíadas de 2016⁷⁰, obras do Porto Maravilha⁷¹ e obras do VLT (veículo leve sobre trilho)⁷² são decorrentes de um planejamento estratégico urbano que opera de forma hegemônica no território, não constituindo esses lugares como um espaço

⁷⁰ Dentre algumas obras realizadas para as Olimpíadas de 2016, podem-se citar: a construção da Arena de Handebol, dos escritórios Lopes Santos e Ferreira Gomes Arquitetos + OA | Oficina de Arquitetos, a implantação do Parque Radical, da Arena da Juventude, adaptação do Centro Nacional de Tiro Esportivo e projeto para o Centro Olímpico de Hóquei, projetos do escritório Vigliecca & Associados, demolição da Perimetral e Remoção da Vila Autódromos para a construção da Vila Olímpica. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/794134/jogos-olimpicos-2016-dois-legados-para-o-rio> ISSN 0719-8906. Acesso em 23 de agosto de 2022.

⁷¹ As obras do Porto Maravilha foram divididas em 2 fases. A primeira fase consistiu na urbanização do Pier Mauá, revitalização da Praça Mauá, implantação do trecho inicial do Binário do Porto, reurbanização do Morro da Conceição (através da instalação de vias locais, soterramento de fiação elétrica, restauro do patrimônio histórico, como o Jardim do Valongo e Pedra do Sal), demolição da alça de subida do elevador da perimetral e a construção de garagem subterrânea na Praça Mauá.

A segunda fase consistiu na reurbanização de aproximadamente 40 km de vias, implantação de ciclovias, redes de saneamento básico, energia elétrica, telefonia, gás encanado, sistema de melhoria da qualidade das águas do Canal do Mangue, demolição do elevador da perimetral no trecho entre a Praça Mauá e a Avenida Francisco Bicalho, construção de túnel entre a Praça Mauá e a Avenida Rodrigues Alves, construção de duas rampas ligando o Viaduto do Gasômetro ao Santo Cristo, ampliação do atual túnel ferroviário sob o Morro da Providência. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165511/4162118/projeto_porto_maravilha. Acesso em 25 de agosto de 2022.

⁷² O projeto para o VLT pertence à Prefeitura do Rio de Janeiro, foi construído e será operado por 25 anos (de 2013 a 2038) pela Concessionária do VLT Carioca, consórcio formado por quatro empresas brasileiras e duas empresas estrangeiras. Acesso em: <https://www.vltrio.com.br/#/> Acesso em 25 de agosto de 2022.

complexo, social e cultural, mas enquanto lugar para investimentos públicos privados.

A prática do planejamento estratégico urbano opera através de um instrumento determinista que colabora com a implantação de intervenções projetais urbanas não integradas à cidade e nem integradoras com as pessoas que ocupam esses lugares. Segundo Saboya (2008), o instrumento determinista não se resume apenas ao Plano Diretor e seu zoneamento, pois está relacionada com as oportunidades, as vantagens competitivas e as respostas de um mercado consumidor, onde a moeda de troca do Poder Público é a concessão de aumento do Coeficiente de Aproveitamento ou modificação dos usos permitidos para o local. Desta forma, tais regalias são concedidas ao poder privado em troca de contrapartidas que podem ser financiadoras ou de outra natureza como a criação e/ou adoção de espaços públicos⁷³.

Segundo Vainer (2000) o planejamento estratégico urbano ocupa o lugar do instrumento determinista padrão-tecnocrático-centralizado, migrando do debate sobre racionalização do uso do solo, crescimento desordenado e força de trabalho para a problemática da competitividade urbana. Tal competitividade é decorrente de um planejamento empresarial, sistematizado por *Harvard Business School*, onde o poder público (viabilizadores) e o poder privado

⁷³ SABOYA, Renato. Planejamento Estratégico de Cidades - parte 1, In: Logo - Urbanismo, Planejamento Urbano e Planos Diretores, 29 maio de 2008. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2008/05/planejamento-estrategico-de-cidades-parte-1/>

(investidores) garantem os investimentos e norteam a implementação dos projetos urbanos a curto, médio e longo prazo.

Esse modelo de planejamento vem sendo difundido na América Latina pela ação das agências multilaterais (Agência Habitat das Nações Unidas, Banco Mundial) e de consultores internacionais, principalmente, catalães que usam como exemplo as intervenções realizadas em Barcelona⁷⁴. Esse modelo torna a privatização e financeirização uma rotina para as cidades, fazendo com que tenham necessidade de competir pelo investimento de capital, tecnologia, atração de novas indústrias e negócios, e, principalmente, ser competitivas pela qualidade e o preço⁷⁵. Tais necessidades são partes constituintes do chamado *marketing urbano* que, a partir das características de cada cidade e dos diversos tipos de mercado, os especialistas examinam os atributos locais que a cidade pode vir a oferecer para cada tipo de consumidor⁷⁶.

Nessa venda das cidades, estão contemplados os insumos valorizados pelo capital transnacional: espaços para feiras,

⁷⁴ O Plano Estratégico da cidade de Barcelona de 20 de abril de 1988, indicou uma série de transformações: a) Perspectivas do Mercado Único para o ano 1992, b) Configuração de uma macro-região européia em um raio de 350 km; c) Transformação derivada dos numerosos processos de renovação, transformação urbana, tecnológica e econômica para Jogos Olímpicos de 1992. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1267>. Acessado em 04 de janeiro de 2018.

⁷⁵ VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. Pág. 77

⁷⁶ KOTLER, P.; HAIDER, D.H & REIN, I. Marketing Público. São Paulo, Makron Books, 1994. Pág. 32.

parques tecnológicos e industriais, oficinas de informações e serviços a investidores, torres de comunicação e comércio, além de programa de hotéis, projetos culturais e ofertas turísticas. Esse programa de necessidades, é de certa forma, universal entre as cidades que compartilham do planejamento estratégico urbano, como é o exemplo do Rio de Janeiro através do Projeto Porto Maravilha⁷⁷, Porto Alegre-RS através da implantação do Projeto Cais Mauá⁷⁸ e em Recife-PE com a construção do Projeto Estelita⁷⁹.

Tais projetos têm em comum a construção de grandes empreendimentos comerciais, residenciais e culturais em bordas de água, financiados através das Operações Consorciadas (OC) e das Parcerias Públicas Privadas (PPV) que passaram a se constituir como instrumento de gestão pública. O programa de necessidades do projeto Porto Maravilha traz o discurso de revitalização, requalificação

⁷⁷ O Projeto Porto Maravilha prevê vários programas que iniciaram em 2012 até 2018, os quais são: Morar Carioca - Urbanização e Minha Casa Minha Vida, UPP Social, Bairro Maravilha, Porto Maravilha, Parque Olímpico, Rio Verde, Transformação da Rio Branco, Revitalização da Cidade Nova. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104304/planejamento_estrategico_1316.pdf. Acesso em setembro de 2020.

⁷⁸ A revitalização do Cais Mauá foi concebida pela equipe do arquiteto Jaime Lerner juntamente com o escritório espanhol B720. O projeto de revitalização foi dividido em três setores: Setor Gasômetro, Setor Armazéns e Setor Docas. O projeto consiste em um Centro Comercial com áreas lojas, administrativas, áreas culturais e de lazer, restaurantes, praça de alimentação, ambulatório, brigada de incêndio, espaço para eventos, serviços e escritórios de administração do empreendimento. Disponível em: <https://grifoarquitetura.com.br/revitalizacao-do-cais-maua-porto-alegre/> Acesso em 23 de maio de 2020.

⁷⁹ O projeto foi desenvolvido pela Construtora Moura Dubeux que começou as obras de mitigação no Cais José Estelita, acordadas com a Prefeitura do Recife em 2017. O processo inclui a implantação de um parque linear ao longo do cais, implantação de equipamentos de esporte e lazer, ciclovias, construção de 200 habitações e a demolição do Viaduto das Cinco Pontas. Disponível em: <https://www.cbnrecife.com/artigo/obras-do-projeto-novo-recife-devem-ser-retomadas-apos-aval-do-pleno-do-tjpe>. Acessado em 12 de junho de 2021.

e reforma evidenciando a dinâmica capitalista que se materializa por meio da expansão geográfica e da ordenação espacial.

A privatização dessas áreas de bordas de água ocorre através da financeirização dos grandes projetos urbanos contemporâneos homogeneizando os espaços de uso comum da população resultando em um lugar unificado para a valorização do Capital. A expressão – Homogeneização – traz em si problemas de sinônimo como nivelamento ou igualação, porém, segundo Brandão (2011), o sentido da palavra é de acumulação de capital que busca criar condições básicas universais, análogas, semelhantes e regulares abrindo horizontes e dispondo/conformando espaços para a valorização capitalista⁸⁰.

Esse discurso de dizer como devem ser ocupadas as bordas de água apreende os processos assimétricos em que um agente privilegiado detém o poder de ditar, (re)desenhar, delimitar e negar domínio de ação e raio de manobra a outrem. Os agentes privilegiados (promotores financeiros) conjuntamente com Estado através de Políticas Públicas (re)afirmam enquanto núcleos hegemônicos um alto grau de autonomia reprodutiva, de capacidade inovativa em contraponto as discussões democráticas e aos seus subordinados.

Tais seres hegemônicos estão tendo força para propor, articular e sustentar uma ação no espaço, administrar e

⁸⁰ BRANDÃO, Carlos. Estratégias hegemônicas e estruturas territoriais: o prisma analítico das escalas espaciais. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 21, n. 2, p. 303-313, abr./jun. 2011.

centralizar uma coesão nacional imaginária que se exerce sobre determinados grupos subordinados. Desta forma, ao desempenhar a função de guia legítimo, os agentes desenvolvem e articulam modos de prestígio, intimidação e coerção, realizando um jogo de contraposições/conjugação entre força e legitimidade, entre o coativo e o persuasivo, entre potência e direção, submissão e consenso⁸¹.

Desta forma, a hegemonia cumpre uma função regulatória das contradições presentes nas diversas frações do poder e possui uma capacidade de ocultar conflitos e fissões que forjam e cristalizam uma relação de forças condicionando e limitando as ações dos subalternos. Segundo Brandão (2011), os subalternos, por desagregação e/ou falta de coesão, são deserdados de suas propriedades e tornam incapazes de encarnar e serem portadores de um projeto que contenha às suas aspirações e necessidades.

Diante da abordagem sobre o Planejamento Estratégico Urbano identificam-se ações (parcerias entre público-privado, marketing urbano, competitividade entre os investidores), hegemonia tanto do Estado (através de Políticas Públicas) quanto dos investidores que ditam regras e formas de ocupação das bordas de águas das cidades. Para além dessa abordagem, é importante apresentar as diretrizes do Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II para as bordas de água das cidades, as especificações da lei do Plano

⁸¹ BRANDÃO, Carlos. Estratégias hegemônicas e estruturas territoriais: o prisma analítico das escalas espaciais. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 21, n. 2, p. 303-313, abr./jun. 2011, pág. 307.

Diretor da cidade do Rio de Janeiro que incluem a política de viabilização dos grandes projetos urbanos e as diretrizes do Plano Estratégico para a cidade desenvolvido no governo do Prefeito Eduardo Paes entre os anos de 2013-2016.



Bordadinho Trio de Charme

A Orla Prefeito Luiz Paulo Conde será um passeio público de 3,5 quilômetros entre o Armazém 8 do Cais do Porto e a Praça da Misericórdia, ao lado da Praça XV. Pedestres e ciclistas poderão circular por uma área arborizada no Centro histórico, em circuito repleto de museus e pontos culturais. Uma amostra da beleza da nova orla já pode ser apreciada por quem visita a Praça Mauá, transformada em esplanada. É o Porto do Rio renascendo e mostrando sua vocação de lazer e cultura. Um presente para a cidade.

Eduardo Paes Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

(trecho do Editorial da Revista Trio de Charme, disponível em: <http://www.portomaravilha.com.br/uploads/revistas/bf3cb6bcceec97d9d197a1c594477f8.pdf>). Acesso em 12 de maio de 2020.



2.1.2 Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, Plano Diretor e Plano Estratégico para a cidade do rio de janeiro.

Falar das diretrizes de ocupação para as bordas de água é abordar vários planos, decretos e resoluções cuja hierarquia se dá de cima para baixo: Federal – Estadual-Municipal. Dentre as leis e planos que incidem sobre as bordas de água do Rio de Janeiro, podem-se citar: Código de Águas⁸², Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II (PNGC)⁸³, Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH)⁸⁴, Plano Diretor do município⁸⁵ e Plano Estratégico para a cidade do Rio de Janeiro (2013-2016)⁸⁶.

O Código de Águas, que ainda está em vigor, determina que são expressamente proibidas construções que possam poluir ou inutilizar o uso ordinário da água, devendo ser demolidas todas as obras irregulares. A Política Nacional de

⁸² Decreto Federal 24.643, de 10 de julho de 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d24643compilado.htm. Acesso em 10 de março de 2019.

⁸³ O PNGC foi constituído pela Lei 7.661, de 16/05/88, cujos detalhamentos e operacionalização foram objeto da Resolução no 01/90 da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), de 21/11/90, aprovada após audiência do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA). Disponível em: <https://gerenciamentocosteiro.furg.br/images/Materiais/PNGC-II.pdf>. Acesso em maio de 2018, junho de 2020.

⁸⁴ Lei 9.443, de 8 de janeiro de 1997. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/gestao-das-aguas/politica-nacional-de-recursos-hidricos>. Acesso em 20 de março de 2019.

⁸⁵ Lei Complementar 111/2011. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162211/LC111_2011_PlanoDireto r.pdf. Acesso em junho de 2016, agosto de 2016 e setembro de 2019.

⁸⁶ Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro (2013 – 2016). realizado pela administração do Prefeito Eduardo Paes em parceria com Escritório de Gerenciamento de Projetos-EGP e a empresa global de consultoria estratégica (McKinsey & Company) Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104304/planejamento_estrategico_1316.pdf. Acessado em 12 de abril de 2020 e outubro de 2021.

Recursos Hídricos (PNRH) destaca a água como um bem de domínio público, de interesse comum, cuja conservação é essencial. Já, o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II prevê o planejamento integrado (incluindo Código de Águas e Política Nacional de Recursos Hídricos), reforçando o conceito de zona costeira como interface entre terra e mar⁸⁷.

O Plano Diretor, instrumento legal, propõe uma política de desenvolvimento urbano orientando o processo de ocupação e o planejamento da cidade do Rio de Janeiro. Esta política tem por objetivo ordenar o desenvolvimento da cidade, garantir seu funcionamento e o bem-estar de seus habitantes⁸⁸. Por último, o Plano Estratégico para o município do Rio de Janeiro propõe diretrizes setoriais e ações práticas desenvolvidas a partir de um conjunto de projetos gerenciados pela Prefeitura e financeirizado pelos investidores externos através das Operações Consorciadas (OP) e das Parcerias Público Privada (PPV).

Diante dessa apresentação de leis e planos, a abordagem nesta tramitação será realizada somente a partir da Lei do Plano Diretor (LC111/2011) e do Plano Estratégico para o município do Rio de Janeiro (2013-2016), pois as leis federais possuem diretrizes gerais, ficando para o âmbito municipal o detalhamento dos planos municipais e leis

⁸⁷Item 3.1.1. Página 3. Disponível em: <https://gerenciamentocosteiro.furg.br/images/Materiais/PNGC-II.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2019.

⁸⁸ LC 11/2011. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/smu/plano-diretor1#:~:text=0%20Plano%20Diretor%20%C3%A9%20um,bem%2D%20estar%20de%20seus%20habitantes>. Acesso 12 e abril de 2019.

complementares. A escolha por esses dois planos foi em virtude de o Plano Diretor setorizar a cidade através de um macrozoneamento, o qual é utilizado pelo Plano Estratégico para a distribuição dos investimentos por Área de Planejamento. Além disso, o Plano Diretor instrumentaliza, legalmente, e materializa as diretrizes setoriais propostas pelo Plano Estratégico.

A Lei Complementar 111/2011 do Plano Diretor⁸⁹ subdivide o macrozoneamento da cidade em Macrozonas de Ocupação que foram definidas a partir da avaliação de fatores espaciais, culturais, econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura urbana⁹⁰. Conforme inciso 2º do artigo 31, o objetivo do macrozoneamento é estabelecer a referência territorial básica para orientar o controle das densidades, intensidade e expansão da ocupação urbana, regulamentação e aplicação dos instrumentos de política urbana e indicar as prioridades na distribuição dos investimentos públicos e privados. Diante disso, o macrozoneamento definiu quatro macrozonas que são: Assistida, Condicionada, Controlada e Incentivada (Mapa.02). A macrozona Assistida possui interface com a Baía de Sepetiba, a macrozona Condicionada e a Controlada tem o Oceano Atlântico como seu limite e a macrozona Incentivada faz interface com a Baía de Guanabara.

⁸⁹Anexo 1. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162216/PLC_0025_01Substitutiv o3, AnexoI, Macrozoneamento.pdf. Acesso em 12 de maio de 2020.

⁹⁰ Anexo 1 e Anexo 2 da LC111/2011. Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162216/PLC_0025_01Substitutiv o3AnexoIMacrozoneamento.pdf. Acesso em 12 de maio de 2020.



Mapa 0 2. Macrozoneamento. Fonte: Anexo 1 _Lei Complementar 111/2011 do Plano Diretor. Fonte: desenho da autora.

- Macrozona Controlada e suas Regiões de Planejamento⁹¹: Centro, Zona Sul e Tijuca.
- Macrozona Incentivada e suas Regiões de Planejamento: Centro, Tijuca, Ramos, Méier, Madureira, Inhaúma, Penha, Pavuna, Ilha do Governador, Jacarepaguá e Bangu.
- Macrozona Condicionada e suas Regiões de Planejamento: Jacarepaguá, Barra da Tijuca, Guaratiba.
- Macrozona Assistida e suas Regiões de Planejamento: Bangu, Campo Grande e Santa Cruz.

⁹¹ Regiões de Planejamento são estabelecidas pelo grupamento de Regiões Administrativas e pela subdivisão das Áreas de Planejamento segundo critérios de homogeneidade específicas, visando a organização das informações e implementação de políticas públicas setoriais (LC11/2011, Capítulo III, da ordenação para o planejamento).

De acordo com inciso 3º do artigo 31 da LC11/2011, a implementação de planos, programas e projetos, o estabelecimento de prioridades de intervenção, a aplicação dos instrumentos de política urbana e elaboração de normas observarão as diretrizes para cada Macrozona de Ocupação. A Macrozona Incentivada prevê a revitalização urbana da Zona Portuária e dos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo mediante investimentos em produção de moradia e infraestrutura através da requalificação dos espaços públicos, ampliação das áreas verdes, implantação de hotéis, lojas, escritórios, centros culturais e de entretenimento. As macrozonas Condicionada e Assistida priorizam a proteção ambiental através da criação de parques urbanos nas orlas das lagoas, controlam a ocupação de faixas marginais de proteção de corpos hídricos e preveem o reassentamento da população localizada em áreas de risco⁹².

Tais diretrizes são avalizadas pelo Poder Executivo cuja função é delegar, mediante licitação à empresa e/ou consórcio, a realização de obras de urbanização ou de reurbanização, incluindo loteamento, demolição, reconstrução e incorporação de conjuntos de edificações⁹³. A empresa concessionária poderá obter sua remuneração através da renda derivada da exploração de espaços públicos, nos termos que

⁹² Anexo I e II da Lei Complementar 111/2011. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162211/LC111_2011_PlanoDireto r.pdf. Acesso em 11 de junho de 2019.

⁹³ Artigo 106 da Lei Complementar 111/2011. Pág. 57. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162211/LC111_2011_PlanoDireto r.pdf. Acesso em 11 de junho de 2019.

forem fixados no respectivo edital de licitação e contrato de concessão urbanística. Por outro lado, a empresa concessionária ficará responsável pelo pagamento das indenizações devidas em decorrência das desapropriações e pela aquisição dos imóveis que forem necessários à realização das obras concedidas. Cabe, também, a empresa concessionária a elaboração dos respectivos projetos básicos e executivos, gerenciamento e execução das obras que foram objeto da concessão urbanística⁹⁴.

A forma de financiar a cidade opera de forma excludente e segregada quando o conjunto de características físicas (topografia, calado, clima, vegetação), legais (leis ambientais e urbanísticas⁹⁵), modos de ocupação da população (lazer, religião, esporte, turismo, comércio e habitação) e sensoriais (aromas, tonalidades, sons) são considerados somente para constituírem potências a acumulação de capital. Nesse sentido, aplicação do modelo de planejamento estratégico urbano corrobora para intervenções não integradas e nem integradoras com outras partes da cidade.

Esse modelo de planejamento que detém das características físicas, ambientais e sensoriais é visualizada no Plano Estratégico para a cidade do Rio de

⁹⁴ Inciso 2, do artigo 106 da Lei Complementar 111/2011. Página 57. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6165622/4162211/LC111_2011_PlanoDiretor.pdf

⁹⁵ As legislações ambientais referem-se, essencialmente, ao Código de Água (Decreto nº 24.643 de 10 de julho de 1934), Código Florestal (Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012), Resoluções do CONAMA (Lei 9.985 de julho de 2000) e as leis urbanísticas aqui corresponde a LC11/2011.

Janeiro (2013-2016). Esse plano consta com a revisão do primeiro Plano Estratégico⁹⁶ que aconteceu em 2009 e que colocou a cidade como palco de grandes eventos: Jornada Mundial da Juventude em 2013, Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, revitalização da Região Portuária através do projeto Porto Maravilha, o início de obras de mobilidade urbana (VLT).

O ideal de cidade estava presente nos objetivos centrais do governo de Eduardo Paes⁹⁷, os quais eram: Habitação e Urbanização, Ordem Pública e Conservação, Gestão e Finanças Públicas, Meio Ambiente e Sustentabilidade, Desenvolvimento Econômico, Cultura, Desenvolvimento Social, Saúde, Educação e Transportes. Desdobrando esses objetivos, a cidade pretendia-se tornar: referência nacional em redução de déficit habitacional, capital sem pobreza extrema, sem desigualdades extremas e mais integrada cultural e socialmente, excelência do ambiente de negócios com destacada liderança na atração e manutenção de investimentos

⁹⁶ O primeiro plano estratégico (2009) para a cidade, chamado de Rio mais competitivo, constituiu um elemento fundamental norteador da atuação governo Eduardo Paes e fomentou a realização do Plano Estratégico (2013-2016). Disponível em:

http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6616925/4178940/planejamento_estrategico_site_01.pdf. Acesso em 11 maio de 2020.

⁹⁷ Eduardo da Costa Paes é carioca, formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira na política aos 23 anos, como Subprefeito da Zona Oeste na primeira gestão do Prefeito César Maia (1993-1996). No ano seguinte, elegeu-se como Vereador (1997-1999) e Deputado Federal (1999-2007) pelo Rio de Janeiro. No segundo mandato do Prefeito César Maia (2001-2004), foi nomeado Secretário de Meio Ambiente (2001-2002). Entre 2007 e 2008 foi Secretário Estadual de Turismo Esporte e Lazer do Governo Sérgio Cabral, deixando o cargo após eleger-se pelo PMDB. Foi Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, por dois mandatos (2009-2016). Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/ccnlep/eduardo-paes>. Acessado em 23 de abril de 2023.

produtivos, referência mundial em transportes sustentáveis, limpeza e preservação dos corpos hídricos (rios, lagoas, baías e costas oceânicas), eficiência no sistema de coleta e tratamento de esgotos sanitários e, principalmente, cidade reconhecida pela realização de grandes eventos e sede de fóruns decisórios para assuntos de sustentabilidade global e desenvolvimento econômico de países emergentes⁹⁸.

Todos os objetivos foram acompanhados pelo Conselho da Cidade, criado durante o governo de Eduardo Paes, para atuar como órgão consultivo. Esse órgão foi composto por 120 pessoas escolhidas por sua contribuição pessoal ou profissional com a cidade do Rio de Janeiro. A maior parte das sugestões providas do Conselho foi incorporada neste Planejamento, seja na forma de diretrizes, metas e/ou iniciativas. Assim o Conselho da Cidade, Casa Civil e os demais órgãos da Prefeitura detalharam cada objetivo visando definir seus indicadores de desempenho, cronogramas e orçamentos.

A sustentabilidade orçamentária do Plano Estratégico foi distribuída nas macrozonas de ocupação, ficando com prioridade a macrozona Assistida com 35% do orçamento e a macrozona Incentivada com 45% do orçamento. As macrozonas Controlada e a Condicionada com 10% e 5%, respectivamente. A macrozona Assistida corresponde a zona oeste da cidade onde foi construído o Parque Olímpico e a macrozona

⁹⁸ Plano Estratégico para o município (2013-2016), pág.08. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104304/planejamento_estrategico_1316.pdf. Acesso em 18 de agosto de 2020.

Incentivada equivalente ao centro e a área do Cais Mauá onde foram territórios das obras do Porto Maravilha.

O projeto Porto Maravilha localizado na Região Portuária da Cidade do Rio de Janeiro, através de uma avaliação do Conselho da Cidade, pretendia revitalizar os espaços degradados tornando um lugar com imóveis públicos e privados. Para viabilizar esse projeto, a Prefeitura do Rio criou uma Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro.

O Plano Estratégico pretendia construir 5 milhões de m² no Porto Maravilha visando promover empreendimentos residenciais e comerciais através da valorização do turismo, patrimônio histórico e cultural. O orçamento total da operação de 2011 até 2016 foi estimado em R\$ 4,9 bilhões provenientes da venda de Certificados de Potencial Adicional de Construção, sendo 100% com recurso externo⁹⁹.

Além da estimativa orçamentária, o Plano Estratégico estabeleceu um cronograma de obras para o Porto Maravilha. Esse cronograma já contemplava a licitação realizada em março de 2012, em abril de 2013 estava prevista a demolição da perimetral e para dezembro de 2014, durante a Copa do Mundo, a conclusão do Museu do Amanhã¹⁰⁰. Nos anos de 2015 e 2016

⁹⁹ Plano Estratégico para o município (2013-2016), página 60. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104304/planejamento_estrategico_1316.pdf. Acesso em 23 de agosto de 2020.

¹⁰⁰ Plano Estratégico para o município (2013-2016), página 61. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/2116763/4104304/planejamento_estrategico_1316.pdf. Acesso em 23 de agosto de 2020.

estavam previstas obras de requalificação urbana como a conclusão do túnel da via expressa.

Enquanto ocorriam as obras do Porto Maravilha, o Plano Estratégico começava a licitação, em 2009, para o Parque Olímpico, implantado na Av. Abelardo Bueno, bairro da Barra, zona oeste da cidade. O plano urbanístico do Parque Olímpico foi dividido em três modos: 1) Modo Jogos: assegurar as melhores condições para a realização e operacionalização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, 2) Modo Legado: viabilizar a implantação de novos empreendimentos que, somados ao Centro Olímpico de Treinamento, garantiriam uma área exemplar e emblemática para a Cidade do Rio de Janeiro, e 3) Modo Transição: assegurar uma transição planejada, eficiente e econômica entre o modo Jogos e o modo Legado¹⁰¹.

A implantação, operação e manutenção do Parque Olímpico foi feita através de concessão, ou seja, Parceria Público Privada, cujo valor total da obra foi de R\$1,4 bilhões, sendo R\$850.000,00 de fonte externa e R\$450.000,00 da iniciativa pública¹⁰². Segundo Plano Estratégico (2013-2016), a construção dos equipamentos olímpicos estava prevista para junho de 2015 e a finalização de todo projeto em janeiro de 2016¹⁰³. Vale observar que a partir da abordagem do Plano Estratégico para a cidade do Rio de Janeiro (2013-2016) assim como do Plano Diretor observou-se que a região central e

¹⁰¹ Ibidem, página 60.

¹⁰² Ibidem página 61.

¹⁰³ As datas dos cronogramas aqui citados são apenas referências que serão utilizadas para questionar o tempo nas falas dos personagens desta tramatense.

zona oeste concentraram a maior parte das ações do planejamento estratégico urbano.

Porém, não podemos esquecer as outras áreas, como por exemplo a zona sul da cidade no qual concentra os grandes postais da cidade como, por exemplo, Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Jardim Botânico, Praia do Leme, Copacabana e Leblon. Mediante as intervenções urbanas já relatadas no Plano Estratégico e nos pontos turísticos situados na zona sul da cidade, foi feito uma ilustração no mapa das regiões administrativas da cidade, hachurando os bairros escolhidos para essa tramatese, os quais são: Centro, Ramos, Urca, Flamengo, Botafogo, Lagoa, Copacabana, Ipanema, Barra da Tijuca, Sepetiba, Ilha de Paquetá e Ilha do Governador (Mapa.03). Vale observar que os nomes marcados em verde são os bairros abordados.

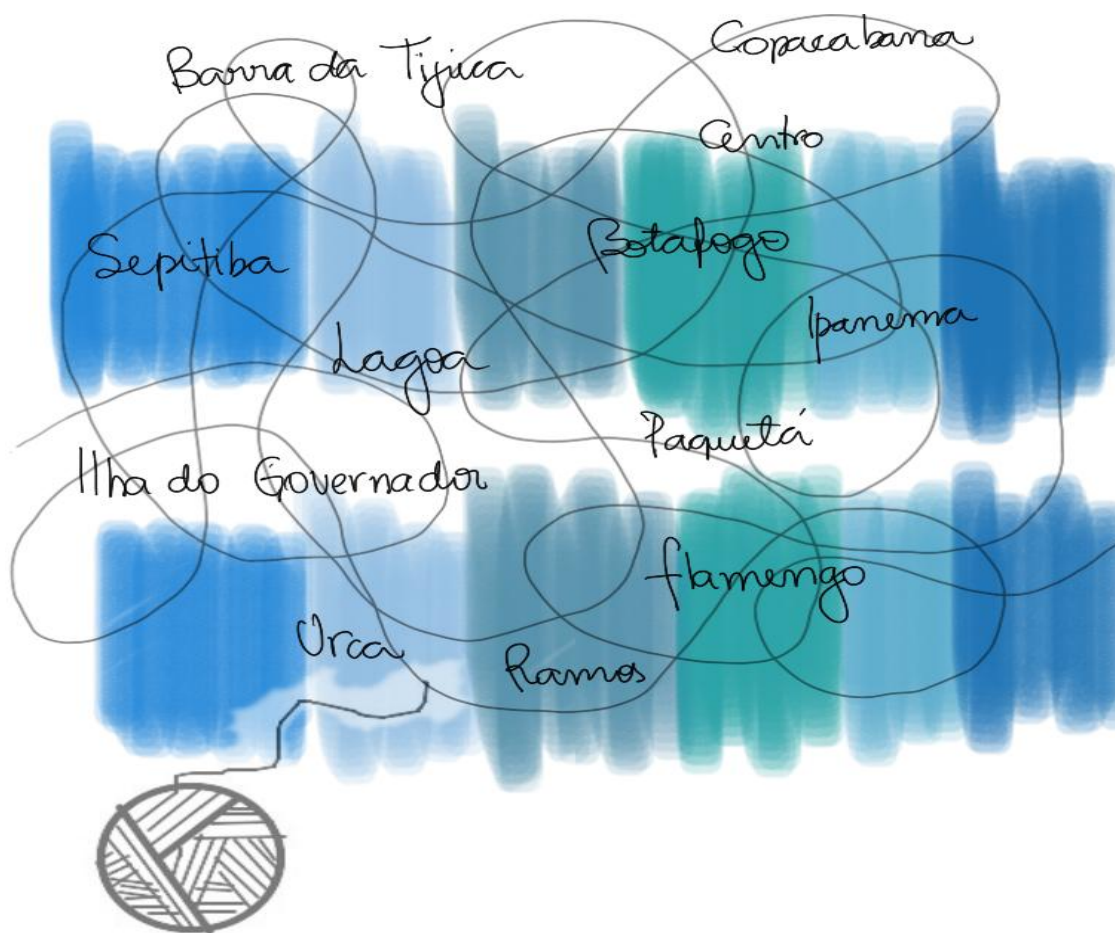


Mapa 03 - Bairros bordados da tramatese. Fonte: Mapa das Áreas Administrativas da cidade do Rio de Janeiro - RJ, aquarelado pela autora

01 - Anchieta	12- Ilha do Governador	23 - Portuária
02 - Bangu	13 - Inhaúma	24 - Ramos
03 - Barra da Tijuca	14 - Irajá	25 - Realengo
04 - Botafogo	15 - Jacarepaguá	26 - Rio Comprido
05 - Campo Grande	16 - Jacarezinho	27 - Rocinha
06 - Centro	17 - Lagoa	28 - Santa Cruz
07- Cidade de Deus	18 - Madureira	29 - Santa Teresa
08 - Complexo do Alemão	19 - Maré	30 - São Cristóvão
09 - Copacabana	20 - Méier	31 - Tijuca
10 - Guaratiba	21 - Pavuna	32 - Vigário Geral
	22 - Penha	33 - Vila Isabel

A escolha desses bairros se deu através de derivações aleatórias que teve o som, paisagens, tonalidades, cheiros e músicas enquanto dispositivo para pensar as bordas de água de um outro modo, que tensiona o modo hegemônico. Essas

derivas não ficaram restritas apenas a uma determinada região (zona sul, oeste, central, norte) ou as macrozonas de ocupação (incentivada, controlada, assistida, condicionada), tão pouco focada nas obras de implantação do Projeto Porto Maravilha e do Parque Olímpico. O desejo foi buscar borrar os limites geográficos das macrozonas e alinhar, sem ordem, os diferentes modos de ocupar e ressignificar as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro (Mapa 04).



Mapa 0 4. Mapa desconstruído 04 – Trama-bairros. Fonte: a autora.

2.2 SOBRE AS DERIVAS ALEATÓRIAS.

As derivas aleatórias foram inspiradas em Deleuze e Guatarri como proposta de rasurar os métodos tradicionais de levantamento urbano realizados nos cursos de Arquitetura e Urbanismo que adotam uma forma determinista de compreender a cidade através da separação dos diagramas de análises. Esses diagramas de análise representam, isoladamente, o diagnóstico de cada setor da cidade ou recorte de um bairro que são: diagrama de funções, sistema de espaços livres, hierarquia de vias, cheios e vazios (Fig.18)¹⁰⁴.

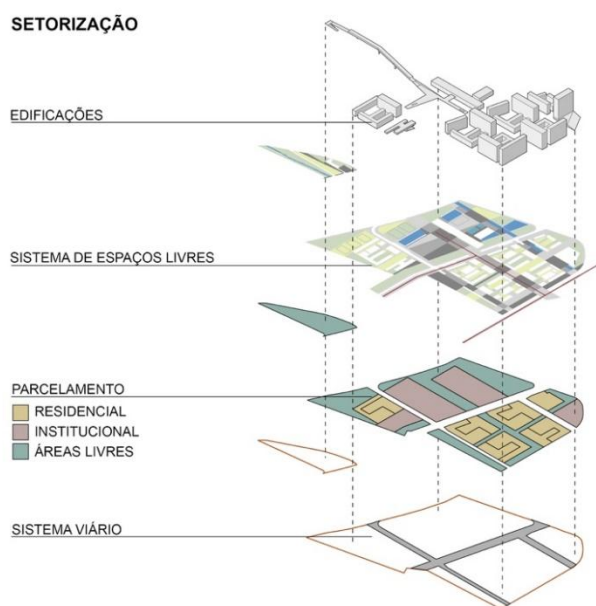


Figura 1. Diagrama do projeto desenvolvido pelo escritório. Fonte: Estúdio 41 – Água Branca.

¹⁰⁴ Projeto desenvolvido pelo escritório Estúdio 41, premiado com o primeiro lugar no concurso da Operação Urbana Consorciada Água Branca. Ano do projeto: 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/768842/primeiro-lugar-no-concurso-da-operacao-urbana-consorciada-agua-branca-estudio-41>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

Nessa tramatese, o objetivo não foi realizar o levantamento através de produção de diagramas para chegar a um diagnóstico concreto ou a uma verdade absoluta, mas realizar o levantamento das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro através de derivas aleatórias que, de forma alguma, foram estáticas. Dessa forma, podemos dizer que essas derivas se deram através de caminhos que não tiveram uma rota geográfica definida ou programada, mas de um caminho que fez enquanto caminhava pelas bordas de água. O caminhar era acionado por dispositivos que, conforme Deleuze (1992), constituem um conjunto multilinear de elementos moventes e heterogêneos¹⁰⁵.

Esses dispositivos foram múltiplos, tais como: o formato torto dos maciços de áreas verdes que desenhavam as bordas de água da cidade, os cheiros (mata, terra, esgoto, fumaça), as cores (texturas), as luzes (brilho, transparência, sombras, opacidade), sons (água, animais, carros, pessoas passando, passos, manifestos em prol da proteção ambiental) e as pessoas que se apropriavam e davam novos significados para as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Essas pessoas foram, carinhosamente, chamadas de bordantes, contribuíram com a construção e desenvolvimento desta tramatese.

A partir das derivas aleatórias, observou-se que os modos com que os bordantes se apropriavam das bordas de água

¹⁰⁵ DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

eram regados de memórias afetivas e políticas que retratavam fragmentos da história urbana da cidade do Rio de Janeiro. Esses fragmentos tornaram potência na escritura desta tramatese, pois entraram enquanto assombrações e espectros na construção das falas dos bordantes.

As falas dos bordantes foram registradas através de gravações, entrevistas orais e mapas mentais. As falas potencializaram o desejo de registrar as transformações que estavam acontecendo no auge do planejamento urbano estratégico na cidade do Rio de Janeiro através das obras para as Olimpíadas em 2016, ao mesmo tempo, em que era possível desmistificar as imagens de bordas de água construída pelas mídias sociais.

Não somente as falas, mas como as fotografias, croquis, recolhimento de panfletos publicitários, tertúlias, gravações sonoras aleatórias, entrevistas, passeios de bicicleta, ônibus, comidas, cheiros, rodas de samba e banhos de mar. Assim como a fala dos bordantes e esses registros tornaram potência para a escritura dessa tramatese e, especialmente, para o acionamento dos derives e escolha cuidadosa dos espectros.

As aulas do doutorado, assim como as conversas com as pessoas que trabalhavam, moravam e transitavam pelas bordas de água fizeram com que buscasse compreender o que não era dito no discurso do planejamento estratégico para a cidade olímpica. Além de buscar o discurso velado do planejamento estratégico divulgado pelas mídias sociais, era impossível

desconsiderar as vozes políticas e falas e letras de músicas que narravam os acontecimentos das bordas de água.



2.3 OS BORDANTES

Após falar sobre como aconteceram as derivas aleatórias nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro, tornou-se importante apresentar quem são as vozes que bordaram essa tramatese. Como num filme Multi-Plot ou filme Coral, a trama foi composta por vários personagens que possuem percursos paralelos, conflitos entre si (de forma direta e indireta) que se entrelaçaram através da política, do desejo, das afectações, fobias, medos, memórias e do mover dos corpos na cidade.

Embora, num filme Multi-Plot a intenção não seja criar categorias de protagonistas, antagonistas e coadjuvantes, pois todos os personagens possuem importância na trama, sempre há uma voz que tenta contradizer um discurso ou impedir a ação de um personagem. No caso dessa tramatese, essa tensão é manifestada através do discurso hegemônico, do Uno que está sempre tencionando o desejo dos bordantes que é de tornar-se outra borda.

Os bordantes possuem um arco na trama que corresponde a mudança interior que o personagem sofre ao longo da história. Na escritura de um filme multi-plot, também é conhecido como falha ou algo que o personagem busca vencer, superar e/ou ser colocado numa situação de disputa ou confronto com sua falha. Aqui, nesta tramatese, os arcos dos bordantes aconteceram o tempo todo, a falha nunca se concretizou, pois os personagens estavam em constante modificações através das diversas afectações que aconteceram

desde a deriva aleatória até a escritura e desenho dos storyboards.

Os bordantes surgiram a partir dos afetos, derivas aleatórias, das músicas que embalavam as caminhadas pelas bordas do mar, dos discursos do Estado e de outros agentes que se tornaram presente nesta escritura. Segundo Campos (2007), as afectações podem ser classificados como elementos da percepção, inferência e imaginação. Os elementos da percepção (A) são aqueles percebidos pelo dramaturgo (aqui pelo devir-escritor), a inferência (B) refere-se ao que é deduzido a partir dos elementos percebidos e a imaginação (C) são elementos imaginados a partir da inferência e da percepção.

Assim essa taxonomia foi uma forma de conduzir a escritura dessa tramatese, não como um modelo a seguir ou, mas como uma forma de tramar os bordantes sem ter a intenção de realizar um desfecho de um filme. Vale lembrar que podem surgir outros personagens ao longo da trama, pois uma escritura é sempre um esboço, como um projeto que está sempre porvir ou por fazer¹⁰⁶.

Um dos personagens é a Neta de Judith (Fig.02) que também é narradora dessa tramatese. Segundo Campos (2007)¹⁰⁷, esse tipo de narrador escreve a partir de uma horizontalidade com a estória, daquilo que observa, funcionando como um duplo espectador (daquele que narra e que participa da estória). Assim, a Neta de Judith aparece como pesquisadora, mãe,

¹⁰⁶ CAMPOS, 2007. Pág.36.

¹⁰⁷ Ididem, pág. 42.

amante, mulher, bailaora e com devir-veranista de Capão da Canoa¹⁰⁸ (A) a fim de descobrir, criar e enunciar as inúmeras formas de tornar-se bordas de água na cidade do Rio de Janeiro-RJ (B). Ela tem um grande parceiro para desvendas as bordas de água, que é o seu filho, parceiro de vida (C).

O filho da Neta de Judith, Bisneto de Judith (Fig.03) é um moleque cariúcho, agora mais carioca que gaúcho, descolado, faceiro, que aprecia Seu Jorge e Iron Maden (A). Tal como sua bisavó, gosta de desbravar novos lugares (B). O Bisneto de Judith vê, nas bordas de água carioca, uma oportunidade de explorar, conhecer novos lugares e se tornar bordas de água junto com sua mãe (C). Com a Neta de Judith e o Bisneto de Judith reside a Hermana do Sul (Fig.04), gaúcha-argentina-carioca e professora de teatro (A) que acolhe e é acolhida por essa família que busca, juntos, reconstruir suas bordas-corpo (B).

A Neta de Judith tem um irmão de coração, botafoguense, eterno apreciador e estudante da Filosofia Derridiana, Deleuziana e Guatarri (A). Mano (Fig.05), carinhosamente chamado pela Neta de Judith, é amigo desde o Sul. Um carioca-mineiro-botafoguense (B) que acolhe a Neta e o Bisneto de Judith auxiliando a desconstruir as bordas de água geográficas da nova cidade, acalentando (academicamente e afetivamente) as dores de sua mana (C).

¹⁰⁸ Praia mais populosa do Rio Grande do Sul. Altas ondas, areia dura e mar gelado. Todo veranista de Capão da Canoa usa caladryl para queimaduras do sol, entra com cautela no mar com medo de perder a roupa de banho devido as fortes ondas e porta sempre um chimarrão, mesmo que a temperatura esteja elevada.

Porém, não é somente Mano que acolhe a Neta e o Bisneto de Judith, há também o Spy (Fig.06) que é eterno brincante, amante do vinho e do mundo. Quando Spy pilota sua moto, torna-se um corvo veloz através das estradas do Rio do Rastro (A). Spy fala com tranquilidade sobre Deleuze, Guatarri e Derrida, descontruindo verdades de mundo e deixando muitos guris com os butiás do bolso no chão¹⁰⁹ (B). Spy é atemporal, líder (mesmo não querendo ser), amável, inspirador, possibilitando e potencializando o devir dos seus afectos. Spy (des)estabiliza e potencializa os devires da Neta de Judith nesta tramatese.

Além de Mano e Spy, Neta de Judith tem uma amiga contraventora, amável e aventureira, conhecida como BFF (Best Friend Forever) (A)_ (Fig.07). Durante o dia, BFF costuma ser delicada como uma borboleta e a noite, quando veste suas luvas brancas, torna-se diva-saci da noite roubando palavras e olhares de quem se aproxima (B). BFF bordeja os devires mais obscuros e velados de todos os bordantes desta tramatese.

Ainda, juntam-se a essa trama, Rubi (Fig.08), Caranguejinha (Fig.09) e Crusch (Fig 10), ambos são amigos de Mano, Neta de Judith, SPY e BFF (C). A Rubi tem o batom vermelho como marca registrada (A) e sua especialidade é conversar com os amigos sacis que somente ela, magicamente,

¹⁰⁹ Caiu os Butiás do Bolso – É uma expressão regionalista típica do Rio Grande do Sul. Usa-se quando a pessoa está impressionada, assustada ou estupefada, sem palavras ou argumento, desestabilização. A expressão é usada porque o butiá é uma fruta pequena, pouco maior que uma bola de gude, dando a ideia de que quando se pára de sopetão, eles facilmente caem dos bolsos. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

consegue encontrar pela cidade (B). Caranguejinha é uma amiga em comum da Hermana do Sul e parceira de estudos da Neta de Judith (C). Arquiteta, bailarina e fotógrafa (A), também veio para as bordas do Rio de Janeiro buscar outras descobertas (B). Já o Crusch é o amigo botaboguense (A) que é, espiritualmente, o ansião (B) do bando SPY-Mano-BFF-Neta de Judith-Rubi-Caranguejinha (C). Crusch é um nome inventado pelo Bisneto de Judith para o amigo botafoguense porque ele lembrava um personagem do filme Procurando Nemo que era um professor tartaruga com voz rouca e um pouco descolado.

A Neta e Bisneto de Judith, Mano, Spy, BFF, Rubi, Caranguejinha, Crusch, frequentemente, se tornam parte ou são o próprio SaciGepemecê (Fig.11). Esse personagem é alegre, sarcástico, anárquico e Pharmacon¹¹⁰ com seus afetos (A). Possui várias nacionalidades, tem todos os sexos e todas as idades (B). Diante dessas características, o SaciGepemecê tem uma capacidade de metamorfose atemporal, de tornar-se em infinitos devires, porém só incorpora e toma forma das pessoas que tem afeto (C).

Assim como o Saci Gepemecê, o Mar (Fig.12) torna-se um personagem atemporal e infinito dotado de sincretismos religiosos e cores e sons e diversas tonalidades (A). Com uma personalidade intempestiva, imprevisível, depende do tempo, da maré e do vento (B). Possui uma tendência de curar,

¹¹⁰ Phármakon não tem essência estável, nem se constitui numa substância, assim como também não se constitui numa síntese dialética, pois escapa a qualquer caracterização unificada. O phármakon oscila entre os termos em oposição: não é o remédio e nem o veneno, nem o bem nem o mal, nem a fala nem a escrita e isto acontece porque a escrita, conforme entendida por Derrida, precede estruturalmente à constituição das oposições metafísicas. DERRIDA, 2005, Pág.45.

quarar e levar embora as mágoas e, também, refrescar diminuindo a temperatura dos corpos (C).

Intempestiva como o mar, Lorraine (Fig.13), estatura mediana, moradora de Ramos, 53 anos, mãe de duas filhas, é servidora da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (A). Durante os finais de semana canta numa roda de samba num bar de Ramos e encanta a todos com sua voz e seu batom púrpura (B). Lorraine é considerada a funcionária mais alegre da Prefeitura Municipal e, também, segura das suas crenças e das suas posições políticas (C).

Ao contrário de Lorraine, Josi (Fig.14) é tímida, nerd, calada, não fala de onde vem, nem da sua vida pessoal, usa óculos com aros redondos e roupas tons de bege (A). Trabalha como secretária do Prefeito e a noite faz um curso de inglês para aprimorar-se na oratória em público (B). Josi faz tudo o que seu chefe designar, sem questionar ou tecer alguma opinião.

O prefeito da cidade do Rio de Janeiro é o Excelentíssimo Senhor Justos Guerra (Fig.15), morador da zona oeste da cidade, possui um topete no cabelo e usa ternos monocromáticos (A). Sorriso largo e dotado de uma malemolência discursiva é capaz de convencer que as reformas urbanas neoliberais é a solução para as crises do planejamento urbano (B). Diante do cenário municipal político e evangélico entre 2015 e 2019, Justos Guerra acabou despertando nostalgia na população da cidade do Rio de Janeiro (C).

Funcionário ligado direto ao prefeito da cidade, Cabeça (Fig.16) é motorista da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Embora possua um estereótipo hostil, Cabeça fala pausadamente e sua família é do norte de Minas Gerais (A). Depois do expediente, Cabeça volta para Ilha do Governador, mais especificamente, na Praia de Tupiacanga, onde encontra com os amigos para beber e prostrar (B). Quando faz horas extras, Cabeça costuma levar Justos Guerra para Madureira nas rodas de samba da Portela. Esse personagem também está descobrindo como tornar-se morador do Rio de Janeiro (C).

Num evento do prefeito no Museu do Amanhã, Cabeça encontra Mercedes (Fig.17), mulher, mãe, professora de escola pública, adora dançar e alquimia. Foi a última moradora da Vila Autódromo, na qual morou durante 18 anos (A) com seu marido, Luiz, grande pescador. Participou ativamente do Plano Popular de Urbanização, uma alternativa ao plano do governo municipal para que a comunidade não precisasse ser removida (B).

A partir da descrição dos bordantes, foram realizados *moodboards* de cada bordante. O *moodboard* compreende uma colagem composta de desenhos, imagens e palavras que representam um conceito e/ou características de um ambiente, personagem ou projeto de design gráfico representadas através de um quadro ilustrativo. Nessa tramatose, o objetivo do *moodboard* foi ilustrar as características dos bordantes, tais como: qualidades e desejos e hobbies e características físicas e emocionais. Segundo Joly (1996), a colagem atua

como código gráfico capaz de transmitir significados, valores e experiências de cada personagem.

Além desses bordantes, há também outros que atuam pontualmente em algum bordado, ou seja, não aparecem em toda trama, porém são importantes pois corroboram para explicar algum acontecimento que ocorreu nas bordas de água ou auxiliam a narrar um bordado. Esses bordantes são: Santos (ascensorista da prefeitura municipal do Rio de Janeiro), Miriam (vendedora do quiosque do posto 09 de Ipanema), Luis e João (ambulantes já amigos de Bisneto de Judith), Filha de Judith (Mãe e avó do Bisneto de Judith), Alda (vizinha de porta da Neta de Judith), Fluor e Rippis (amigos que residiram na casa da Neta de Judith, Julinda (colega de doutorado), Tur, Malu, amigos-sacis de Neta de Judith e Juju, amiga Malayerba-saci já adotada por Neta de Judith.



Figura 2. Moodboard Neta de Judith. Fonte: desenho da autora

Botafogo - caiu no tapetinho do Fogão já era
gosta de samba
por ora toma guaravita



Figura 3_Moodboard Bisneto de Judith. Fonte: desenho da autora



Figura 4. Moodboard de Hermana do Sul. Fonte: a autora

Fogão, você é Bota - abajur
- saci - nosso mano -
carinho - mate argentino -
paioso no final da tarde

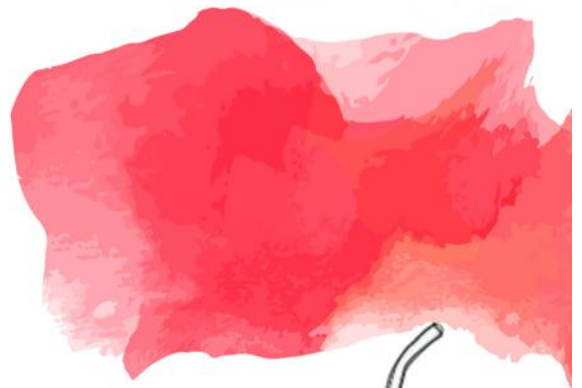


Figura 5. Moodboard Mano. Fonte: desenho da autora

corre como um corvo nas curvas na serra do rio do rastro



Figura 6. Moodboard Spy. Fonte: desenho da autora



Figura 7. Moodboard BFF. Fonte: desenho da autora

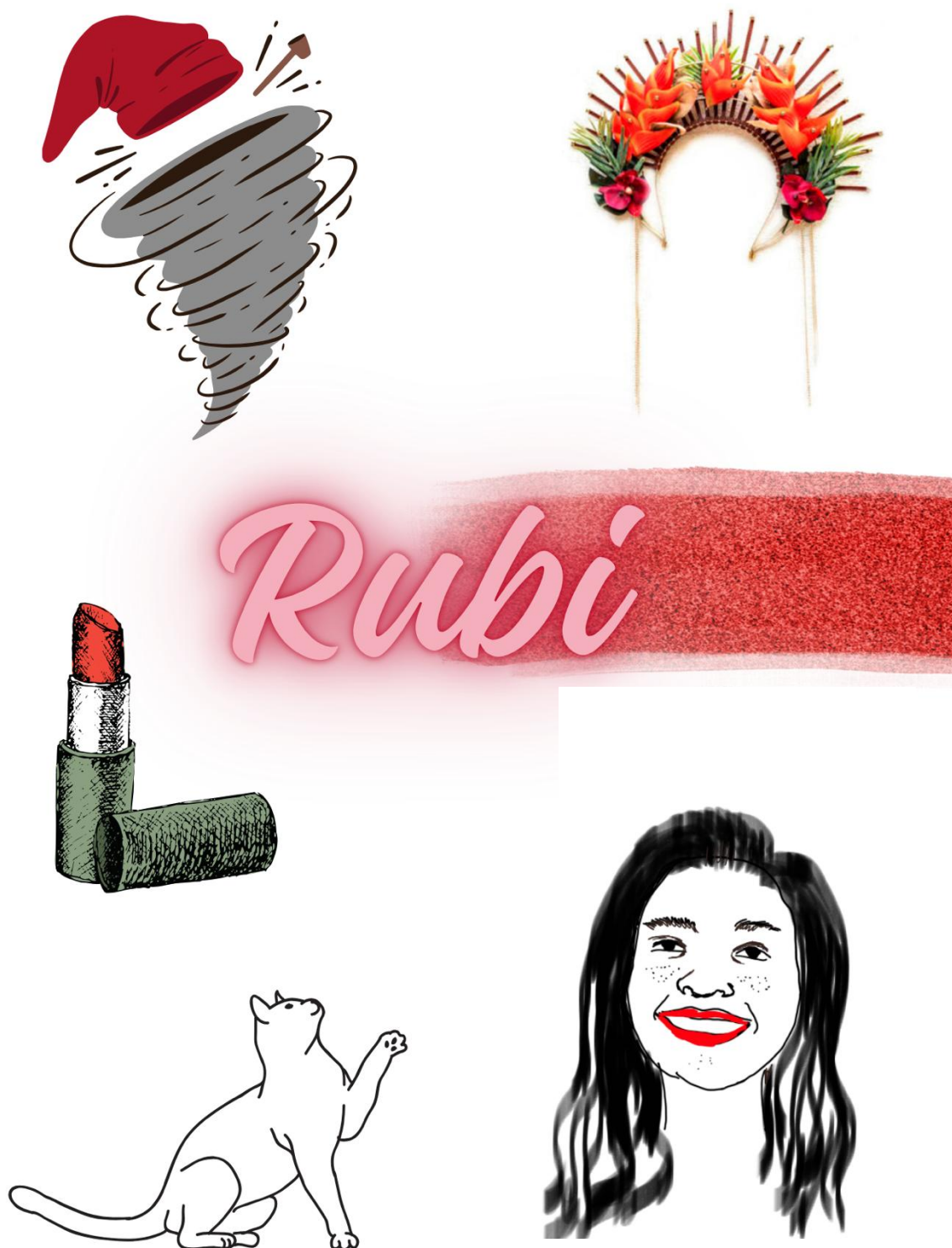


Figura 8. Moodboard de Rubi. Fonte: Desenho da autora



Figura 9. Moodboard de Caranguejinha. Fonte: Desenho da autora



Figura 10. Moodboard de Crush. Fonte: Desenho da autora

saci-gepemeçê, saci-cererê, matimpererê,
matita perê, saci-saçurá e saci-trique



Figura 11. Moodboard de SaciGepemeçê. Fonte: Desenho da autora

O RITMO, MAR, O RITMO, O VERSO, O VERSO!
CURA, CURA, LAVA, LAVA

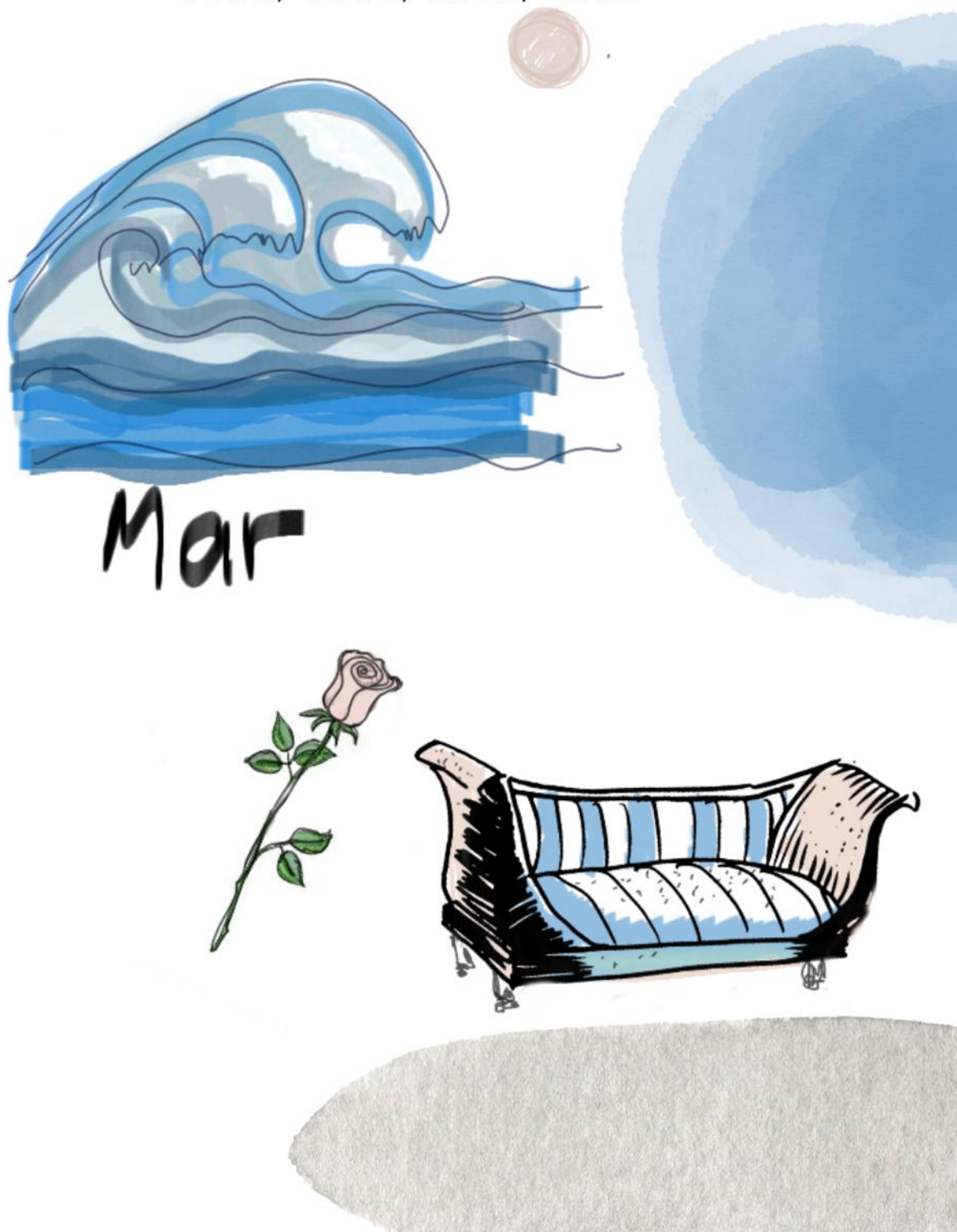


Figura 12. Moodboard Mar. Fonte: desenho da autora

Não misturo, não me dobro
A rainha do mar anda de mãos dadas comigo
Me ensina o baile das ondas e canta, canta,
canta pra mim



Lorraine



Figura 13. Moodboard Lorraine. Fonte: desenho da autora



Figura 14. Moodboard Josi. Fonte: desenho da autora

Lá Laiá, Laiá Laiá, Laiá Laiá Laiá!
Laiá, Laiá, Laiá, Laiá Laiá!
Laiá, Laiá, Laiá Laiá Laiá!
Laiá Laiá Laiá, Laiá Laiá!..



JUSTOS GUERRA



Figura 15. Moodboard Justos Guerra. Fonte: desenho da autora

Mineiro é meio desconfiado no começo, mas
quando se abre, aí nunca mais te deixa ir
embora da vida dele.



CABEÇA



Figura 16. Moodboard Cabeça. Fonte: desenho da autora

Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala

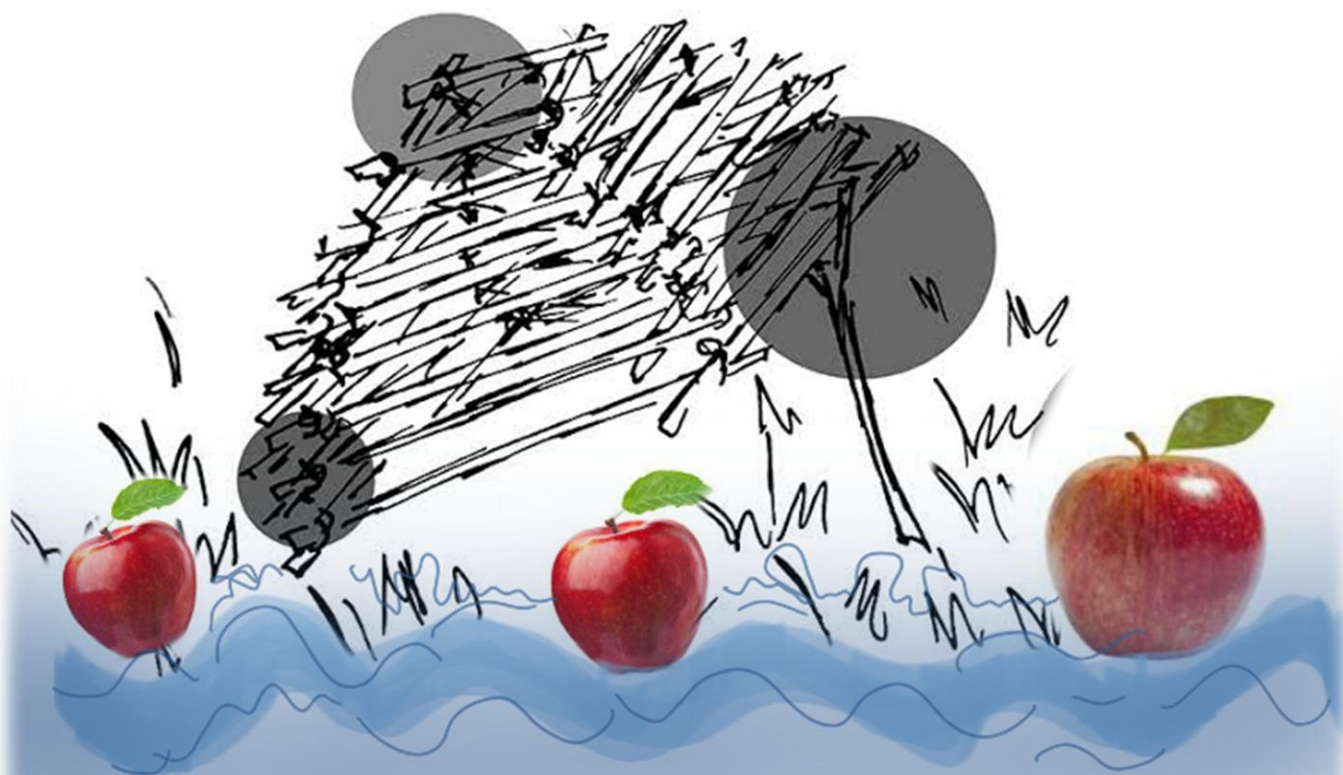


Mercedes



Figura 17. Moodboard Mercedes. Fonte: desenho da autora

BORDADO 3: ARAPUCAS e MAÇÃS DO AMOR



O DESLOCAR DE LORRAINE ATÉ O TRABALHO

Logo de manhã, Lorraine passa seu batom púrpura e coloca o uniforme da empresa que presta serviço para a Prefeitura Municipal da cidade do Rio de Janeiro. Lorraine mora em Ramos, bairro da zona norte da cidade, e a parada de ônibus mais próxima fica há dez minutos da sua casa. Depois de pegar dois ônibus, Lorraine caminha a pé dois minutos (que pode variar entre uma conversa ou outra no caminho) até o seu trabalho (ST01 -ST02).



ST0 1.Storyboard 01 – Trajeto de Lorraine. Fonte: Desenho da autora



ST0 2.Storyboard 02 – Trajeto de Lorraine. Fonte: Desenho da autora



SANCIONAMENTO DA LEI

LORRAINE (afoita): E aí Cabeça, hoje é o nosso dia, einh?! Dia do povo! Nossa vida vai mudar! Seu Justos vai aprovar aquela lei do Plano Diretor!

CABEÇA (sorrindo): Diga, moça, bom dia! Se você está dizendo, então é isso, uai! Se é do povo é bom!

Lorraine pega o elevador, encontra o Santos, o ascensorista.

LORRAINE: Tá feliz, Santos? Será que dessa vez vão olhar para nós? Será que Sr. Justos Guerra vai olhar pra Ramos e para sua terrinha no alto do Vidigal? Até que estou gostando desse prefeito, parece ser diferente dos outros políticos! Até de samba, Sr. Justos gosta!

Santos balança a cabeça para Lorraine e sorri com poucos dentes e sonhos que lhe restam. Ao sair do elevador, Lorraine corre em direção a Josi que parece estar estressada falando com alguém no telefone.

LORRAINE: E aí, lindona? Tá alinhada no terninho hoje!

Josi nem responde, sorri com os olhos e aponta para o gabinete do prefeito Justos Guerra.

A Lorraine entende o recado e já vai organizando a sala onde será o pronunciamento do Senhor Prefeito. Além do serviço de limpeza, Lorraine é responsável pelo café quentinho, água gelada e pelos sorrisos que aliviam os estresses diários dos funcionários da prefeitura.

Lorraine abre cuidadosamente a porta, suspende as persianas e começa a organizar a sala do pronunciamento. Em uma das paredes desta sala está a galeria de fotos dos ex-prefeitos. Dentre as fotos, está o ex-prefeito da cidade do Rio de Janeiro (1902-1906) – Francisco Franco Pereira Passos. Lorraine, sempre ao passar pela foto do antigo prefeito Pereira Passos, torce a boca e faz um sinal de proteção. A família de Lorraine morava perto do Morro do Senado¹¹¹ que foi demolido para construção das Avenidas Mem de Sá e Gomes Freire.

Josi afoita, entra no gabinete derrubando parte dos papéis impressos, documentos, carimbos, tropeçando na assessoria de imprensa que começa a se posicionar para aguardar a chegada do prefeito. Logo, chega o Sr. Justos Guerra com seu traje monocromático e nenhum fio de cabelo fora do lugar. Sorri para Lorraine e Josi e vai cumprimentar a assessoria de imprensa.

Lorraine, estrategicamente, se direciona para o fundo da sala, passando pela galeria dos ex-prefeitos (torcendo a boca novamente) e vai se posicionar ao lado do Cabeça que parece controlar a entrada das pessoas no gabinete. Toda vez

¹¹¹ As obras iniciaram em 1895 e concluída em 1906, na gestão do Prefeito Pereira Passos. O objetivo da obra foi gerar lucros com a venda dos terrenos que seriam criados na futura Esplanada do Senado e áreas a serem aterradas. O Morro levava esse nome porque ficava localizado perto do Senado que funcionava na atual faculdade de direito da UFRJ (CACO). Mesmo derrubado a rua lateral chama até hoje Rua do Senado. Disponível em: <https://www.resenhacarioca.com.br/o-desmonte-dos-morros-do-senado-castelo-e-santo-antonio/>. Acesso em fevereiro de 2022.

que alguém entrava na sala, vinha o cheiro do perfume de Agulha que Lorraine adorava.

JOSI: Atenção ao pronunciamento do Exmo. Sr. Justos Guerra, prefeito da cidade do Rio de Janeiro!!!



ST03. Storyboard 03 – Sancionamento da Lei. Fonte: desenho da autora

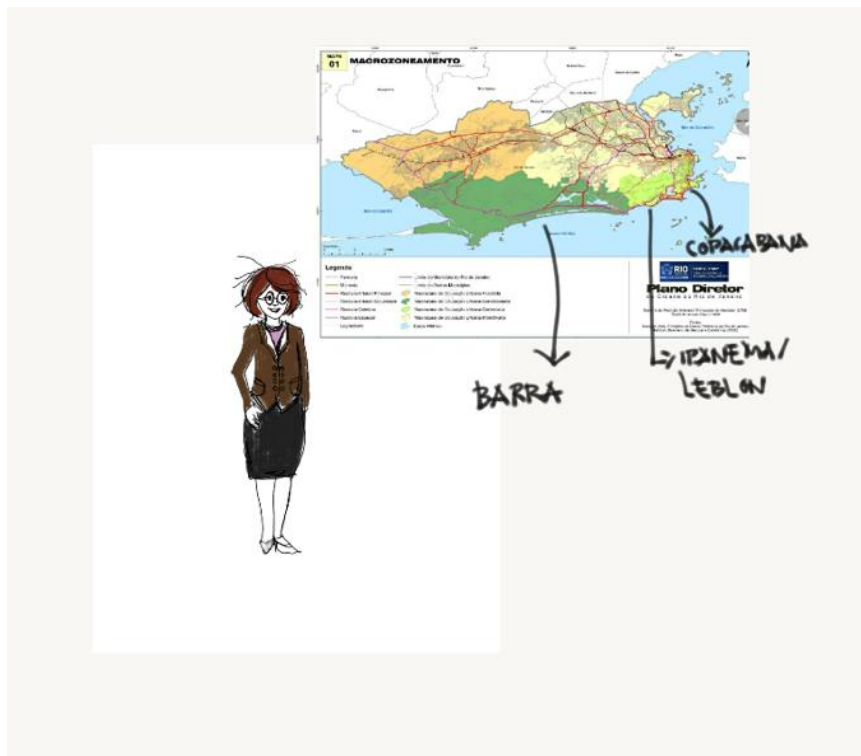
JUSTOS GUERRA: Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte Lei Complementar n.º 111 de 10 de fevereiro de 2011 que dispõe sobre a política urbana e ambiental e institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro (ST03). A nova lei dispõe de instrumentos que viabilizarão as obras da

Copa de 2014 e os projetos para que o Rio de Janeiro se torne a cidade Olímpica em 2016!

Josi (aflita, não sabendo muito o que fazer) lê trechos da lei do novo Plano Diretor: “O Senhor prefeito da cidade através da Lei do Plano Diretor propõe diretrizes de política urbana através de articulação de políticas públicas de ordenamento, planejamento e gestão territorial municipal (art.2º). O ordenamento territorial será em conformidade com os vetores de crescimento da cidade, macrozoneamento e com as diretrizes de uso e ocupação do solo que indicarão os padrões de ocupação urbana a serem adotados no processo de

adensamento e de expansão da cidade. A cidade foi subdividida em Macrozonas de Ocupação, definidas a partir da avaliação de fatores espaciais, culturais, econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura urbana”.

Josi aponta para a imagem projetada na parede da sala: “As prioridades de investimentos e os instrumentos serão aplicados no controle do desenvolvimento urbano através dos limites administrativos estabelecidos por lei. A cidade é subdividida em Macrozonas de Ocupação, definidas a partir da avaliação de fatores espaciais, culturais, econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura urbana. O objetivo do macrozoneamento, segundo a Lei do Plano Diretor, é estabelecer a referência territorial básica para orientar o controle das densidades, intensidade e expansão da ocupação urbana, regulamentação e aplicação dos instrumentos da política urbana, além de indicar as prioridades na distribuição dos investimentos públicos e privados (ST04).



ST0 4. Storyboard 04 – Vetores de crescimento.

LORRAINE (desapontada): Ih, Cabeça! O vetor de crescimento não chega em Ramos!!!! O que o Seu Justos quer dizer com padrão de ocupação? Eu te falei Cabeça, não gosto daquele cara lá do quadro dos ex-prefeitos! O Sr. Justos Guerra tem se vestido parecido com ele! O terno, o cabelo e agora, o discurso!

CABEÇA (calmo): Moça, pára com essa conversa de fantasma! Deixa o moço da foto parecido com Sr. Justos lá na Galeria dos Ex-Prefeitos! O que estou entendendo é que o crescimento não será para os nossos lados! E, vem cá? E agora com Copa do Brasil, o Projeto Olímpico na nossa cidade, será que o crescimento vai chegar até a gente? Ou será que vai ser sempre para os lados depois do túnel Rebouças?

LORRAINE (faz sinal de silêncio): Espera, Cabeça! A Josi está passando o microfone para o cara da imprensa!

ASSESSORIA DE IMPRENSA: “Copacabana, uma das mais famosas praias do mundo, tem 6 quilômetros de extensão, dos quais quase um quinto será tomado por instalações a serem usadas nas Olimpíadas. São três grandes estruturas que ocuparão a areia. Na frente da Avenida Princesa Isabel, será montado o complexo da Arena do Vôlei de Praia. Na altura da Rua Figueiredo Magalhães, ficará a loja oficial da Rio 2016, para a venda de produtos licenciados. Diante da Rua Bolívar, será erguido o prédio dos Serviços de Transmissão Olímpica, com estúdios de TV”.

CABEÇA (tranquilo, mas incomodado): Ih, Lorraine, não tem nada mesmo para os nossos lados, o investimento é só para a zona sul e oeste da cidade! Vamos ter que nos tornar moradores da zona sul!

LORRAINE (com ar sínico): E ganhar na megasena também! Porque mesmo que eu vendesse toda minha casinha, não conseguiria morar lá, não! Acho que nem quero!



A BFF é vizinha da Neta de Judith, mora no bloco B da Rua Alberto de Campos, em Ipanema, Rio de Janeiro/RJ. Além de *best friend* das recentes descobertas cariocas, é antiga parceira de GPMC (Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura, IPPUR/UFRJ). Nesse sábado, a BFF estava num devir saci, agitada e falante, queria levar a Neta de Judith para o samba da Portela, em Madureira. A perturbação era tanta que só sossegou (aparentemente) quando Neta de Judith decidiu acompanhá-la até a Portela.

A Neta de Judith ainda estava se reinventando como mulher, mãe e doutoranda, não sabia como driblar o trânsito, a violência, nem os afetos que estavam se apresentando na cidade que todos chamavam de maravilhosa. A BFF a ajudou escolher uma bela roupa, ensinou a esconder o cartão e a identidade, deixando apenas o dinheiro do metrô e do trem no bolso. Quando Neta de Judith se olhou no espelho, já se sentiu plena, purpurinada, já havia se tornado numa portelense e não numa portoalegrense.

O caminho até Madureira foi divertido, BFF estava mascarada, sorria e roubava risadas de todos que cruzavam o caminho dessas duas jovens purpurinadas. Os olhares não eram de repressão, mas de troca, brincadeira e desejo de querer fazer parte daquela brincadeira que já tinha começado desde o entardecer de sábado.

A saída do trem foi um pouco confusa, muitas luzes, sons urbanos e música alta, as lojas estavam fechando e a

cidade já estava se tornando noturna, o que precisa de cuidado redobrado. A brincadeira se desenrolou nas ruas de Madureira, mas sempre com olhar atento de BFF que dizia: “Neta de Judith, fique esperta!”. Ao mesmo tempo que riam caminhando pela rua, BFF apertava o passo para chegar na quadra da Portela.

Quando chegaram na Portela, foi uma alegria imensa, a águia (símbolo da escola) era maior do que se imaginava, havia muitas pessoas sorrindo e alegres e bebidas e cheiros e movimentos espontâneos do corpo que faziam o coração da Neta de Judith bater, cada vez mais forte. A Neta de Judith ficou parada perto do núcleo central da quadra, vendo as baianas rodarem e deslizarem naquele chão que refletia os giros das saias. Foi quando ela observou um tumulto e escutou BFF chamando:

BFF: Neta de Judith! Venha, Venha! Olha quem está aqui! Justos Guerra!

Quando Neta de Judith se aproximou do tumulto, a BFF já tinha se tornado um redemoinho em volta de Justos Guerra.

BFF (girava em volta do prefeito): Fala, Justinho! Quer dizer que vai remover as pessoas da Vila Autódromo em troca de um aluguel social?

JUSTOS GUERRA (estava encantado pelos giros de BFF): Veja bem, estou valorizando e dando uma oportunidade de uma nova vida para as pessoas que residem lá e, ainda, deixando um legado para a cidade do Rio de Janeiro!

BFF (com deboche): Você pode falar o que quiser, mas para ela (apontando para Neta de Judith), duvido! Ela é aluna do Programa de Pós-Graduação do IPPUR, faz doutorado em Planejamento Urbano e estuda as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro! A gurria é experta!

Naquele momento, a Neta de Judith não sabia o que fazer, pois sentia como se tivesse sem fantasia, desnuda, restando apenas um leve sorriso, enquanto a BFF sumia girando no meio do samba. Foi nesse momento que conheceu Josi (secretária do prefeito). Ela veio na direção da Neta de Judith e estava com dois fotógrafos.

JOSI: Moça, você aí, venha tirar uma foto com Sr. Justos Guerra! Ele quer te fazer uma proposta, quem sabe uma oportunidade de emprego!

Naquele instante, a Neta de Judith só pensava no Spy que, com certeza, saberia o que fazer ou propor algo mágico para fugir daquela emboscada. Como não estava perto de Spy e tampouco da BFF, Neta de Judith tornou-se, gaúcha novamente, por alguns instantes:

NETA DE JUDITH: Tu fazes o favor de desligar essa luz do flash, não quero tirar fotos com ninguém! Não sou daqui, só vim estudar no Rio de Janeiro!

Por um instante funcionou, enquanto pensava numa alternativa de fuga. Mesmo assim, Justos Guerra e Josi se aproximaram da Neta de Judith, mas sem a luz da câmera dos fotógrafos ofuscando o olhar dela.

JUSTOS GUERRA: Tenho maior consideração com Ippur! Quero saber um pouco mais do seu trabalho! Parece ser muito interessante! Mas o que seriam as bordas de água? Gostaria que fosse expor seu trabalho e conversar comigo no meu gabinete!

A Neta de Judith se sentiu invadida com a tal pergunta. Não queria falar. Sentiu-se acuada. Num lapso de ingenuidade, acabou passando o número do celular para Josi como uma alternativa de fuga. O que Neta de Judith não imaginava que, meses depois, Josi passaria informações e documentos sobre o projeto do Porto Maravilha e da Vila Olímpica. Logo depois de passar o número do telefone, a BFF surge como um redemoinho e intervém:

BFF: Ela não vai passar telefone algum! E esse seu chapéu, bordado com o nome da Portela, agora, é meu! Sr, Justos Guerra, não é assim que o senhor faz? Chega removendo a população, marcando as casas com a sigla SMH (Secretaria Municipal de Habitação)! Pois, agora esse chapéu é meu!

Naquele momento, Justos Guerra estava seduzido pelas palavras e movimentos da BFF. Justos Guerra, tirou o chapéu e deu a BFF. Naquele momento, a Neta de Judith ficou sem palavras, apenas saiu caminhando rapidamente ao lado de BFF que saltitava dando gargalhadas.

BFF: Precisamos contar nossa aventura para o Spy! Vamos logo para casa! Leva esse chapéu para teu filho, mas só depois que chegarmos em Ipanema! Estou certa de que o guri será um amante do samba!

BFF e Neta de Judith saíram rindo desde Madureira até Ipanema!



AUDIÊNCIA PÚBLICA (PREPARATIVOS)

Na manhã da Audiência Pública do projeto Porto Maravilha que seria implantado na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, o Sr. Justos Guerra chama Josi no seu gabinete e lhe entrega o material sobre o projeto que deverá ser lido pelo Deputado e Presidente da Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro. Além do material, Justos Guerra entrega um uniforme olímpico para a Josi (Fig.18).



JUSTOS: Josi, vista esse uniforme que foi elaborado para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro! Esteja no início da tarde para verificar o discurso e falar com Presidente da Câmara de Deputados, assessores e agente da Caixa Econômica Federal! O objetivo é aprovar o Requerimento nº 23, de 2001¹¹² para implantar as obras do Porto Maravilha! Vamos revitalizar o Rio de Janeiro! Remodelar, embelezar como diria nosso antigo prefeito Pereira Passos!

Figura 18. Josi uniformizada. Fonte: desenho da autora

¹¹² Audiência Pública, Porto Maravilha realizada pela CÂMARA DOS DEPUTADOS – DETAQ. Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio. Número: 1304/11, 31/08/2011.

JOSI: Mas, Sr. Justos as políticas públicas estão diretamente associadas às questões políticas e governamentais que mediam a relação entre Estado e sociedade. O senhor não vai? Quem irá fazer essa mediação? Eu não tenho condições de realizar!

JUSTOS: Josi, nesse momento é melhor eu não aparecer, pode ter alguém da Universidade, movimentos sociais, assessores de imprensa que não concordam com meu governo. Não quero criar polêmica em um dos momentos mais importantes desse projeto! Cabeça irá te levar e vai te acompanhar até o final da Audiência Pública! O uniforme é a propaganda, marketing!

JOSI (apreensiva): Ok, Sr. Justos, mas hoje não me sinto uma atleta olímpica, apenas alguém que irá divulgar as futuras ações do governo!

JUSTOS GUERRA: Isso mesmo! Remodelar, reinventar! Esse é o nosso lema!

CABEÇA: Vamos moça! Temos um longo caminho e o trânsito tende a aumentar com as obras do viaduto do Gasômetro!

JUSTOS GUERRA: Vão logo! Josi, não fique preocupada, qualquer coisa o vice-prefeito estará lá para lhe dar aquela força!

LEITURA DE DOMINGO – AUDIÊNCIA PÚBLICA

Manhã de domingo, a Neta de Judith recebe uma mensagem de áudio da Josi, secretária do prefeito Justos Guerra. A Josi havia pegado o telefone da Neta de Judith no dia do samba da Portela. Ambas já haviam trocado mensagens de *whatsapp*.

JOSI: Neta de Judith, essa é a resenha da Audiência Pública sobre aprovação e discussão do projeto do Porto Maravilha! Acessa esse link que enviei! Tive a oportunidade de participar da audiência com o futuro uniforme dos jogos olímpicos! Me senti muito esquisita, não tem nenhuma relação com meu jeito nerd de ser! Enfim, acho que a resenha pode ajudar na sua pesquisa, é público, pode usar!

A Neta de Judith preparou um chimarrão e se debruçou sobre o documento nº 1304/11 de 31/08/2011¹¹³ que tratava sobre a audiência realizada pela Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio. Essa audiência teve como objetivo discutir o projeto para o Porto Maravilha que teve o envolvimento da Caixa Econômica Federal como agente estimulador de fomentar a ocupação urbana da zona portuária.

A Neta de Judith, logo pensou: “Fomentar e alavancar a ocupação tendo a Caixa Econômica Federal como agente estimulador”, está parecendo a legitimação do Planejamento Urbano Estratégico¹¹⁴ que permite a realização de obras de urbanização e reurbanização com

¹¹³ Disponível em: <http://diario.tjes.jus.br/2011/20110831.pdf>. Acesso em 12/09/2018.

¹¹⁴ Descrito na Seção XIV Concessão Urbanística, da Lei Complementar 111 de fevereiro de 2011 do Plano Direto da cidade do Rio de Janeiro.

iniciativa pública e privada, mediante licitação de uma empresa.

Para a surpresa da Neta de Judith, esse documento resgatava as intenções do antigo prefeito Francisco Pereira Passos para o embelezamento do centro e modernização do porto da cidade. No alvorecer do século XX, o prefeito Francisco Pereira Passos, durante o governo federal de Rodrigo Alves, coordenou três ações: a modernização do velho porto, o programa de saneamento e embelezamento do centro¹¹⁵.

Essas intenções se legitimavam na fala do Deputado que apresentou o projeto: “Esse projeto é um sonho muito antigo da cidade do Rio de Janeiro. O Porto Maravilha pretende basicamente atuar de maneira combinada no investimento pesado em infraestrutura na região, requalificar a sua infraestrutura urbana, estimular a vinda de empreendimentos residenciais e comerciais, retomar a cultura e a memória da região como um ativo valor agregado. Com a combinação dessas quatro ações, vamos romper com a dinâmica de degradação urbana que a região central vem vivenciando¹¹⁶”.

Para contextualizar espacialmente, o projeto atingia a parte central do Rio de Janeiro, especialmente, a Av. Rio Branco, Presidente Vargas, Francisco Bicalho e Rodrigues Alves, região próxima ao aeroporto Santos Dumont e zonas de abrangência dos principais pontos turísticos do centro cidade (Igreja da Candelária, Centro Cultural Banco do Brasil, Paço Imperial). Essa região também foi importante

¹¹⁵ PINHEIRO, Augusto Ivan (org.). Rio de Janeiro: cinco séculos de História e transformações urbanas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 34.

¹¹⁶ Fragmento retirado da ata da audiência pública, pg.04.

para a consolidação da arquitetura moderna presente nos edifícios sob pilotis da Avenida Presidente Vargas, assim como no Palácio Capanema, região próxima a Cinelândia cujo arquiteto foi Lúcio Costa e Roberto Burle Marx, o paisagista.

Para viabilizar o projeto, foi aprovada na Câmara Legislativa do Rio de Janeiro a lei que cria a operação urbana da região portuária¹¹⁷, conhecida hoje como Porto Maravilha. A Operação Urbana é composta de uma legislação que define um perímetro, ou seja, uma área da cidade. É um instrumento de política urbana criado pelo Estatuto da Cidade com o objetivo de contribuir para a recuperação de áreas urbanas degradadas, em especial de áreas centrais que consiste na autorização de mudança de uso e de aumento de potencial construtivo de determinada região, nesse caso, mediante a compra desse direito de uso através de certificados de potencial adicional de construção.

Segundo o Presidente da Câmara Legislativa “é uma mágica que possibilita a realização do Porto Maravilha. Então, quando se pergunta quem financia a requalificação da zona portuária, quem financia o Porto Maravilha, é o investidor imobiliário que está vindo através da compra desses títulos e do aproveitamento do potencial imobiliário da região¹¹⁸”.

¹¹⁷ Lei Complementar nº 101, 23 de novembro de 2009 – Modifica o plano Diretor e autoriza o Poder Executivo a instituir a Operação Urbana Consorciada da Região do Porto do Rio de Janeiro. Acesso em março de 2015, Disponível em: <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/b39b005f9fdbe3d8032577220075c7d5?OpenDocument>.

¹¹⁸ Fragmento retirado da ata da audiência pública, pg.06.

Naquele momento, a Neta de Judith só pensava na fúria do Professor responsável pelo trezinho das festas do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ), e na Mercedes, moradora da Vila Autódromo, cuja casa estava com a marcação da SMH (Secretaria Municipal de Habitação). Essa marcação foi colocada nas habitações que foram ou iam ser removidas das comunidades do Vidigal, Vila Autódromo e Providência.

Quando Neta de Judith leu essa informação sobre o financiamento da cidade a custo da remoção e da demolição das casas localizadas em zonas de interesse do mercado imobiliário, sentiu raiva e impotência, esbravejando:

Neta de Judith: O que adianta revisar os Planos Diretores a cargo do Ministério das Cidades, como realizei quando estava fazendo mestrado? Por que problematizar a forma como as cidades são planejadas? Se quem planeja a cidade é o investidor imobiliário!

A partir das informações presente na ata da Audiência Pública, a Neta de Judith lembrou de dois acontecimentos espectrais que parecia se repetir: o primeiro foi o mandato do Ex-Prefeito Pereira Passos (1902–1906), no qual 4,200 moradores foram desalojados no aterramento do Morro do Castelo. Outro acontecimento foi o processo de remoção que ocorreu entre 1941–1943, quando o prefeito Henrique Dodsworth elaborou um projeto de higienização das favelas, durante a abertura da Avenida Presidente Vargas. Não sabia precisar

números corretos, mas sabia que quatro favelas tinham sido destruídas e, cerca de 8 mil pessoas foram transferidas.

A Neta de Judith, novamente, questionou em voz alta: Como ficará a vida dessas pessoas removidas? E o acesso as praias e demais espaços públicos que são de uso comum do povo? Ao mesmo tempo que está na Lei do Plano Diretor, artigo 19, Subseção 3, a mesma lei diz que as áreas de domínio público podem ser ocupadas desde que seja concebido caráter excepcional e precário! Mas quem define o que é excepcional? E o que é precário? Precário para quem?

Pausa do chimarrão, a Neta de Judith já estava um tanto enjoada de ler o documento nº 1304/11 de 31/08/2011. Eram tantos assuntos ligados com a história urbana da cidade e tantas questões que fizeram com que a Neta de Judith fizesse uma pausa na leitura.

REFLEXÕES DA NETA PROVOCADAS PELA LEITURA DE DOCUMENTOS DO PLANEJAMENTO URBANO (PUR).

Numa noite qualquer, dentre tantas outras noites, Neta de Judith, depois que o filho adormeceu, tenta entender o planejamento urbano das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Ler a lei do Plano Diretor era tão monótono que o som do chorinho ali do bar da esquina e o desejo do chope gelado causavam lapsos de dispersão contínua.

As páginas do Plano Diretor do Rio de Janeiro eram como as páginas do Plano Diretor de Porto Alegre, ao mesmo tempo que se parecem, ou que Porto Alegre tende a repetir algumas características do Rio de Janeiro, são muito diferentes em escala e modos de apropriação dos espaços urbanos. Porém, ambas cidades são divididas em setores, macrozonas, possuem diretrizes de ordenamento, uso e ocupação do solo através de atividades e funções. As áreas de borda de água são áreas de proteção natural, salvo que aqui (do cais do Porto até o fim do Leblon) são áreas classificadas como macrozona condicionada e macrozona controlada, o que não quer dizer muita coisa também.

Essa forma de dividir a cidade em setores acionava outras leituras sobre História do Urbanismo no Brasil realizada no Doutorado em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). A Neta de Judith lembrava de uma das aulas do doutorado cujo tema foi a incorporação da questão urbana na Era Getúlio Vargas no qual buscava estabelecer melhorias nas cidades em detrimento da industrialização. Assim os

interventores e pensadores das cidades previram obras viárias para a melhoria da circulação, abertura de avenidas e o alargamento de ruas, construção de aterros, abertura de canais, criação de perimetrais incorporando princípios de zoneamento e criação de instrumentos normativos (índices urbanísticos e códigos de edificação)¹¹⁹.

Os discursos sobre usos, atividades e funções também se intensificaram nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs) e na Carta de Atenas, documento decorrente da Assembleia do CIAM de 1933 que pensava a urbanização através de uma nova forma urbana – a ordem funcional. A proposição de usos foi evidenciada no Movimento Moderno¹²⁰, fundamentando os princípios da ordem, hierarquia, estrutura, forma e função, controle e definição dos espaços através do desenho arquitetônico e urbano (CORBUSIER, 2002).

Nesse sentido, a Era Vargas (1930-1945), os CIAMs e Carta de Atenas (1933), pareciam estar datadas, meramente, por uma questão cronológica, pois as questões urbanas relacionadas aos princípios de zoneamento e função aparecem,

¹¹⁹ Espectro de Bordadinhos - Bordado EV: Planos Urbanísticos (parte I) - Era Vargas, dessa trama-tese. Fonte: FELDMAN, Sarah. As Comissões de Planos da Cidade na Era Vargas. REZENDE, Vera (org.). Urbanismo na Era Vargas: as transformações das cidades brasileiras. Niterói: Editora da UFF / Intertextos, 2012, pp. 21-45.

¹²⁰ Modernismo, movimento artístico e cultural (que já acontecia na Europa e Estados Unidos) foi difundido no Brasil a partir da Semana da Arte Moderna, realizada em 1922. Entre os arquitetos de destaque no Movimento Moderno brasileiro estão Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy e os irmãos Marcelo e Milton Roberto.

espectramente, nas leituras da Lei do Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro de 2011.

Essa forma de conceber a cidade é tão genérica que poderia ser qualquer uma das cidades avaliadas na revisão dos Planos Diretores do Ministério das Cidades, no qual a Neta de Judith foi revisora dos planos participativos em 2009. Em outras palavras, o planejamento urbano para as bordas de água da cidade do Rio de Janeiro não abordava e tampouco bordava os diferentes modos de ocupação, nem paisagens além da borda, apenas abordava e nomeava enquanto macrozona condicionada e macrozona controlada.

Diante desse cenário do urbanismo moderno, a Neta de Judith pensou alto: “Que bom que, existiu, o movimento dos desurbanistas!”

Os desurbanistas apresentavam soluções técnicas para a crise da cidade capitalista, não vinculando o debate apenas à forma e a função das cidades, tendo uma perspectiva de organização socialista do espaço (HOLSTON, 1993). Esse movimento teve maior influência nas cidades da URSS do que nas cidades brasileiras, pois foram vistos pelos modernistas *le corbusianos* como arquitetos visionários.

NETA DE JUDITH pensou: Será que sou, também uma desurbanista porque já não me sinto mais arquiteta modernista desde que ingressei no Ippur-UFRJ?



VISITA AO MUSEU DA REPÚBLICA – RIO DE JANEIRO

Num final de semana de julho, porém muito especial, a Filha de Judith estava visitando a Neta de Judith na cidade do Rio de Janeiro. Acordaram relativamente cedo, fizeram chimarrão e pegaram o metrô na estação General Osório, em Ipanema. A cada parada do metrô, o Bisneto de Judith falava o nome das estações para mostrar a avó que estava sabendo tudo da nova cidade.

FILHA DE JUDITH: Que pena filha, não estamos indo por cima, queria ver o mar! Me sinto um tanto sufocada! Gosto de pegar vento!

Rapidamente, Bisneto de Judith falou (com aquele semblante de conhecimento): “Vó, é mais rápido e você escuta musiquinhas! Na volta eu te levo no quiosque da Márcia, no posto 9 de Ipanema, aí você vai ver o mar”.

Os três passeantes desceram na estação do Catete, em frente ao Museu da República, pararam, tiraram fotos e decidiram visitar o Museu, antes de tomar o chimarrão nos jardins do Palácio. Logo, na entrada, havia uma grande escadaria em madeira com um carpete vermelho que parecia dar as boas-vindas aos visitantes.

Na medida que iam visitando os ambientes, a Filha de Judith resgata algumas memórias: “lembra do teu tio? o Alcides, ele parece com Getúlio! Você não acha?”.

Neta de Judith concordava, pois ambos eram baixinhos, modos de vestir parecido, carecas, gordinhos, tinham morado

na mesma cidade, São Borja no Rio Grande do Sul. Porém, a semelhança não era apenas uma coincidência.

Enquanto a Filha de Judith relembrava as memórias sobre as lutas sindicais no sul do Brasil, a Neta de Judith sentia calafrios e arrepios, quando resolveu externalizar e falar com sua mãe:

NETA DE JUDITH: “Mãe, toda vez que entro neste Museu, sinto arrepios, principalmente, no escritório de Getúlio Vargas. Acho que fico emocionada de ver os manuscritos colados na mesa e de sentir a história viva através das palavras”.

FILHA DE JUDITH: “Nada, filha! Talvez seja porque Getúlio Vargas era nosso parente! Lá na casa da Judith tem um quadro na parede explicando a nossa árvore genealógica. Mas, quem estudou sobre nosso parentesco com Getulinho foi o teu tio Alcides. Liga para ele, mas que não seja um dia de jogo do Grêmio, porque ele não dá atenção a ninguém!

Nesse momento, ocorreu um devir gaúcho na Neta de Judith que se apresentou através do sotaque carregado de palavras e expressões regionais e no modo corpóreo de como segurar a cuia e a térmica do chimarrão.

NETA DE JUDITH: Mas mãe, que parentesco é esse?

FILHA DE JUDITH: Não sei explicar muito bem, teu avô não gostava muito de Getúlio porque parece que ele apostou o dinheiro da família em corrida de cavalos. Teu avô era parente da mãe de Getúlio, a Ana!

NETA DE JUDITH: Nossa mãe, nem imaginava!

FILHA DE JUDITH: Sim, acho que a herança familiar me fez participar do Sindicatos dos Professores do Rio Grande do Sul (SEPERGS)! Sempre lutei pela classe trabalhadora! E não quero dizer nada, mas você está indo pelo mesmo caminho!

Neta de Judith sorriu.

NETA DE JUDITH: Mãe, vou querer saber mais dessa história toda! Agora vamos lá nos Jardim que tem um guri aflito pra brincar?

FILHA DE JUDITH: Vamos, antes que esfrie a água do chimarrão!

O Bisneto de Judith correu rapidamente para garantir o lugar no balanço do parquinho. Filha e Neta de Judith buscaram sentaram-se na saliência do muro, na borda que separa o jardim do passeio público para *charlar*¹²¹, tomar mate e olhar as peripécias do Bisneto de Judith que adora exibir-se para sua vó.



MUSEU DO AMANHÃ, QUAL AMANHÃ?¹²²

¹²¹ Charlar, modo argentino e/ou expressão gaúcha utilizado na fronteira do Rio Grande do Sul que significa conversar por mero passatempo, sem assunto determinado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charlar/> Acesso: 22 de dezembro de 2021.

¹²² Fragmentos retirados da reportagem intitulada Samba do Prefeito, escrita por Malu Gaspar, edição 114, março de 2016 da Folha de São Paulo. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-samba-do-prefeito/>. Acesso em dezembro de 2018.

O auditório do Museu do Amanhã¹²³ estava lotado. Ministros, deputados, pesquisadores, empresários e celebridades acompanhavam a cerimônia de inauguração do museu, na zona portuária do Rio de Janeiro. A autoridade máxima convidada foi a presidente do Brasil que seria a última a discursar. O anfitrião, prefeito Justos Guerra, foi quem abriu a solenidade.

JUSTOS GUERRA: Boa tarde a todos. Por que tanta coisa acontece no Rio de Janeiro neste momento? Deve ser porque a cidade tem um prefeito excepcional, maravilhoso e muito modesto.

Sobressaem risos no auditório.

JUSTOS GUERRA: As Olimpíadas podem servir para se fazer muita coisa ou para não se fazer muita coisa. E é óbvio que eu me utilizei disso. Eu brinquei com a presidente que, quando ela era ministra da Casa Civil, eu dizia que era preciso liberar 600 milhões de reais para fazer os piscinões da Praça da Bandeira, porque o Maracanã podia alagar na abertura da Olimpíada. Só que tem um detalhe: em agosto não chove no Rio de Janeiro, então aquilo não alagaria nem por um decreto. Fez uma breve pausa, colhendo mais risos da plateia, e completou: Enfim, ela liberou o cheque.

Logo depois do breve discurso de Justos Guerra, Josi entrega o discurso para a presidenta, que leu, fazendo poucos improvisos.

¹²³ O Museu do Amanhã, obra pós-moderna do arquiteto Santiago Calatrava faz parte das obras do Porto Maravilha, especificamente do Píer Mauá. Foi inaugurada no dia 17 de dezembro de 2015 e contou com o apoio da Fundação Roberto Marinho. Estima-se que o custo total chegou, aproximadamente, 230 milhões de reais. The Guardian, ed. (17 de dezembro de 2015). «*Museum of Tomorrow: a captivating invitation to imagine a sustainable world*». Consultado em 21 de dezembro de 2015.

PRESIDENTA DO BRASIL: O prefeito do Rio de Janeiro tira o que tem de melhor nas pessoas, é dono de uma imensa capacidade de trabalho.

As palavras da presidenta potencializavam o sorriso largo do prefeito que, por vezes passava a mão sobre a cabeça, do lado esquerdo para o direito, como se organizasse os fios que começavam discretamente a rarear.

Terminada as falas da cerimônia inaugural, o prefeito convidou para que todos fossem até o salão principal onde seria servido um coquetel, tipicamente carioca, cujo cenário era a vista noturna da Baía da Guanabara.

Josi auxiliava na organização dos garçons que serviam cachorros-quentes, biscoitos Globo, saquinhos de pipoca, mate e cerveja.

O prefeito circulava entre os convidados com uma lata de cerveja na mão, vestido de um terno cinza que escondia uma camisa branca despojada, sem gravata. Conversava com todos os convidados, repetindo, várias vezes:

JUSTOS GUERRA: Eu sou o homem mais feliz do mundo, porque sou prefeito desta cidade. Quero ser reconhecido como o prefeito que mais transformou o Rio de Janeiro desde Carlos Lacerda e Pereira Passos.



ESPECTROS SOBRE A VILA AUTÓDROMO

Numa manhã de quinta-feira, a Neta de Judith pegou o ônibus 485, na Praça General Osório, em direção a Ilha do Fundão, onde fica a cidade universitária. Antes uma ressalva, a sede do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) ficava no edifício Jorge Machado Moreira também conhecido como prédio da reitoria que passou por um incêndio na noite de outubro de 2016, transferindo a sede do IPPUR para o edifício da Faculdade de Letras. Porém, essa manhã de quinta-feira, a sede do IPPUR/UFRJ se encontrava, ainda, no edifício Jorge Machado Moreira.

Nesse dia, um grupo de professores do IPPUR aguardava os alunos de mestrado e doutorado sob os pilotis do edifício Jorge Machado Moreira para irem juntos até a Vila Autódromo, na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A Vila Autódromo era alvo das intervenções olímpicas do Sr. Justos Guerra e neste dia, estava ocorrendo uma manifestação contra as remoções das casas dos moradores para a finalização das obras do Complexo Olímpico.

Localizada ao lado do Parque Olímpico, a Vila Autódromo é uma comunidade, predominantemente, habitada por pessoas de baixa renda. A memória das remoções faz parte de um processo que se iniciou nos meados dos anos de 1980 quando a ocupação da Barra da Tijuca e Recreio passaram por um processo de transformação física e social através da construção de condomínios fechados tendo o mercado imobiliário como principal agente impulsionador dessa transformação.

A justificativa usada pelo mercado imobiliário para a retirada da população da Vila Autódromo foi por estar localizada na faixa marginal de proteção da Lagoa de Jacarepaguá. Mesmo com o projeto de regularização fundiária realizado na década de 1990, não foi o suficiente para evitar as remoções. Com muito custo e resistência, de acordo com Censo 2010 (IBGE), ainda restavam 1.252 habitantes, na pequena faixa limitada pelos muros do Autódromo Nelson Piquet, pela Lagoa de Jacarepaguá e pela Avenida Embaixador Abelardo Bueno, corredor urbano que se estende até o final da zona oeste da cidade¹²⁴.

A urbanização da Barra da Tijuca se intensificou com a implementação do Plano de Lúcio Costa em 1969 que tinha como objetivo disciplinar a ocupação urbana¹²⁵. Na implementação do plano, havia o desejo, em especial dos proprietários de terra, que com a finalização da construção dos túneis que davam acesso a Barra da Tijuca, a urbanização da região ocorresse nos moldes da zona sul, onde o aglomerado de edifícios coexistia com a presença das favelas.

A intenção do arquiteto Lúcio Costa foi pertinente para a década de 1960, pois um dos pontos relevantes do Plano Piloto era a ocupação, predominante, por moradias, escolas e comércio, o que atendia os desejos dos moradores locais.

¹²⁴ VAINER, Carlos; BIENENSTEIN Regina; TANAKA, Giselle Megumi Martino; OLIVEIRA, Fabricio Leal de; LOBINO, Camilla. O PLANO POPULAR DA VILA AUTÓDROMO, UMA EXPERIÊNCIA DE PLANEJAMENTO CONFLITUAL. V. 15 n. 1 (2013): ANAIS DO XV ENANPUR, Pág.04.

¹²⁵ REZENDE, V. e LEITÃO, G. Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá. Avaliação dos ideais modernistas após três décadas. Seminário DOCOMOMO Brasil, 5, 2003, São Carlos. São Carlos: DOCOMOMO, 2003.

Porém, em 1980, quando o mercado imobiliário interveio, os usos e as funções se modificaram, os vazios se tornaram condomínios fechados ocupados pela classe média e alta¹²⁶.

Além dos condomínios fechados elevarem o valor da terra, houve também, a restrição e seleção dos tipos de empresas que poderiam atuar na região da Barra da Tijuca. Segundo Adauto Lúcio Cardoso (1989): “Qualquer grande empreendimento na Barra da Tijuca, para ser realizado dependia da liberação de terras por parte dos grandes proprietários¹²⁷”.

Assim, a remoção da população da Vila Autódromo não é algo contemporâneo. Essa história vem sendo escrita desde o Governo de Cesar Maia e o mandato de Eduardo Paes na Subprefeitura da Barra da Tijuca. Contemporaneamente, a remoção dos moradores da Vila Autódromo esteve associada à proximidade com o Parque Olímpico, principal complexo poliesportivo das Olimpíadas de 2016. Esse parque foi construído em uma área pública do município do Rio de Janeiro. A construção foi realizada através da parceria público-privada (PPP) cujo único participante e ganhador foi o Consórcio Rio Mais, formado pelas empresas Norberto Odebrecht, Andrade Gutierrez e Carvalho Hosken¹²⁸. O

¹²⁶ RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. Pág.314.

¹²⁷ CARDOSO, Adauto Lucio. O espaço do capital: a Barra da Tijuca e a grande promoção imobiliária. Anais. Encontro Nacional da ANPUR, Águas de São Bento. v. 3, 1989, p. 156-175.

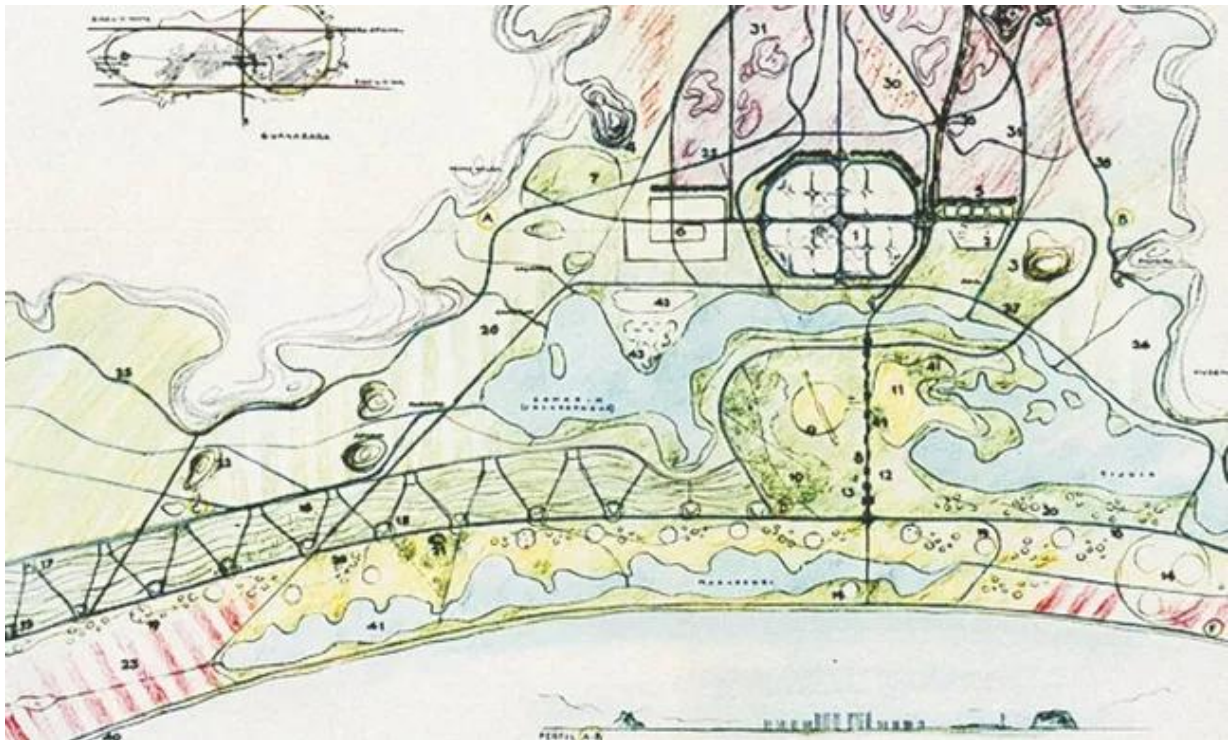
¹²⁸ A empresa Carvalho Hosken foi apontada como a maior beneficiária dos jogos olímpicos, com um ganho estimado em US\$ 1 bilhão. The Guardian: O empresário carioca na esperança de um legado olímpico próprio de bilhões. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2015/aug/12/o->

Consórcio Rio Mais tinha como obrigação construir a infraestrutura e parte das instalações e, em contrapartida, o Consórcio ganhou, além de uma remuneração em dinheiro, o repasse de 800 mil metros quadrados de terra pública¹²⁹.

Essas informações só fomentam a pensar que as intervenções contemporâneas na Vila Autódromo não são recentes, assim como o modo de planejar a cidade do Rio de Janeiro através de incentivo privado também não são novidades do planejamento urbano estratégico. São repetições que se dão desde a gestão do prefeito Pereira Passos, o Governo de Cesar Maia até chegar nas intervenções olímpicas da Vila Autódromo.

empresario- carioca-na-esperanca-de-um-legado-olimpico-proprio-de-bilhoes>. Acesso em: 18 dezembro de 2016.

¹²⁹ MEDEIROS, M. Megaeventos e direito à moradia: como opera o empreendedorismo urbano no contexto do neodesenvolvimentismo. O caso do Parque Olímpico no Rio de Janeiro. 2014. 156p. Dissertação (Mestrado em Direito à Cidade), Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



Mapa 0 5. Ilustração do Mapa da Barra da Tijuca feito por Lúcio Costa para o Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá | Acervo Pessoal/Edmundo Musa. Fonte: Jornal O Globo. Data: 23/06/2019.

Bordadinho:

O arquiteto e urbanista Lúcio Costa fez o Plano Piloto para a Barra da Tijuca! Se não me engano foi na década de 1970. Época moderna! Ai, esse Modernismo está sendo o Uno (do N-1) que está sempre tensionando a abordagem das bordas de água! Parece que quanto mais quero ser uma desurbanista, mais me torno especialista em Modernismo!



CONHECENDO A VILA AUTÓDROMO

Do fundão, a Neta de Judith e seus colegas do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) partiram em direção a Vila Autódromo. Foram pela linha Amarela, passando pela Comunidade da Cidade de Deus, bairro Taquara, até a Barra da Tijuca. Quando chegaram na Vila Autódromo, havia panfletos e faixas espalhadas pelos moradores que reivindicavam o direito de permanecer nas suas casas.

Na entrada da rua principal estavam armadas barricadas com pneus e cones que impediam o acesso da polícia e, principalmente, das máquinas da Prefeitura Municipal que entravam derrubando as casas marcadas pela Defesa Civil. Na semana anterior, havia tido um conflito entre a polícia militar e moradores, no qual vários moradores foram feridos com cassetetes, balas de borracha e gás lacrimogêneo. O decreto para removê-los de suas casas foi emitido pelo prefeito no início do ano de 2016, embora os moradores tivessem o uso legal da terra adquirida através do Processo de Regularização Fundiária.

Logo após as barricadas, havia uma espécie de container, como se fosse um canteiro de obras, onde estavam expostos mapas, notícias, Plano Piloto de Lúcio Costa, decretos municipais, estaduais e federais. Esse local foi construído pelos moradores com a ajuda dos alunos e professores do IPPUR/UFRJ.

Logo na entrada desse container, a Neta de Judith escutou a Mercedes, moradora da Vila Autódromo.

MERCEDES (gritando): Vocês não acreditam!!!! O Sr. Carvalho, em uma entrevista para o jornal *The Guardians*, falou que os pobres já possuem o espaço para viver! Esse espaço é a periferia da cidade! Sabem o que mais aquele senhor disse? “Eles (nós) estão indo pra moradias no padrão deles, eles (nós) têm que sair.”! Vamos deixar?

Mercedes continuava falando alto, enquanto Neta de Judith e seus amigos se aproximavam.

MERCEDES: O processo de remoção está sendo realizado pelas autoridades, municipais e estaduais. A maioria dos moradores aceitaram acordos ou foram transferidos para lares temporários, a cerca de 1 km de distância daqui. No entanto, aqueles que não quiseram sair de suas casas levaram a pior. Fomos atacados com balas de borracha e gás lacrimogênio! Merecemos sair de nossas casas? Temos documentação, minha casa é minha!

Logo após terminar o discurso, Mercedes, já com a voz trêmula e rouca, sai do container para fumar um cigarro. Neta de Judith vai atrás e oferece um isqueiro, que havia pegado com um colega do doutorado.

NETA DE JUDITH: Maria, quer um isqueiro? Deixa acender este cigarro para ti.

MERCEDES: Obrigada, lindona! Mas você com esse sotaque, não é daqui. De onde você é? O que faz aqui?

NETA DE JUDITH: Não, faz um ano que vim para cá. Sou gaúcha, faço doutorado no IPPUR, na UFRJ. Lá em Porto Alegre, estudei uma comunidade de pescadores que foi transformada em condomínios de alta renda. Porém, a expulsão se

deu de forma indireta pela ação do mercado imobiliário, não teve remoção e nem violência armada. Como está acontecendo aqui, nunca vi nada igual anteriormente.

MERCEDES: Aqui também tem pescadores, quero dizer, tinham pescadores, pedreiros, professores, donas de casa. Nem sei onde foram parar! Embora não fôssemos tão próximos, vivíamos em comunidade, eu sabia quem eram os filhos dos meus vizinhos e vice-versa! Uma tristeza isso! Quer dar uma volta? Você quer ver o que restou da nossa comunidade?

NETA DE JUDITH: Seria muito bom te ouvir, mas se quiser apenas caminhar te acompanho.

Mercedes e Neta de Judith percorreram, caladas, as ruas da Vila Autódromo. Parecia um cenário de guerra, havia terrenos com muros e destroços de casas, paredes marcadas com a sigla SMH (Secretaria Municipal de Habitação) fadadas a demolição, crianças que corriam no meio daquele cenário cinza que cheirava a cimento e pó. Nas sobras de algumas paredes, ainda restavam desenhos e figurinhas dos álbuns das crianças (Fig.19).

Neta de Judith acompanhava Mercedes que caminhava em direção a lagoa. Havia uma árvore frondosa e um banco de madeira descascado e um úmido. Mercedes convidou Neta de Judith para sentar-se.

MERCEDES: Senta, minha filha.

SACIGEPMECÊ (sussurrando no ouvido da Neta de Judith):
Peça um cigarro, garota!

NETA DE JUDITH: Mas eu não fumo cigarro.

SACIGEPMECÊ: Fuma, nesse momento, sim!

NETA DE JUDITH (num devir fumante): Me dá um cigarro, Mercedes?

MERCEDES: Claro! Cigarro ajuda a colocar o silêncio para fora. Hoje, mesmo, Sr. Luis, pescador, foi embora, desistiu de lutar. A mãe dele estava doente e ele não podia colocar a vida dela em risco. Cada morador que vai, sinto um aperto no peito e uma fraqueza para lutar. Costumo vim aqui, nesse banco para recarregar as energias. Gosto dessa árvore, de ver a água da lagoa, embora, as vezes, os cheiros não sejam bons. Sou devota de Oxum! Preciso da água para viver!

NETA DE JUDITH (num devir ainda fumante): Sou devota a Nossa Senhora Aparecida. Tenho uma medalhinha que minha mãe me deu antes de embarcar para o Rio de Janeiro.

MERCEDES (sorrindo): Nossa Senhora Aparecida, na religião de matriz africana, é Oxum!

Esse foi o único sorriso de Maria durante aquela conversa. Nesse momento, começou a ventar forte, levantando a saia estampada de Maria.

MERCEDES: Vamos, minha filha, Oxum está dizendo para nós voltarmos! Já me sinto forte, hoje teremos vigília para evitar a entrada da polícia militar.

NETA DE JUDITH: Vamos, vou tentar falar com minha hermana do Sul para ver se ela cuida do meu filho essa noite! Vou tentar passar a noite em vigília com vocês!



Figura 19. Cenário de destruição da Vila Autódromo. Fonte: desenho da autora

NOTÍCIAS SOBRE A VILA AUTÓDROMO

Era uma terça-feira, mas não uma terça-feira qualquer, ventava muito no apartamento da Neta de Judith. Os vidros pareciam gritar erguendo as folhas de papel da bancada de estudos. Ao levantar-se da cadeira para tentar fechar a janela, Neta de Judith recebe uma mensagem do SaciGepemecê.

SACIGEPEMECÊ: A casa de Mercedes foi demolida!

NETA DE JUDITH (angustiada): Báh! Não acredito! E Mercedes está viva? Ela entrou em confronto? Não a machucaram? Onde ela está?

SACIGEPEMECÊ: Calma, guria! Ela está bem, na medida do possível! Vou te passar um contato para você falar com ela. Talvez ela demore para responder, está um tumulto na Vila Autódromo.

Essa informação veio de uma aluna de mestrado do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) cuja pesquisa empírica era a Vila Autódromo. Nesses dias sombrios de demolição, alguns alunos, pesquisadores e professores pernoitaram e fizeram barricadas tentando impedir a entrada das máquinas que fariam a tábula rasa na Vila Autódromo.

Neta de Judith sente uma moleza nas pernas, o vento se escassa e o desejo de rezar e pedir proteção para Mercedes era enorme. Infelizmente, era a única coisa que Neta de Judith poderia fazer enquanto não recebia a mensagem de Mercedes. Instantes depois, a imagem da destruição chega por mensagem do whatsapp (Fig.20).

NETA DE JUDITH (desolada): Meu Deus do céu! Será que eu morava em outro mundo antes de vim para o Rio de Janeiro? Por que fazer isso com os moradores locais. Estudei a comunidade dos pescadores das ilhas em Porto Alegre que também foram expulsos pelo incentivo do mercado imobiliário, mas não dessa forma, de uma violência armada que mutila vidas e sonhos!

SACIGPEMECÊ: Guria! O que aconteceu em Porto Alegre também não foi violência? Você pensa que o mercado imobiliário também não mutilou o sonho de dezenas de pescadores? Porém aqui, os interesses estão a cargo de investidores internacionais, de venda de uma cidade olímpica que a mídia também se favorece! Guria, aqui a chapa é mais quente como diz tua amiga BFF. Tente te acalmar, quando Mercedes entrar em contato, me avise, por favor!

Passaram-se dias e longas noites, as barricadas foram desfeitas e Mercedes não respondeu as mensagens para a Neta de Judith. A única notícia de Mercedes vinda pelos alunos do IPPUR que estavam nas barricadas era que Mercedes havia entrado em confronto com a polícia e que havia sido atingida por uma bala de borracha no olho esquerdo.

Neta de Judith chorou por tristeza e impotência.



Figura 20. Fotos das demolições da Vila Autódromo. Fonte: fotos do grupo dos alunos do Ippur que faziam parte das barricadas. Montagem: Neta de Judith.

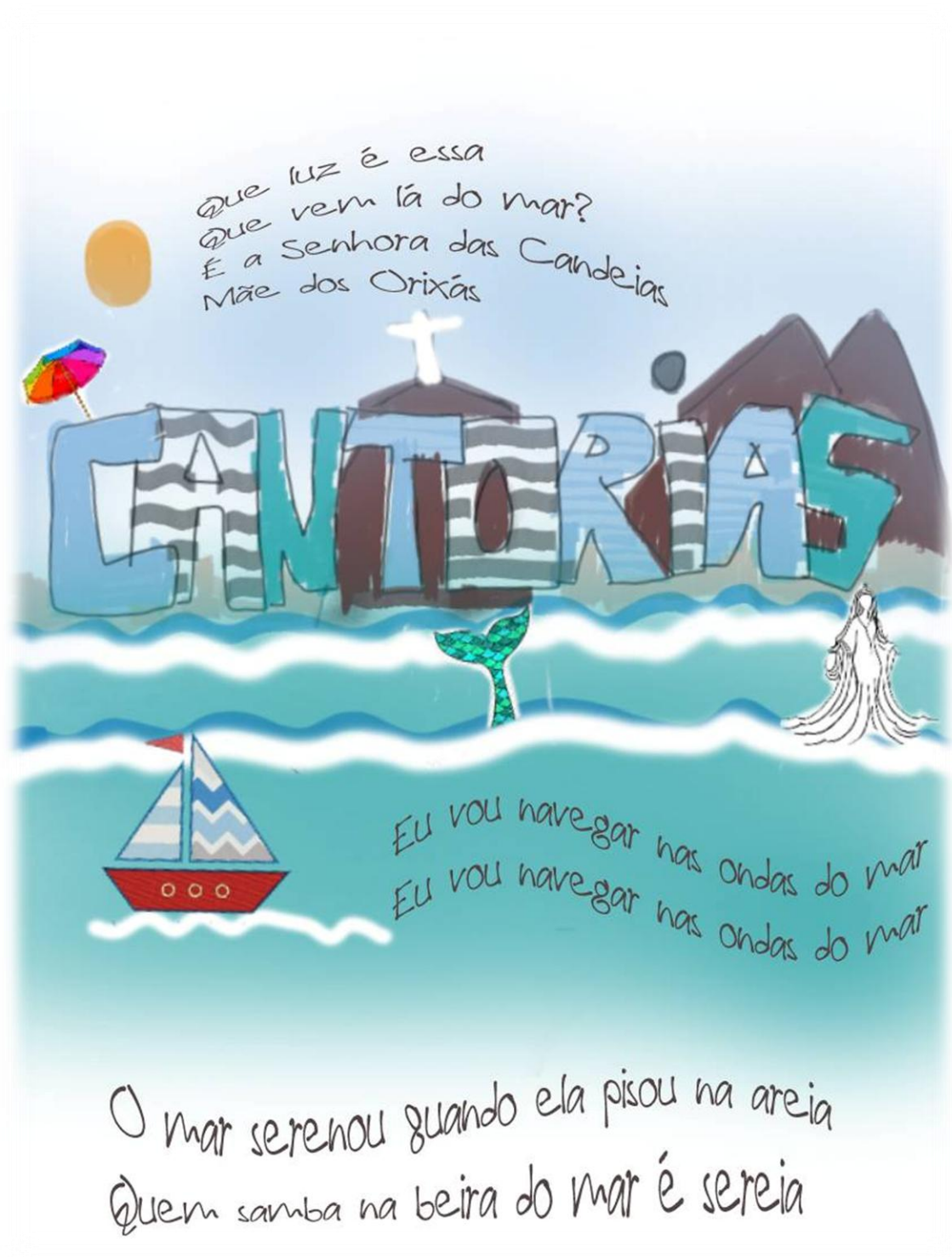


Bordadinho – Uma pequena oração a Mercedes
Deusa do amor
Puro encanto
Cubra sua filha
Com o seu manto
Deusa encantada
Canto pra ti em forma de oração

Aos seus pés flores tão lindas
Nas águas a flutuar
E eu ali admirando
A rainha do lugar

Agora te entendo Mercedes, porque água doce e não o
mar! Porque a Lagoa de Jacarepaguá era o teu lugar, a
tua força! Que você ache outras águas e que mãe
Oxum proteja onde você estiver!

BORDADO 4: CANTORIAS



☰ SOM DO MATE, BISCOITO GLOBO E DAS EMPADAS

Nas manhãs de sábado as bordas de água de Ipanema são bordas-água-pedra, bordas-água-edifícios, desenhadas e redesenhadas pelo sorriso das crianças, gritos do vôlei, do caminhar dos idosos, do funk, do guarda-chuva e do guarda-sol e da canga e do barco e lixos e redes e palheiros ou, talvez, de infinitas possibilidades de dizer bordas Arpoador e Ipanema e.

Na barraca da Miriam, posto 9, tem cadeira, guarda-sol, wi-fi, aceita dinheiro e cartão (somente débito). Embora cadeira custe R\$15,00 e o guarda-sol R\$25,00, a Neta de Judith sempre leva sua canga e chimarrão, pois sobreviver com um filho pequeno no Rio de Janeiro dependendo da bolsa de doutorado, não é fácil.

MIRIAM (sorridente): Bom dia, gaúcha! Fala moleque botafoguense! Fiquem à vontade, se for dar um tempo no seu chimarrão e quiser comprar uma caipirinha, aqui está na promoção! Se for dar um mergulho, deixa a bolsa aqui na barraca. Ei, moleque, cuidado com o mar, hoje ele acordou de ressaca! Não está muito bom!

NETA DE JUDITH: Bom dia, Miriam! Pode deixar, já que o mar está de ressaca vou tomar uma caipirinha mais tarde, para acompanhá-lo!

Nesta manhã de sábado, as músicas vinham das pessoas que vendiam bebidas e comidas de praia e do mar que reclamava quando batia na areia. Neta de Judith, abre sua canga, serve um mate e começa a ler um livro – Mil Platôs de Deleuze, (tenta ler, pois, seu filho, já não quer mais tomar

chimarrão, quer mate Leão!). Ao fundo reconhecemos a voz de João!

JOÃO: “Tu quer chá ou tu quer mate, limão ou limonate, mate, globo!!!! Alô Mate!”

BISNETO DE JUDITH: João, tem mate com limão?

JOÃO: Sim, R\$5,00!

BISNETO DE JUDITH (espanto): Uau!!! Mó caro, mãe! Lá na Miriam tem promoção! Aumentou João, era R\$ 4,00!

JOÃO: Não está caro, não, meu filho! As olimpíadas deram maior prejuízo, aquelas barracas oficiais construídas na beira da praia prejudicaram minha venda! Agora, Vendo do posto 7 ao posto 10, está difícil para todo mundo! Mas, tenho biscoito Globo também, salgado e doce! Só não tenho dinheiro! Está com Sr. Justos Guerra! Mas pra você que é meu camaradinha, vou fazer por R\$ 4,00!

Bisneto de Judith sorri, agradece a João, senta-se na canga para tomar o mate leão e ver o mar que estava agitado. Já aborrecido de não poder entrar na água, Bisneto de Judith pede para sua mãe comprar empada. Um vendedor, cantarolando, passa por eles. Neta de Judith levanta mão!

VENDEDOR DE EMPADAS: Olha a empada! Doce e Salgada!

NETA DE JUDITH: Moço, bom dia! Tu tens empada de frango? Quanto custa?

VENDEDOR DE EMPADAS: Sim! Uma por R\$6,00, duas por R\$ 10,00! A melhor empada de Ipanema! Se for ruim, não paga! Em um ano de praia, nunca ninguém reclamou! Mas também tenho camarão, carne seca, palmito e a de frango com catupiry! A empada de camarão é minha especialidade, pesquei muito camarão!

NETA DE JUDITH (quando, ainda morava em Ipanema): Faz por R\$5,00? Eu sou moradora de Ipanema!

VENDEDOR DE EMPADAS: Por isso, poderia pagar R\$10,00!!!!

NETA DE JUDITH: Mas eu vou me mudar no mês que vem!

VENDEDOR DE EMPADAS: Muito caro em Ipanema! Eu morava na Vila Autódromo, agora moro em Santa Cruz! O mercado aqui é um absurdo, tem os mesmos produtos e dez vezes mais caro! Esses quiosques do Santander e essas melhorias fizeram a praia inflacionar!

NETA DE JUDITH: O senhor quer sentar-se? Eu estive com a Mercedes, líder comunitária, em uma das barricadas da Vila Autódromo. Desculpa, qual o seu nome?

VENDEDOR DE EMPADAS: Luiz! Luiz das empadas! Então, a senhora conheceu a nossa comunidade! Só lhe digo, uma coisa:

Aquele prefeito prometeu um condomínio de qualidade para que as pessoas fossem reassentadas com dignidade, eu acreditei. O dinheiro que me deram, não deu nem pra comprar uma kitnet! Minha casa tinha três quartos, varanda e um quintalzinho pra plantar umas verduras.

NETA DE JUDITH (indignada): Mas o senhor não reivindicou? Como pode isso, lhe prometer e não cumprir?

LUIZ (também indignado): Não é só isso, minha querida! “As dificuldades são o transporte, a creche que eles ofereceram para gente e não cumpriram, a clínica da família que também nunca teve! Foi pior que o Cesar Maia! Com ele ainda deu para brigar, mas com o legado Olímpico, não tivemos chances!

NETA DE JUDITH: É, Sr. Luis, quando a gente olha as propagandas das Olimpíadas ou até mesmo da Copa do Mundo, a gente não imagina quantas famílias precisaram renunciar a suas casas e suas vidas para a realização desse projeto. Muito triste, mesmo!

LUIZ: E tem mais, não conseguia nem fazer minhas empadas! Não tinha gás encanado! A empresa de gás disse que o fornecimento de gás foi interrompido por motivo de segurança, porque detectaram um vazamento nas instalações internas do condomínio. Pra mim, isso é coisa de miliciano querendo cobrar o nosso gás!

NETA DE JUDITH: Isso é um absurdo e ninguém sabe disso? Tinham que denunciar!

LUIZ: Minha querida, agora o local tem dono, polícia que tomou lugar de bandido. O povo já tentou falar com os jornais, mas pouco vai acontecer! Quem sabe numa próxima eleição para prefeito!

BISNETO DE JUDITH: Mãe e a empada?

LUIZ: Verdade, moleque! Você vai querer de qual sabor?

BISNETO DE JUDITH: De camarão, ué! Da sua especialidade!

LUIZ: Moleque, esperto! Presta atenção em tudo! Vou lá, obrigada, gostei de vocês!

NETA DE JUDITH: Nós que agradecemos!

CHOVENDO EM IPANEMA

Antes de pegar o ônibus 485 na Praça General Osório em Ipanema, a Neta de Judith leva seu filho de bicicleta até a escola que fica no final do bairro. O trajeto era pegar a Rua Farne de Amoedo até a Avenida Vieira Solto e então pegar a ciclovia em direção à Rua General Artigas.

Nessa manhã de segunda-feira, estava chovendo nas bordas de Ipanema impedindo de visualizar o Morro Dois Irmãos. Era uma garoa fininha, que não chegava a enxarcar a roupa, tampouco silenciar o mar, mas impedia de vê-lo. O Bisneto de Judith estava de uniforme e com uma capa de chuva amarela.

BISNETO DE JUDITH (aborrecido): Mamãe, podemos pegar um táxi? Está chovendo e estou começando a sentir frio!

NETA DE JUDITH (triste): Filho, o táxi no Rio de Janeiro está muito caro e quando chove é difícil encontrar um táxi disponível. Mas você está protegido com essa capa de detetive!

O Bisneto de Judith aquietou-se.

NETA DE JUDITH (buscando inventar um modo brincante): Lembra daquela música que a BFF mostrou para nós? Aquela música da Cidade Lagoa¹³⁰!

BISNETO DE JUDITH (entusiasmado) disse: Sim, canta, canta!

NETA DE JUDITH:

Esta cidade, que ainda é maravilhosa

Tão cantada em verso e prosa

Desde os tempos da vovó

Tem um problema vitalício e renitente

Qualquer chuva causa enchente

¹³⁰ Cidade Lagoa de Moreira da Silva. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/moreira-da-silva/842807/>. Acesso em 29 de maio de 2015.

BISNETO DE JUDITH (ria, já parecendo gostar da brincadeira): Corre, mãe! Mais rápido, pode cair um toró (Fig.21)!

NETA DE JUDITH:

Basta que chova, mais ou menos meia hora
É batata, não demora, enche tudo por aí
Toda a cidade é uma enorme cachoeira
Que da Praça da Bandeira
Vou de lancha a Catumbi

BISNETO DE JUDITH: Mãe, vamos de lancha até a escola?

Neta de Judith ria e cantava:

Que maravilha, nossa linda Guanabara
Tudo enguiça, tudo para
Todo o trânsito engarrafa
Quem tiver pressa, seja velho ou seja moço
Entre n'água até o pescoço
E peça a Deus pra ser girafa

BISNETO DE JUDITH (já não sentindo frio): Mãe, bora entrar na água até o pescoço?

NETA DE JUDITH (ria): Ah e o frio, filho? Continuava cantando:

Por isso agora já comprei minha canoa (bicicleta, né filho?)

Pra remar nessa lagoa, cada que a vez que a chuva cai

E se uma boa me pedir uma carona

Com prazer, eu levo a dona

Na canoa do papai (bicicleta da mamãe)

Mas que toró!

Vou meter uma roupa de escafandro para atravessar a lagoa!

BISNETO DE JUDITH (eufórico): Canta de novo, mãe!



Figura 21. Ilustração sobre o registro do andar de bicicleta pela borda-Ipanema.
Fonte: desenhos da autora.

BORDAS SOCIAIS E GEOGRÁFICAS

Batia um certo incômodo na Neta de Judith por morar em Ipanema, uma sensação de não pertencimento com aquele lugar. De um lado, moradores almoçando em restaurantes elitizados nas bordas da praia, enquanto babás negras, vestidas de branco cuidam de seus filhos em um trecho cercado da praia. Do outro lado da borda, próximo a Praça General Osório, uma enorme concentração de casas desordenadas que sobressaem pipas, caixas d'água e cruzeiros das igrejas evangélicas da favela Cantagalo.

Essa diferença geográfica e social também acometia o corpo da Neta de Judith a partir de situações experienciadas dentro e fora do bairro de Ipanema. Dentro do bairro, Neta de Judith era mãe, solteira, bolsista do Programa de Bolsa da Capes de doutorado que não tinha condições financeiras de pagar quatro passagens de ônibus da escola do filho até o Fundão, tampouco almoçar em restaurantes ou ter uma cuidadora para seu filho para poder afogar as mágoas e/ou quem sabe flertar, namorar.

A Neta de Judith foi morar em Ipanema porque conhecia sua única e fiel amiga, a BFF. Essa amiga havia conseguido um lugar com preço acessível, no bloco A, no mesmo condomínio onde morava. Logo depois, outra amiga do sul que se tornou hermana de coração, foi morar com a Neta de Judith para ajudar a aliviar as finanças e compartilhar sonhos, desejos e desafios de morar longe dos seus afetos. Não somente sua Hermana, mas também passaram, por curta temporada, a Flúor

(outra amiga gaúcha) e Rippis (amigo também do Sul que tinha ingressado no mesmo Programa de Doutorado da Neta de Judith). Os afetos gaúchos e a família Gepemecê (muito além que um grupo de pesquisa) fortaleciam o desejo de escrever a tese de doutorado sobre as bordas de água da cidade maravilhosa, que já era apenas um nome inventado de cidade por uma música ou por um cartão postal.

Aos poucos, essas falas se tornaram outros dizeres, pois à medida que Neta de Judith experienciava socialmente e geograficamente as bordas de água, compreendia as palavras de exclusão e discriminação e oportunidade e acesso e distâncias e. Essas palavras tomaram forma escrita e gráfica, anos depois, na medida que a Neta de Judith se lançava nas bordas de água da cidade do Rio Janeiro através das derivas aleatórias.

Em uma dessas derivas, Neta de Judith estava desenhando o mar no seu moleskine quando encontrou a Julinda, sua amiga ippuriana,

JULINDA: Guria (com a extensão do som da letra a), escuta essa música! É um amigo geógrafo que compôs. Quando escutei, lembrei de você, principalmente de alguns momentos que você experienciou em Ipanema e compartilhou comigo.

NETA DE JUDITH: Perfeito, passa o link que escuto.

JULINDA: Passo, mas senta aqui e escuta comigo. Vamos compartilhar o fone de ouvido. As músicas são ótimas, não somente essa, todas as músicas têm uma abordagem social.

JULINDA: Escuta só isso! Presta atenção e veja se não compartilha das tuas falas sobre as bordas (forçando a letra “r” para dar ênfase ao sotaque gaúcho).

Julinda abre um sorriso e aperta o play do *spotify*, cantando algumas palavras junto com a música.

A Latitude é 22, a Babilônia é tropical
Mate Limão, feijão com arroz, Cunhambebe canibal
Babá de branco que oprime preto
Chinês vendendo o açaí caboclo
Tupinambá tem que pagar boleto
Turista gringo pede água de coco
A cidade de Janeiro, o asfalto quente esquentando o ar
Sirenes choram gente ao Deus-dará
Guanabara, a mata verde, o asfalto cinza, o azul do mar
Cigarras cantam o Sol que virá
Central é Central, Rocinha é linha 4
Antero de Quental, serviçal e baronato
Pra Barra, Jardim Oceânico.
Pra Santa, é pela Glória
Pra cada favela em pânico, indústria bélica no jogo
Perto da Uruguaiana, o Valongo conta a história
Void, Colab, Comuna é na estação de Botafogo
Música: Rio By Subway
Autor: Vitor Isensee
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/izenzee/rio-by-subway/>. Acesso, junho de 2019



JULINDA: Olha, guria quem vende o mate leão! E veja quem está sentado na cadeira do quiosque tomando água de coco?

NETA DE JUDITH: Gringo, turista, né? Nós até tomamos água de coco, mas trazemos a canga pra sentar!

JULINDA: E as babás, usam uniforme porque estão nos hospitais ou porque são profissionais da saúde?

NETA DE JUDITH: Prefiro não comentar. Nunca vi isso em Porto Alegre. Não, onde morava.

JULINDA: É garota, as praias do Leblon e Ipanema são lindas, mas são para o baronato ou para os serviçais cuidar ou servir os filhos dos patrões.

NETA DE JUDITH: Pois é, até já mudei de bairro. A cerveja da Void e do Comuna também são caras, mas parece ter um pouco mais de diversidade social.

FICAR ESPERTO

A expressão - ficar esperto, segundo a BFF, principalmente nas bordas de água do Posto 9, em Ipanema, ou no acesso ao metrô da estação General Osório, significava ficar de olho na movimentação da praia e nos fuzis da polícia apontados para fora das viaturas. Uma polícia que assustava, pois portava armas como se fossem adereços de uma vestimenta, diferente da polícia de Porto Alegre. Além disso, essa expressão carregava diversos significados como: ficar atento aos sons dos helicópteros, das sirenes, das movimentações das motos e, principalmente, dos tiros que ressoavam do Cantagalo.

Aos finais de semana, as janelas do apartamento da Neta de Judith se iluminavam com as luzes e os sons da favela Cantagalo. Era noite de sábado, como de costume, primeiro ouvia-se o som dos cultos evangélicos e depois o som dos funks que ecoavam das lajes das casas. Porém, essa noite, foi diferente, houve um apagão nas luzes da favela e o som dos helicópteros abafou o som do funk. O apagão era um alerta para algo que estava prestes a acontecer.

O Bisneto de Judith gritou lá do quarto: Mãe, fica experta!

Nesse momento, o som dos tiros surgiu na escuridão da favela e, cada vez, que o helicóptero se aproximava, as rajadas de tiros pareciam não ter fim.

NETA DE JUDITH (sussurrando): Filho, vem agachado até a mãe, ok? Vou abrir a porta da sala e vamos para o corredor, lá estaremos protegidos.

BISNETO DE JUDITH: balançou a cabeça como sinal de positivo e foi em direção a sua mãe.

Neta de Judith apagou as luzes e abriu, vagarosamente, a porta de entrada da casa. Para a surpresa da Neta de Judith, havia outros vizinhos no corredor fugindo dos tiros e amedrontados da possibilidade de alguma bala perdida entrar em uma de suas casas.

O pânico estava estampado nas faces de todos que estavam naquele corredor, porém era silenciado por olhares de solidariedade que surgiam quando cessavam as rajadas de tiros dos helicópteros. Havia apenas um feixe de luz que vinha da luz de emergência localizada na porta de acesso as escadas.

Uma vizinha desconhecida deu a mão para a Neta de Judith e falou: Se estamos assim, imagina quem mora na favela e não tem corredor para se esconder dos tiros. Vai passar, minha filha, essa é a sua primeira vez, não é?

NETA DE JUDITH: Sim, puxando seu filho para próximo dos seus braços.

VIZINHA: No ano passado, em 2014, a Polícia Militar matou o dançarino do Esquenta, programa da TvGlobo, numa perseguição aos traficantes da favela do Pavão-Pavãozinho, em Copacabana. Foi uma bala perdida que atingiu o dançarino.

NETA DE JUDITH: Não sabia!

VIZINHA: Na época teve uma repercussão na mídia, você não viu?

NETA DE JUDITH: Não vi, eu morava no Rio Grande do Sul e não acompanhava as notícias do Rio de Janeiro como acompanho agora que estou morando aqui.

VIZINHA: É bom ficar experta, minha filha! Quantas pessoas morrem por balas perdidas que não são noticiadas!

NETA DE JUDITH: Verdade.

BISNETO DE JUDITH (levanta a cabeça do colo da mãe, concordando com a vizinha): Viu, mãe, ficar experta! A BFF sempre fala para nós!

VIZINHA: Isso mesmo, moleque!

A vizinha ligou a lanterna do celular e começou a catar alguns biscoitos na sua bolsa para oferecer ao Bisneto de Judith.

VIZINHA (sorrindo, olhou para Neta de Judith): Gostei desse moleque! Tão pequeno e já tão esperto!

BISNETO DE JUDITH, levanta a cabeça do colo da mãe e retribui com uma piscada!

VAI PASSAR

Não é sempre, mas no inverno, o Mar parece estar calmo e o sol brilha parecendo aquecer os corações daqueles que se sentem solitários. Esse era um dia que a Neta de Judith buscava se aquecer.

NETA DE JUDITH: Vamos, filho! Já fiz o chimarrão, peguei a canga, água e bolachas (biscoitos)!

BISNETO DE JUDITH: Estou com sono, mãe, não quero ir! Deixa-me ficar com a Hermana do Sul (amiga da Neta de Judith que dividia apartamento).

NETA DE JUDITH: Tem certeza, filho?

BISNETO DE JUDITH: Sério, mãe! Está quentinho aqui nas cobertas!

A Neta de Judith entendeu que a sensação de frio e solidão era apenas com ela e decidiu ir sozinha para as bordas de água do posto 9, em Ipanema. Levou apenas o chimarrão e a canga.

Quando chegou na praia, abriu a canga, sentou-se e suspirou ao ver o mar que parecia dançar lentamente. O som das ondas lembrava um compasso de flamenco que quando a água batia na areia, parecia finalizar a letra da música. A Neta de Judith olhava o mar e cantarolava o compasso.

NETA DE JUDITH: Ticotata, ticotata, ticotata, pá (som forte e seco)! Ticotata, ticotata, ticotata, pá!

O som simulava o sapateado de uma letra ternária da dança flamenca que quer dizer: ponta-taco, ponta-taco, ponta-taco, golpe. O golpe finaliza o ciclo do sapateado.

NETA DE JUDITH: Mar, queria ser como você, desprovido de pensamentos e apegos! Ao mesmo tempo que você finaliza o compasso com a onda que bate na areia, você, logo reinicia seu baile! Que capacidade que você tem de matar-se e reinventar-se!

A cada finalização do compasso cantado pela Neta de Judith, o Mar respondia com bravura ao se remeter-se contra a areia. E a cada recomeço, parecia recolher os babados do vestido para voltar a dançar.

NETA DE JUDITH: Que lindeza és tu, Mar! Tu és dono da sua própria dança! Teu corpo é pura metamorfose! Tem vários tons, se mistura com o brilho do sol e tem vibrações que variam com o vento!

O Mar parecia compreender as falas da Neta de Judith, respondendo em outro compasso de dança flamenca:

MAR: Um, dois, um-dois-três, quatro-cinco-seis, sete e oito, nove e dez.

NETA DE JUDITH (com coração transbordando de sentimentos): Ah, agora bailas por Alegrias¹³¹! Mudaste de ternário para doze tempos? É um convite para dançar? Como você sabe que é meu baile flamenco preferido?

NETA DE JUDITH (ainda transbordando de sentimentos): Eu aceito, mas me deixa cantar para você continuar bailando!

A Neta de Judith sacudiu a canga, amarrou no seu corpo como uma echarpe flamenca, ergueu o corpo e as mãos como se fosse iniciar um baile e começou a cantar (Fig.20):

¹³¹ O baile por Alegrias caracteriza-se pelo dinamismo e pela desenvoltura, sendo um *cante* que possui doze tempos. Inicia-se, geralmente, com o trava-línguas, *Tirititrán*, composto por sílabas que não tem sentido nenhum. É apenas uma melodia, invenção dos espanhóis que improvisam a introdução do cante ao baile.

NETA DE JUDITH: *Tirititrán (1), tran (2), tran (3), tirititrán (4), tran (5), tran (6), tirititrán (7), treio (8), ai (9), tirititrán (10)!judith responde*



Figura 22. Dança da Neta de Judith e o Mar. Fonte: desenhos da autora.

DOMINGO NO ATERRO

O Parque do Flamengo¹³², idealizado para ser o Central Park Tropical, foi o primeiro parque de lazer esportivo do Brasil, construído junto ao aterro do Flamengo, bordando a Baía de Guanabara. São dois aterros, um nos dias de semana e outro nos finais de semana e feriado. Em dias de semana, os sons do Aterro e as buzinas dos carros se misturam com sons dos pássaros e com as passadas das pessoas que correm e caminham de manhã cedo e/ou no fim da tarde.

Mas nesse dia, era manhã de domingo, ensolarado e quente. Daqueles dias que a areia queima os pés e que o vento não consegue movimentar os pacotes de biscoito Globo pendurados nas barracas da praia. Fazia pouco meses que Neta e Bisneto de Judith tinham trocado as bordas de Ipanema pelas bordas de água do Flamengo.

A Neta de Judith e seu filho andavam de patinete descobrindo as diferentes bordas de água do aterro do Flamengo (bordas-mar, bordas-pão-de-açúcar, bordas-biscoito, bordas-limo, bordas-oferenda, bordas-stand-up). Ela relembrava um trecho da música - Na trilha do Tesouro,

¹³² Projeto arquitetônico e urbanístico concebido por Affonso Eduardo Reidy e o Projeto paisagístico foi elaborado pelo Escritório Roberto Burle Marx e Arquitetos. Entregue à cidade como Parque IV Centenário, foi inscrito no Livro de Tombo Paisagístico do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 28 de julho de 1965, antes de ser inaugurado.

mostrando os diferentes tipos de paisagens das bordas para seu filho.

“Eu vi Santos Dumont descendo

Pra cantar com Raul Seixas no aterro do Flamengo

Eu também vi Luiz Gonzaga rindo

Deixando sua sanfona pra Domingos (meninos) que vem vindo¹³³”.

Depois de cantarolar, a Neta de Judith pega seu moleskine e começa a desenhar buscando explicar a geografia das bordas de água para seu filho (Fig.23).

NETA DE JUDITH: Para o lado esquerdo fica o aeroporto Santos Dumont. A borda de água que vem do aeroporto em nossa direção forma o desenho de um caracol onde fica o Museu de Arte Moderna (MAM) e a Marina da Glória.

BISNETO DE JUDITH (atento): A Marina da Glória é onde nós assistimos aquele filme da lenda da selva? O Jumanji? ¹³⁴

NETA DE JUDITH: Isso! Para o lado direito, a borda de água forma o desenho de uma bota. O bico da bota é a Praia de Botafogo e a parte de cima da bota é a Praia da Urca.

BISNETO DE JUDITH (questionador): Mas, e o bondinho? Pão-de-Açúcar?

NETA DE JUDITH: O bondinho e o Pão-de-Açúcar ficam na Praia Vermelha. No desenho da bota, é como se fosse a panturrilha da sua perna (tocando na perna do filho).

BISNETO DE JUDITH (mostrando com o dedo): Essa parte da curva da perna, gordinha, mamãe?

NETA DE JUDITH (sorrindo): Sim, meu filho.

BISNETO DE JUDITH: E nós, estamos onde no seu desenho?

¹³³ Trecho da música Trilha do Tesouro de Edvaldo Santana. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/edvaldo-santana/1039605/>. Acesso, setembro de 2017.

¹³⁴ Jumanji, Bem-Vindo a Selva é um filme dedicado ao público infantil. Esse filme fez parte da programação do *Shell Open Air* que aconteceu em junho de 2018 na Marina da Glória, ao ar livre, numa tela de 325 m², equivalente a área de uma quadra de tênis.

NETA DE JUDITH: Nós somos esses dois corações, na parte retilínea da Praia do Flamengo. Mas, agora, pegue seu patinete e vamos tomar água de coco, está muito quente!

O Bisneto de Judith pega o patinete e desliza nos caminhos do Aterro do Flamengo.

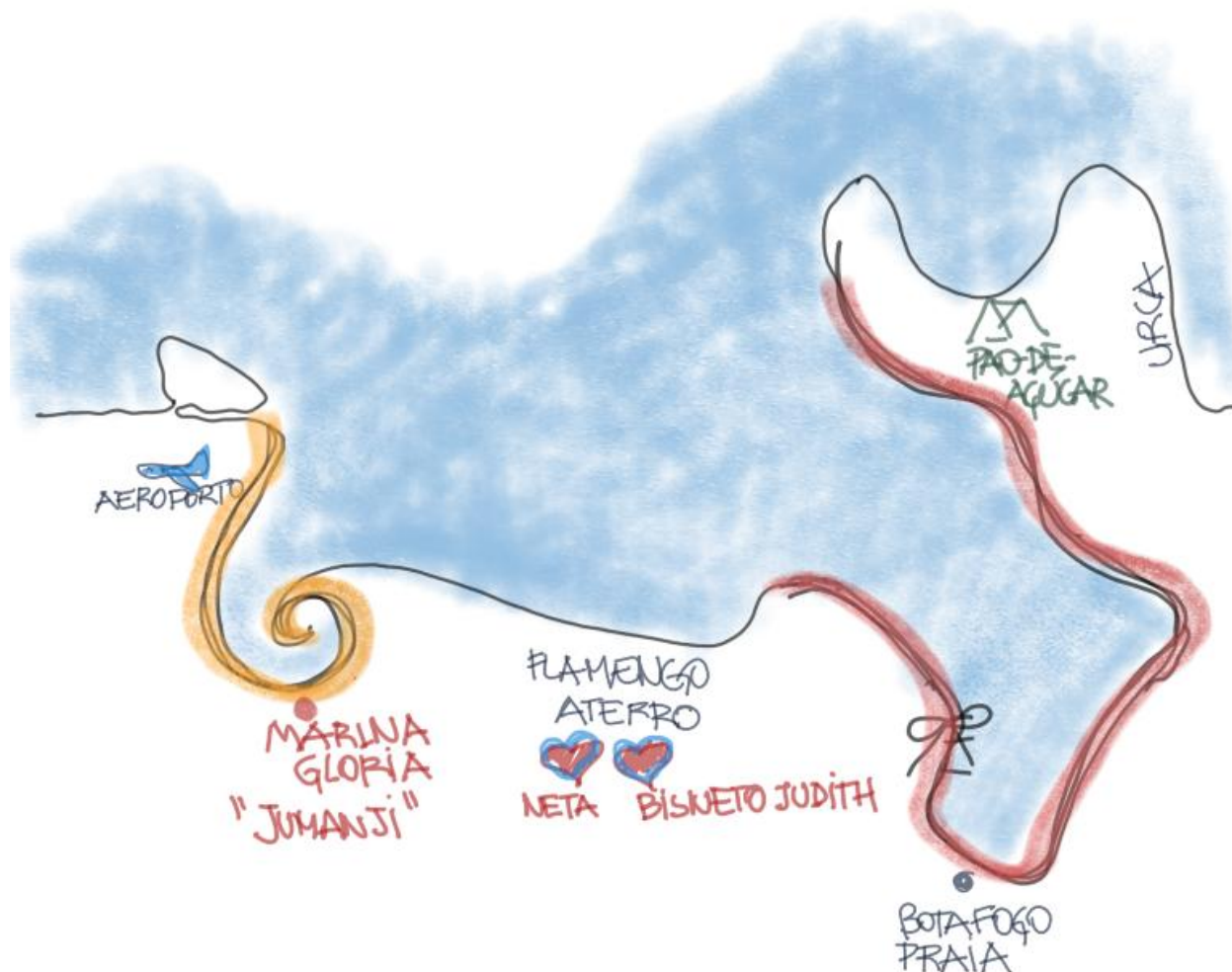
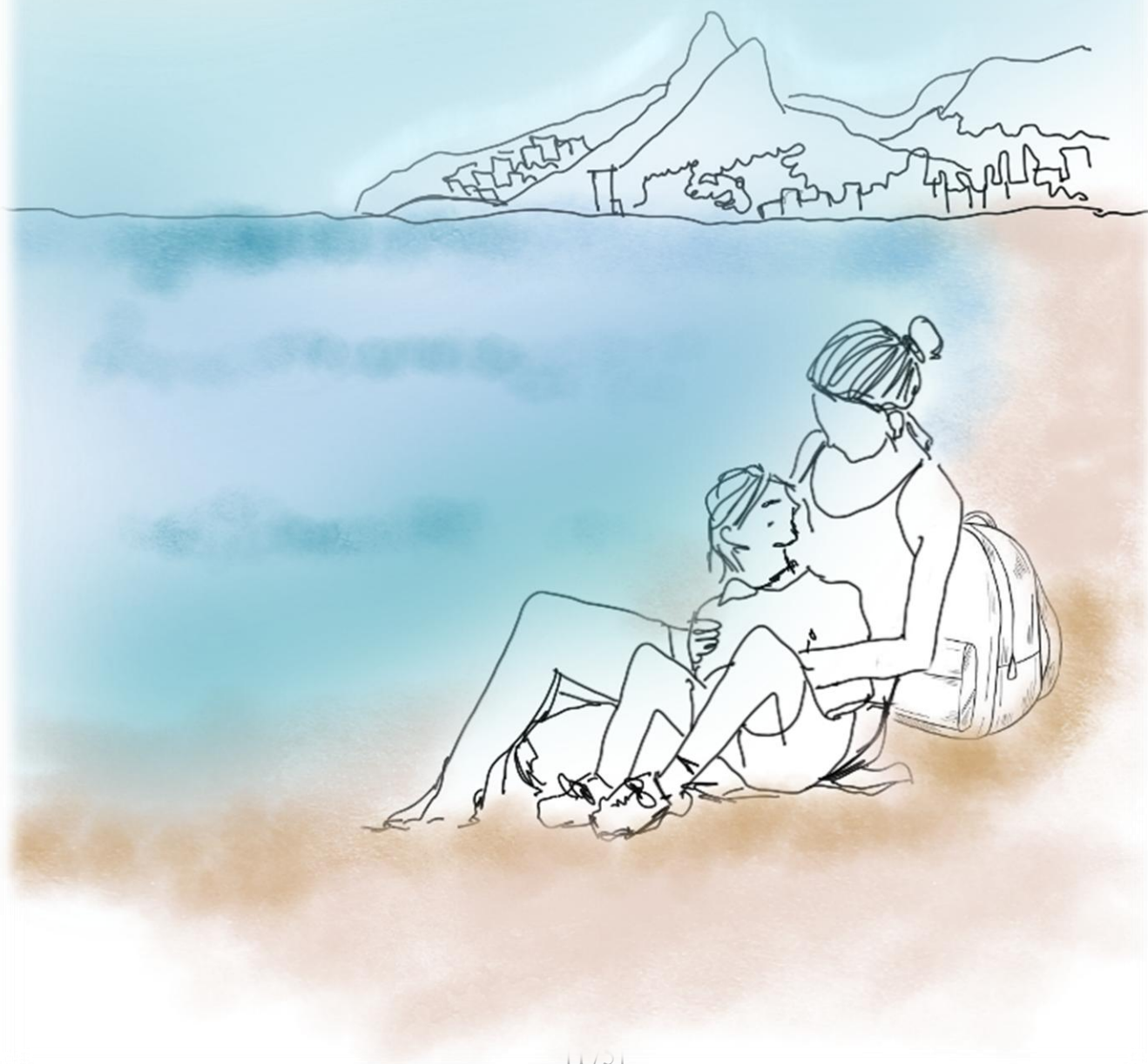


Figura 23. Croqui da Neta de Judith para seu filho. Fonte: desenhos da autora.

BORDADINHO

Dorme, menino grande, que eu
estou perto de ti
Sonha o que bem quiseres, que
eu não sairei daqui
Oh, vento não faz barulho, meu
amor está dormindo
E o Mar não bata com força,
porque ele está dormindo...
Música: Maria Betânia



SUSHI E O PÃO-DE-AÇÚCAR

No domingo tem a feira da Glória, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os limites geográficos entre centro e Glória (zona sul) são borrados pelas pessoas que trabalham, moram e que vão a feira.

A feira da Glória começa cedo da manhã, se estende pela tarde e, geralmente ao entardecer, finaliza numa roda de samba ou chorinho. Fernandinho, amigo e o colega mais charmoso do doutorado, morava perto do metrô da Glória e tinha chamado a Neta de Judith para comer sushi em um dos restaurantes ambulantes da feira.

FERNANDINHO (sorrindo): Bora, gaúcha! Aqui tem frutas, flores, verduras, peixes, pastéis, tapiocas, queijos, arte, música, incensos, roupas, sushi, churrasquinho e até inseticidas caseiros!

NETA DE JUDITH (um tanto debochada): Quero comer sushi, de preferência o Hot Filadélfia que é frito. Ah e ainda quero sentar-me numa mesa olhando para o Pão de Açúcar!

FERNANDINHO (sorrindo): Ai, égua! Ela é gaúcha, mesmo! Não come nada cru! Se você quiser posso pedir para o moço deixar o sashimi no ponto para você. Espera aqui, que vou pegar algumas cadeiras com meu amigo do quiosque para satisfazer o vosso desejo.

NETA DE JUDITH: Fernandinho, você sabia que na comemoração do primeiro centenário da Abertura dos Portos, em 1908, o engenheiro Augusto Ferreira Ramos, ao olhar para aquela pedra gigantesca, teve a ideia de construir um caminho aéreo até o Pão de Açúcar?

FERNANDINHO: Não sabia, guria.

NETA DE JUDITH: Sim! E três anos depois, Augusto Ferreira Ramos fundou a Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar (CCAPA) e iniciou a construção do primeiro

teleférico do mundo. A CCAPA contratou uma empresa alemã que se chamava J. Pohling A.G para fornecimento do equipamento, sendo que os acionistas eram os engenheiros do projeto¹³⁵.

FERNANDINHO: Eita, a Engenharia e o capital internacional sempre agindo nas cidades brasileiras.

NETA DE JUDITH: Pois, é! Esses dias, estava lendo sobre a história das bordas de água do Rio de Janeiro num Jornal de época que dizia que a engenharia do Pão de Açúcar era uma das glórias do Brasil, sendo comparada com a construção da Torre Eiffel¹³⁶. Depois da finalização da obra, o antigo prefeito Pereira Passos nomeou o teleférico do Pão de Açúcar como símbolo de modernização da cidade do Rio de Janeiro.

FERNANDINHO: Eu fico impressionado com a beleza geográfica da cidade, mas é lamentável que os problemas sociais gerados por essas grandes obras não sejam tratados na mesma escala com que são tratados os projetos urbanos.

NETA DE JUDITH: Verdade. Hoje eu presencio um Rio de Janeiro que não é contado e tampouco narrado nos cartões postais da cidade.

FERNANDINHO: Tem uma música que fala disso. Meu filho toca uma música no violão que diz algo assim:

Pagamento à vista
Vendeu pro turista
O morro da foto
Do cartão postal
Dando de graça a conexão
Da praia Vermelha com o Cara de Cão
Chegou a polícia
E o Pão de açúcar
Virou notícia¹³⁷

¹³⁵ SILVA, S. Renata Augusta dos. Gigante e a Máquina, pág.50. In: KNAUSS, Paulo, (coord.), Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

¹³⁶ Jornal Correio da Manhã, 10/12/1912. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pagfis=13274. Acesso em 22/05/2018.

¹³⁷ Pão de Açúcar. Autor: ERASMO CARLOS. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/erasmo-carlos/651628/>. Acesso em 05 de junho de 2018.

NETA DE JUDITH: Maravilhosa essa música! Quero usar na tese! Sabe de quem é?

FERNANDINHO: O meu filho está tocando hoje com uns amigos, perto de casa. Depois que almoçarmos passamos lá e falamos com ele.

NETA DE JUDITH (com ar debochado): Bora! Mas antes vamos tomar um caldo de cana e comer pastel, porque o sushi não estava bem passado.

Fernando sorriu e balançou a cabeça e disse: Égua! Essa gaúcha tem jeito, não.

ENSAIOS DE DOMINGO NO ATERRO

Nas tardes de domingo no aterro do Flamengo, no segundo semestre do ano, há ensaio dos Tambores de Olokun, bloco de carnaval do Rio de Janeiro. O ensaio acontece em frente a passarela do Bar Belmonte, porém o toque dos tambores transborda pelas avenidas do aterro e para a praia do Flamengo que está lotada de ambulantes que vendem bebidas e pipocas.

A Neta de Judith e sua Hermana do Sul gostam de chegar antes do início do ensaio para ouvir o barulho do trovão, entoado pelo mestre dos tambores de Olokun.

MESTRE (somente vozes): Escute o trovão da minha Nação, sou de Pernambuco, sim, senhor! Kawó, Kawó, Kabé Si lê! Salve, salve senhores mestres, meu pai Xangô, é do Candomblé!

NETA DE JUDITH E SUA HERMANA DO SUL: Kawó, Kawó, Kabé Si lê! Salve, salve senhores mestres, meu pai Xangô, é do Candomblé!

Depois do coro coletivo cantado pelas vozes dos bailarinos e do público, os tambores começam a tocar. O toque é conhecido como baque virado, padrões percussivos do maracatu, constituído por um tripé indissociável entre toque, canto e dança¹³⁸.

Quando os músicos estão tocando a marcação, o corpo de dança faz o passo básico do maracatu com um gestual inspirado na dança do orixá Exu. Antes da frase que anuncia o ápice do

¹³⁸ LARA, Larissa Michelle. Maracatu-Nação e sentido ético-estético do corpo. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (org.). Inventário Cultural dos Maracatus-Nação de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, 2013.

toque do tambor, há um breve silêncio, acompanhado pela pausa dos bailarinos que pegam o impulso para girar suas saias.

Nesse momento é como se o impulso e toque do tambor cruzasse o corpo físico e colocasse o pulsar do coração no ritmo do tambor. A Hermana do Sul gira como se não pudesse parar.

MESTRE: Senhora do Rosário foi que me trouxe aqui!

HERMANA DO SUL: Senhora do Rosário foi que me trouxe aqui!

MESTRE: Na onda do mar levanta, eu vi, eu vi, eu vi!

HERMANA DO SUL: Na onda do mar levanta, eu vi, eu vi, eu vi!

A Neta de Judith fotografava as saias girando, enquanto o Bisneto de Judith come pipoca sentado na grama do aterro. Porém, quando o mestre entoa o canto de Iemanjá, a Neta de Judith guarda a máquina fotográfica e começa a dançar:

MESTRE: Na beira da praia eu vi, que o mar não recuou!

NETA DE JUDITH: Na beira da praia eu vi, que o mar não recuou!

MESTRE: No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor!

NETA DE JUDITH: No reino de Iemanjá, estrela do mar é flor!

A força do batuque fazia o corpo da Neta de Judith dançar e realizar gestos com as mãos como se saudasse Iemanjá. Assim como nas culturas afro-brasileiras vinculadas às práticas religiosas de terreiro, o tambor no maracatu é um elemento sagrado e reverenciado por seu poder de intermediar a comunicação entre os seres humanos e os orixás.

Depois de cantar para Iemanjá, o Mestre abaixa sua batuta, as bailarinas diminuem o ritmo da dança e os músicos fazem um pequeno silêncio. Esse momento é esperado pelo

Bisneto de Judith, pela Neta de Judith e pela Hermana do Sul que não vão embora antes de dar o rum.

HERMANA DO SUL: Flor, vai dar o *rum*!!!

Neta de Judith para de rodar e se coloca ao lado do seu filho e de sua Hermana.

Dar o *rum* significa tocar os atabaques para que um orixá dance durante o ensaio ou cortejo de carnaval. Esse momento é respeitado pelos músicos e bailarinos por constituir um ritual de prática percussiva que marca a concretização do contrato de trocas entre homens e deuses¹³⁹.

A Neta de Judith, o Bisneto de Judith e Hermana do Sul não conhecem o significado religioso do rum, mas entendem enquanto uma pausa corpórea que preenche o corpo com energia.

BISNETO DE JUDITH fala baixinho: Mãe, senti aquele arrepiozinho nas costas e atrás do pescoço?

NETA DE JUDITH: Sim, filho, como se alguém assoprasse na nuca.

HERMANA DO SUL: Sorri e diz: Agora, podemos ir pra casa! Bora?

ESCRITURAS DE DOMINGO

Sempre depois dos encontros com Spy, Neta de Judith fica pensativa, desestabilizada intelectualmente e corporalmente, porém empolgada de voar com as palavras na

¹³⁹ Revista Litteris - n. 25 - julho 2020 Dossiê Performances: Linguagem, estéticas e representações culturais.

velocidade que Spy costuma voar pelas estradas do Rio do Rastro com sua moto e amigo corvo. Falar sobre a História do Urbanismo virou um desafio para Neta de Judith, pois era um sofrimento falar a partir de uma posição hierárquica que diz de uma verdade de mundo.

A Neta de Judith já estava atravessada por outros dispositivos que auxiliavam a falar de um outro modo sobre a História Urbana das bordas de água do Rio de Janeiro. Um desses dispositivos era o samba, mesmo que recente para a Neta de Judith, era um modo de falar sobre remodelação e reforma urbana a partir da música.

No moleskini, a Neta de Judith anotava alguns sambas enredo dos carnavais do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que escrevia, grifava palavras que estavam relacionadas com a Reforma Urbana realizada pela gestão de Henrique Dodsworth, em 1937, na cidade do Rio de Janeiro durante a ditadura do Estado Novo. Uma dessas reformas foi a construção da Avenida Presidente Vargas inicialmente chamada de Avenida 10 de Novembro que compreendia desde o prolongamento da Avenida do Mangue até o mar¹⁴⁰.

¹⁴⁰ COMISSÃO do Plano da Cidade. Revista Municipal de Engenharia. Rio de Janeiro, ano 8, v. VIII, n. 4, julho 1940, p.255.

Samba Enredo 1954 – Rio de Janeiro, de Ontem e de Hoje.

Estação Primeira de Mangueira (RJ)

És a cidade modelo

O coração do Brasil

O Rio da nova era

Prima por sua **desenvoltura**

É tão soberbo

O seu **progresso**

É um primor

A sua **arquitetura**

Apologia a Estácio de Sá

Que da cidade foi o fundador

Prefeito Pereira Passos

Pioneiro e remodelador

Paulo de Frontin hábil engenheiro

Símbolo de abnegação

Pedro Ernesto, e outros governantes

Deram ao **Rio grande evolução!**

Neta de Judith: Palavras como remodelação, desenvoltura, progresso, primor, arquitetura e evolução (sem julgar o significado dessas palavras) lembram à reforma urbana conduzida por Georges-Eugène Haussmann, em Paris, entre 1853 e 1870 que tinha enquanto discurso o embelezamento da cidade através da construção de bulevares e grandes avenidas. Mas será que posso relacionar essas intervenções entre as cidades de Paris e Rio de Janeiro através das letras dos sambas? Vou procurar outro samba.

Samba Enredo 1997 - Cidade Maravilhosa, Sonho de Pereira Passos.

G.R.E.S União da Ilha do Governador (RJ).

O meu pensamento voa

Me leva ao infinito

Vou girando meu compasso

Passo a régua e mudo o traço

Fazendo o Rio ficar mais bonito

Botei tudo abaixo (botei)

Levantei poeira (levantei) (bis)

Dei muita porrada (eu dei)

Taí o Rio que sonhei

Fiz brilhar...

Pintei meu Rio com retrato de Paris

Com a cidade iluminada

O carioca tem a noite mais feliz

Mostrando ao mundo a riqueza nacional

Meu Rio agora é Belle Époque tropical!!!!



**Seria Georges-Eugène
Haussmann, novamente????**

Neta de Judith: Seria uma rememoração do ex-prefeito Eduardo Paes relembrando o samba enredo da Mangueira, escrito em 1954? O prefeito Pereira Passos seria o espectro do Prefeito de Henrique Dodsworth? Para Derrida, poderia ser uma questão de repetição, pois um espectro pode ser sempre um retornante, não tendo meios de controlar suas indas e indas porque começa sempre por retornar. Acho que preciso retornar a leitura de Derrida sobre o Espectro de Marx.

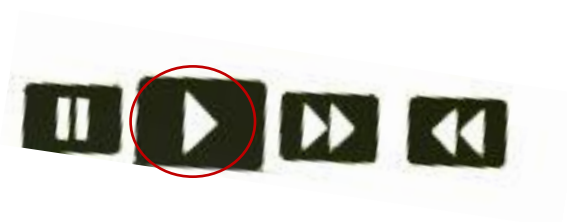
Porém, para além da leitura do Espectro de Marx escrito pelo filósofo Jacques Derrida, o que perturbava a Neta de Judith eram que as letras do samba reafirmavam uma verdade de mundo contatada pela História do Urbanismo. Não somente reafirmar, mas potencializar o discurso que as reformas

urbanas realizadas no Rio de Janeiro durante a gestão de Henrique Dodsworth e Pereira Passos tornaram a cidade mais bela.

A construção da Avenida Presidente Vargas foi planejada como eixo principal do novo sistema de mobilidade urbana do centro da cidade que teve um altíssimo custo social, com a derrubada de mais de 500 prédios e remoções de milhares de famílias. Além das remoções da área central, a reforma urbana estado-novista destruiu o bairro da Praça Onze, local onde ocorreram os primeiros desfiles de escolas de samba no início da década de 1930¹⁴¹.

Neta de Judith: Como as letras do samba podem falar de beleza através de uma obra que provocou a destruição de um bairro que marcou a história dos desfiles das escolas de samba?

Neta de Judith: Preciso ouvir outro samba para desagoniar ou desassombrar essas vozes que rememoram gestores políticos e palavras que dizem sobre reforma urbana!



O mar êê...

O mar me chamou pra sambar

¹⁴¹ FRIDMAN, Fania. Paisagem estrangeira: memórias de um bairro judeu no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

Se tem lua cheia,
Tem samba na areia do mar...
Nessa onda que vai,
Nessa onda que vou levantar o meu astral
Foi na beira do mar que o samba começou
Eu vou pelo litoral
O mar, êê (Praia do farol da barra e o povo na farra,
na vibração)
O mar me chamou pra sambar
Se tem lua cheia (Sereia batendo na palma da mão)
Tem samba na areia do mar (Vamo nessa, p'o mar)
(Letra: Pelo Litoral de Arlindo Cruz).

Neta de Judith faz uma pausa na pesquisa sobre as letras das músicas das escolas de samba e prefere apenas ouvir e sentir a batucada do tamborim da música de Arlindo Cruz, pois o samba despertou a saudade da BFF, sua fiel amiga, agora separada pelas bordas geográficas de Ipanema e Flamengo.

A Neta de Judith sempre recebe amigos e parentes gaúchos, mas nos meses das Olimpíadas de 2016, recebeu uma quantidade, significativamente, maior. Ao percorrer o trajeto entre o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e a Praça Mauá, em direção ao do Museu do Amanhã, escutava uma polifonia de vozes de diversos lugares do mundo, parecendo estar em qualquer lugar, menos na cidade do Rio de Janeiro.

Os Jogos eram narrados ao vivo, casas das nações com preços exorbitantes e filas enormes (um pouco caro para bolsistas de doutorado), *foods trucks*, pira olímpica, balão para passeio, *selfies* de todos os tipos e muitas propagandas da TIM, COCA-COLA e BRADESCO. Ao meio dessa gourmetização urbana elitizada, ela se depara com um senhor que falava sozinho, vestindo uma roupa que parecia ser de um profeta.

Esse senhor parecia estar num devir profeta.

PROFETA: O apocalipse está prestes a acontecer! Antes das olimpíadas esse lugar era dos trabalhadores, agora é da Coca-cola! Eles vão colocar um código de barras em todo mundo, vão nos vigiar até dormindo!

Nesse momento, aquele senhor olhou para Neta de Judith e disse: Quer um mate leão, minha jovem? Aproveite porque irá acabar, a partir de agora será vendido apenas coca-cola pelo código de barras impresso no seu punho! Ainda estou vendendo em reais, mas se for gringa é em dólares (riu debochadamente).

A Neta de Judith pensa silenciosamente se estaria presenciando um episódio de *Black Mirror*¹⁴² durante as Olimpíadas de 2016 ou se esse momento seria uma premunição do que o planejamento urbano estratégico é capaz de tornar a vida urbana das cidades. Neta de Judith apenas ri para o profeta, buscando não demonstrar que havia entendido a sua fala.

Neta de Judith, inquieta e aflita com seus pensamentos, decide externalizar para a sua amiga historiadora de Porto Alegre.

NETA DE JUDITH: Katita, é impressionante o que as ações decorrentes do planejamento urbano estratégico e dessa visão neoliberal de cidade-empresa faz com os espaços urbanos, não é mesmo? Vem cá, como ficaram as bordas do Rio Guaíba depois da implantação do Projeto Urbano do Arquiteto Jaime Lerner com parceria público privada (PPV)?

KATITA: Assim ó, guria, tu sabe que moro bem pertinho do Gasômetro, ali na ponta central do Guaíba! O projeto até que ficou bonito olhando de cima, mas chegando perto, os restaurantes e bares são segregadores, os preços se tornaram elevadíssimos, o setor gastronômico é para quem tem dinheiro!

NETA DE JUDITH: Que coisa, katita! Meu pensamento começa a tornar-se parecido com as reflexões do profeta! Parece que nossas bordas estão se tornando cenário do episódio *Black Mirror*, mesmo!

BORDADO 5. OPA(CIDADES) TONAIAS DAS BORDAS DE ÁGUA

¹⁴² *Black Mirror* é uma série de televisão britânica antológica de ficção científica criada por Charlie Brooker, disponível em 5 temporadas na Netflix. É centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade contemporânea, particularmente a respeito das consequências impostas pelas novas tecnologias.

[illegible]



CAOSGRAFANDO O PÍER MAUÁ (FRAGMENTOS PARA ARIEL¹⁴³)

As caosgrafias realizadas pelo GPMC (Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura) do Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ) consistem num modo de construção coletiva de discursos que navegam entre ciência, arte e filosofia acionando a prática cartográfica enquanto trama de afectos, associada à noção de caos como possibilidade do devir¹⁴⁴. Nessa caosgrafia, o ponto de encontro foi o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) e o ponto final era o Museu do Amanhã, localizado na praça Mauá, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro.

Era início da tarde, um vento fresquinho anuncia o entardecer de outono. Neta e Bisneto de Judith foram os primeiros a chegar no CBB e aproveitam para olhar a programação do Centro Cultural. Logo surge Spy, quase sempre pontual, desejando um café. A Rubi já chegou num devir sacigepemecê com seu batom vermelho, falando das exposições de arte e mostrando algumas fotos que tirou para a Caosgrafia. Maluzinha e Tur queriam fazer o percurso de bicicleta até o Museu do Amanhã.

¹⁴³ Ariel é uma obra coletiva do Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (GPMC, IPPUR/UFRJ).

¹⁴⁴ Araújo, Frederico. Caosgrafia Cidade. Caderno. Metrópole 18 (37). Sep-Dec 2016, página 01. Acesso em janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/9xfNJKTn8GHnHvTDG7NL7Qt/?lang=pt>

O trajeto entre o ponto inicial e o ponto final não teve um caminho programado e/ou georrefenciado, os sacisgepemecês fizeram a pé e de bicicleta, recolhendo informações e experienciando o trajeto através de suas afectações. Tur foi o primeiro a propor algo diferente.

Tur: Neta de Judith, posso levar teu filho de bike? Ele vai no banco e eu vou empurrando a bicicleta.

Neta de Judith: Claro, Tur! Vou aproveitar e desenhar um pouco, fazer alguns croquis! Vou aproveitar e chamar Rubi para colar comigo, pois sei que ela adora desenhar!

Porém, nada da Rubi, ela já tinha se tornado redemoinho no meio daquelas obras de arte do CCBB. Assim, cada saci-gepemecê foi seguindo e construindo seu caminho até o Museu do Amanhã.

Os caminhos pareciam as artérias de um corpo cansado da agitação dos dias de olimpíadas vividos no último mês. O fluxo era leve e devagar. Spy parecia pegar o movimento desses caminhos para acionar um devir criança oferecendo doces aos passantes como uma possibilidade de aumentar o fluxo de sorrisos que pareciam estar dispersos naqueles caminhos (Fig.24).

Malu, logo, aciona o devir aquarela das aulas de Desenho de



Figura 24.Registro de Spy para o caosgrafia. Fonte: Malu

Observação da FAU-UFRJ (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), e registra o sorriso do Spy que parece estar fazendo arteirices em compartilhar os doces com as crianças. Embora já tivesse passado os jogos olímpicos, ainda havia intervenções realizadas pela Prefeitura Municipal da cidade como o letreiro que nomeou o Rio de Janeiro como Cidade Olímpica. Em frente a esse letreiro havia um senhor vendendo algodão doce cuja cor e maciez do algodão pareciam misturar com o azul das nuvens do Museu do Amanhã.

Porém, algo não combinava com o algodão doce. Em cada unidade havia uma nota de dinheiro falso (parecido com as notas do jogo Banco Imobiliário) e estavam coladas no dorso superior de cada pacote. A Neta de Judith ficou um tanto impactada que resolveu falar com senhor do algodão doce.

Neta de Judith: Senhor, quanto custa o algodão doce?

Senhor do algodão: R\$7,00 agora que não tem movimento, nas Olimpíadas cheguei vender por R\$10,00.

Neta de Judith: E por que tem esse dinheirinho na ponta do algodão?

Senhor do algodão: Menina, para morar na cidade olímpica tem que ter muito dinheiro para conseguir sobreviver. Moro na Baixada Fluminense, preciso vender quatro unidades para pagar somente a passagem, imagine para pagar as contas e comprar comida para meus filhos?

Neta de Judith: Eu vou querer um pacote, mas tem outro brinde?

Senhor do algodão: Tem sim, posso trocar a nota de dinheiro por uma bexiga, pode ser? As crianças da baixada gostam das bexigas porque enchem de água e divertem-se nos dias de calor.

Neta de Judith: Pode, sim!

A Neta de Judith guarda o algodão doce junto com os croquis da caosgrafia e anda em direção a lateral do Museu

do Amanhã para procurar Tur e o Bisneto de Judith. Eles estavam sentados num banco em frente ao espelho d'água.

Neta de Judith (ainda perplexa com a história do algodão doce): Filho, comprei algodão doce e esse vem com bexiga! Você quer?

Bisneto de Judith: Sim! Posso encher, mãe? Posso? Vou ali no lago do Museu do Amanhã!

Tur: Moleque, ali é um espelho d'água! Vai dar ruim se você for ali! Tem uma exposição no espelho d'água!

Tur falou para Neta de Judith: Você viu que colocaram umas bolas no espelho d'água? E nos guarda-chuvas escreveram Fora Temer! Não sei o que vai acontecer no Brasil no ano que vem! Ainda fico trêmulo pensando no que foi o *impeachment* da nossa Presidenta sofreu o ano passado, em 2016! Será que se arrependeram e querem tirar o vice-presidente, Michel Temer!

Neta de Judith: Aquilo que aconteceu com a nossa presidenta foi um golpe político orquestrado por Michel Temer e pelo Presidente da Câmara de Deputados! Pra mim, o vampiro (apelido de Michel Temer pela oposição), que supostamente está substituindo nossa Presidenta, já está morto! Porém, tenho medo do que vem por aí! Tenho medo do coisa ruim, meu pai fala que como militar, ele era um péssimo deputado federal!

Nesse instante surgiu Rubi, com seu batom vermelho que parece ter retocado há pouco tempo. Antes de dizer da fala da Rubi, é importante registrar que ela tem uma peculiaridade em achar grafismos de sacis pela cidade e suas falas, embora não seja muitas, sempre são sagazes.

Rubi: Se fosse coisa ruim era bom, mas esse cara que tem a intenção de se candidatar é um ditador! Mas, falando em coisa ruim, podíamos rasurar essas bolas com nomes encapetados, o que acham? Vou falar com Spy.

Neta de Judith e Tur riram, já sabendo da suposta resposta de Spy.

Rubi fala com Neta de Judith: Guria, você faz um desenho para nossa caosgrafia, rasurando essas bolas do espelho d'água do Museu do Amanhã?

Neta de Judith olha para Spy, como se precisasse perguntar o que ele achava. Spy olha por cima dos óculos e, encapetado, sorri.

Spy: Faz, guria!

Neta de Judith fez dois desenhos: O espelho d'água do Museu do Amanhã com as bolas grafadas de nomes capirotos (Fig.25) e o croqui que substitui o nome de Cidade Olímpica por Corpos Trêmulos, resultado da conversa com Tur sobre rumores passados e futuros sobre nosso país (Fig.26).

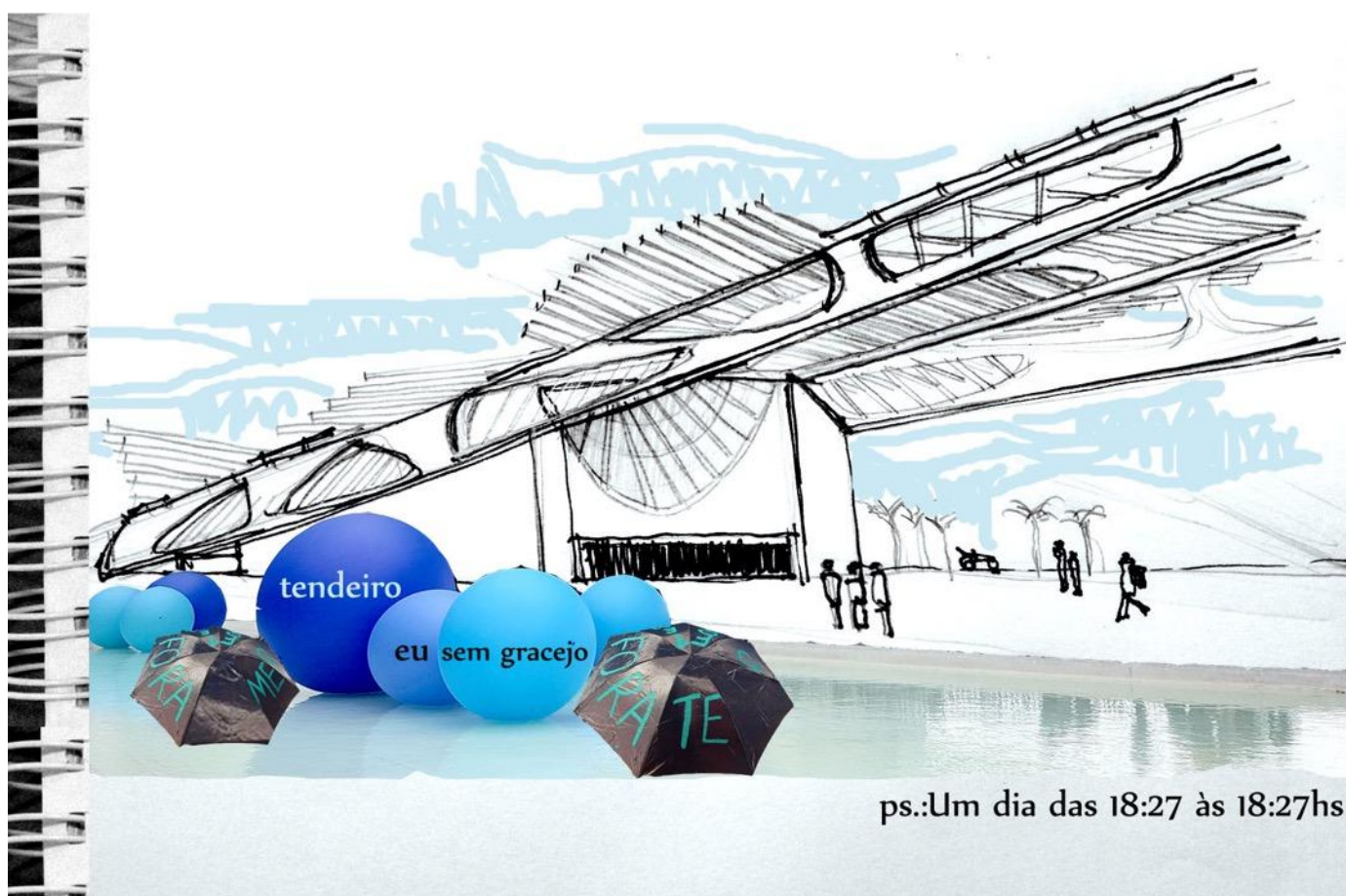


Figura 25. Capirotos no Museu do Amanhã. Fonte: Desenho de Neta de Judith

Spy: Que lindeza esses desenhos! Acho que não foi somente Tur e o moço do algum doce que afectou você, guria! Acho que o redemoinho do Sacigepemecê te enredou nessa caosgrafia. Não esqueça de colocar no nosso drive do grupo de pesquisa!

Neta de Judith: Pode deixar! Vamos continuar nossa caosgrafia amanhã? Que tal em outra borda de água do Rio de Janeiro?

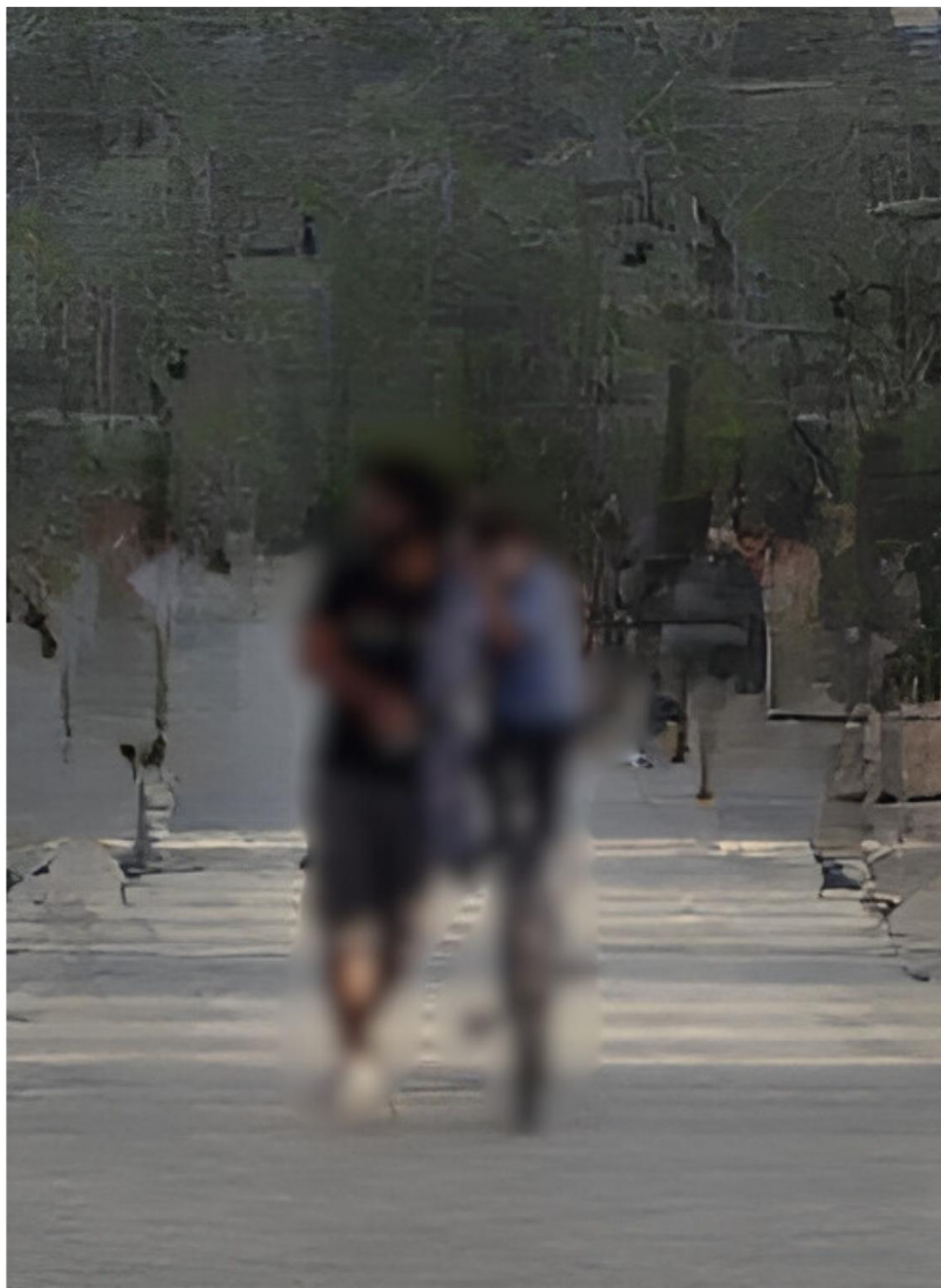
Spy: Acho ótimo! Propõe no grupo!

Neta de Judith pensou: Spy quando fala assim aciona outro modo trêmulo em mim, o do não dizer, me deixando tensa, pensante!

Saci Gepemecê sussurrou no ouvido da Neta de Judith: Esse é o jogo, guria!



Figura 26. Corpos trêmulos. Fonte: Desenho de Neta de Judith



Bordadinho: Tur e Fred

Essa imagem é puro afeto. Neta de Judith teve a sorte de encontrar e tornar-se um dos sacis Gepemecê. Mano e Tutu e Spy e Pri e lelê e BFF foram muito mais que amigos, se tornaram a família das bordas de água carioca.

Tur é um apelido inventado pelo Bisneto de Judith, a letra “r” tem um som carioca e não mais gaúcho.



MENSAGEM SOBRE A CAOSGRAFIA

O lugar para continuação da caosgrafia realizada nas bordas do Píer Mauá foi proposta por Neta de Judith ao grupo de pesquisa carinhosamente nomeado de Gepemecê. Espontaneamente ou, talvez, num devir jogador, Spy havia proposto que Neta de Judith pensasse num lugar para a continuação da caosgrafia Bordas-Píer Mauá.

Neta de Judith: Queridos, consegui a sala da escola de flamenco para nosso encontro, parte II da caosgrafia, o que acham? Topam?

Spy: Adorei a ideia e podemos dançar?

Rubi: Vou levar batons!

Tur e Maluzinha também toparam e Carangueja num devir bailarina também decidiu entrar no redemoinho da caosgrafia.

Spy: Guria, não esqueça de passar o endereço!

Neta de Judith: Claro, fica numa galeria na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, saltando na estação de metrô Cantagalo, pegando a saída Sá Ferreira, fica poucos minutos a pé. Quando entrar na galeria, vocês já terão se tornados bailarinos de flamenco!

Carangueja (num devir balé contemporâneo) falou: Levem roupas confortáveis! Vamos explorar o tablado da escola de Flamenco!

Os ânimos sacizeiros ficaram animados e logo, nosso irmão saci, mais velho, Crush, disse: Estou dentro!

Spy: Opa, então fechou! Galera, amanhã, hein? Nas bordas-Copacabana!



CAOSGAFRIA, BORDAS-FLAMENCO: Quais paisagens você vê em você?

O calor quase 40 graus no dia de caosgrafia parecia corroborar com o espírito do baile flamenco. Quando o bailarino está no ápice do sapateado, os raleios gritam: “Fuego”! Essa palavra é potência para o bailarino aguentar o cansaço dos pés e do calor do peito que parece derreter o corpo todo.

Neta de Judith foi a primeira a chegar para abrir a sala, testar o som, ligar o ar-condicionado e treinar alguns passos coreográficos. Carangueja logo chegou e se lançou naquele tablado, fazendo movimentos corpóreos no chão. Não demorou muito para chegar Spy e Crush.

Spy, nada tímido, inicia uns movimentos de roda, uma luta afetiva com movimentos que pareciam ser de capoeira buscando seduzir Crush que só observava e sorria. Logo depois, Maluzinha e Carangueja realizaram movimentos corpóreos no chão do tablado da escola de flamenco. Tur foi testar os sons do cajon que consiste numa caixa acústico onde o músico senta e toca com as mãos, instrumento fundamental para o baile flamenco.

Rubi foi a última a chegar. Assim que chegou, sentou-se no canto da sala e começou a tirar tintas, lápis e batons da sua bolsa, tornando-se uma figurinista daquelas cenas que já estavam acontecendo. Sem combinar, todos já estavam num modo de exercício corpóreo que no teatro denomina-se prática de *viewpoints*. Esse exercício é uma técnica que parte da

improvisação para questionar e desconstruir modos de pensar pré-estabelecido por verdades de mundo.

Não diferente, na caosgrafia, o *viewpoint* tornou-se potência para a criação de discursos; como uma aventura corpórea-palavreira, que buscou instaurar tensionamentos no processo de instituição e narrativa do estava sendo experienciado. Spy costuma dizer que, ao mesmo tempo, que é poético é transgressor porque problematiza o dizer logocêntrico.

E nessa aventura corpórea-palavreira, começaram a surgir vozes e questionamentos!

Neta de Judith: Vocês já pararam para se olhar no espelho enquanto falam com o corpo? O que vocês veem?

Spy num devir, num devir saci, rodopia e falou: e como você se vê?

Neta de Judith fica diante do espelho e com gestos lentos flamencos diz: vejo as bordas do meu corpo perene atravessado pelo turbilhão de pensamentos que passam por mim. Queria ser como as bordas do corpo da minha vó Judith que eram fortes e rígidas, confiantes e sem medo da rejeição.

Logo após essa fala, Carangueja pega o lápis de maquiagem de Rubi e, em silêncio, começou a desenhar seu autorretrato no espelho. Maluzinha, sentou-se próximo ao espelho e rabiscou alguns desenhos, mais tímidos, sem formas humanas.

Spy sentou-se no chão e, em frente ao espelho, passou as suas mãos nas bordas do próprio rosto, pescoço e braços. Crush, timidamente, tirou os sapatos e massageou seu próprios os pés enquanto Tur brincava com a sombra dos cachos do cabelo. A Rubi, ainda num devir figurinista, testou as dobras de tecido na sua própria roupa.

Aquele momento de catarse, de buscar a se enxergar de outro jeito, trouxe à tona alguns sentimentos que ficavam escondidos e presos por uma borda de tecido que nomeamos de pele. Era como se os poros dessa pele tivessem transbordados por um turbilhão de emoções. Algumas boas, outras nem tanto.

Foi nesse turbilhão de emoções que todos voltaram para o centro da sala, de costas para o espelho e dançaram um com os outros, como uma forma de respeito e acolhimento dos sentimentos coletivos. As bordas dos corpos pareciam frágeis, vulneráveis e desnudas.

Após essa catarse, veio o bocejo, espreguiçamento, leveza, sono, lágrimas e sorrisos. Foi quando Crush disse: Meu irmão, o bagulho é doido, o que foi isso? Vocês são demais!

Spy sorri, abraça Crush e diz: Valeu galera, sem palavras, puro amor!



ENTARDECER EM IPANEMA

Bordas que contêm o som das ondas, que toca a areia, a terra, a pedra do Arpoador, que esquenta, esfria e chove e esconde o morro Dois Irmãos e Vidigal, mas também sacia a sede através da água de coco e do mate-leão. Águas que escondem peixes, esgotos, que misturam cores e cheiros e desejos e pedidos para Iemanjá. Bordas-paisagem de tons azulados, cor flicts de Ziraldo, de cheiro de ervas ilícitas, onde se pára, se conversa e se roubam fumaças e beijos.

Essas paisagens estavam sendo desenhadas no caderno de registros da Neta de Judith que se apressava para terminar o croqui, pois a noite chegava ofuscando a imagem de dois jovens amantes que trocavam carícias no entardecer de domingo. Além do clima afetivo entre os jovens, vinha uma brisa fresca do mar que tornava mais aprazível o aquarelar das bordas.

O Mar emprestou um pouquinho de sua água para diluir a aquarela que a mistura dos tons trazia a representação gráfica do anoitecer em Ipanema. A tinta também adquiriu uma leve textura que, misturada com a areia trazida pela brisa do mar, deixava o papel com certa aspereza.

Junto ao casal havia um guarda-sol perdido ou esquecido por alguém com tons opacos, lona furada, alguns fios soltos e a estrutura parecia frágil como um guarda-chuva que vira ao avesso numa tempestade de chuva. A torta e frágil estrutura do guarda-sol estava com algumas roupas de banho

e papéis que pareciam ser revistas ou pequenos livros molhados (Fig.25).

A noite veio vindo e quando a penumbra baixou ficou apenas a luz da lua brilhando no mar que parecia estar dormindo, o casal levantou e recolheu seus pertences que pareciam estar pendurados por estarem molhados.

Logo após, a Neta de Judith também recolheu as coisas e foi para casa pendurar seu desenho para secar no varal de casa.

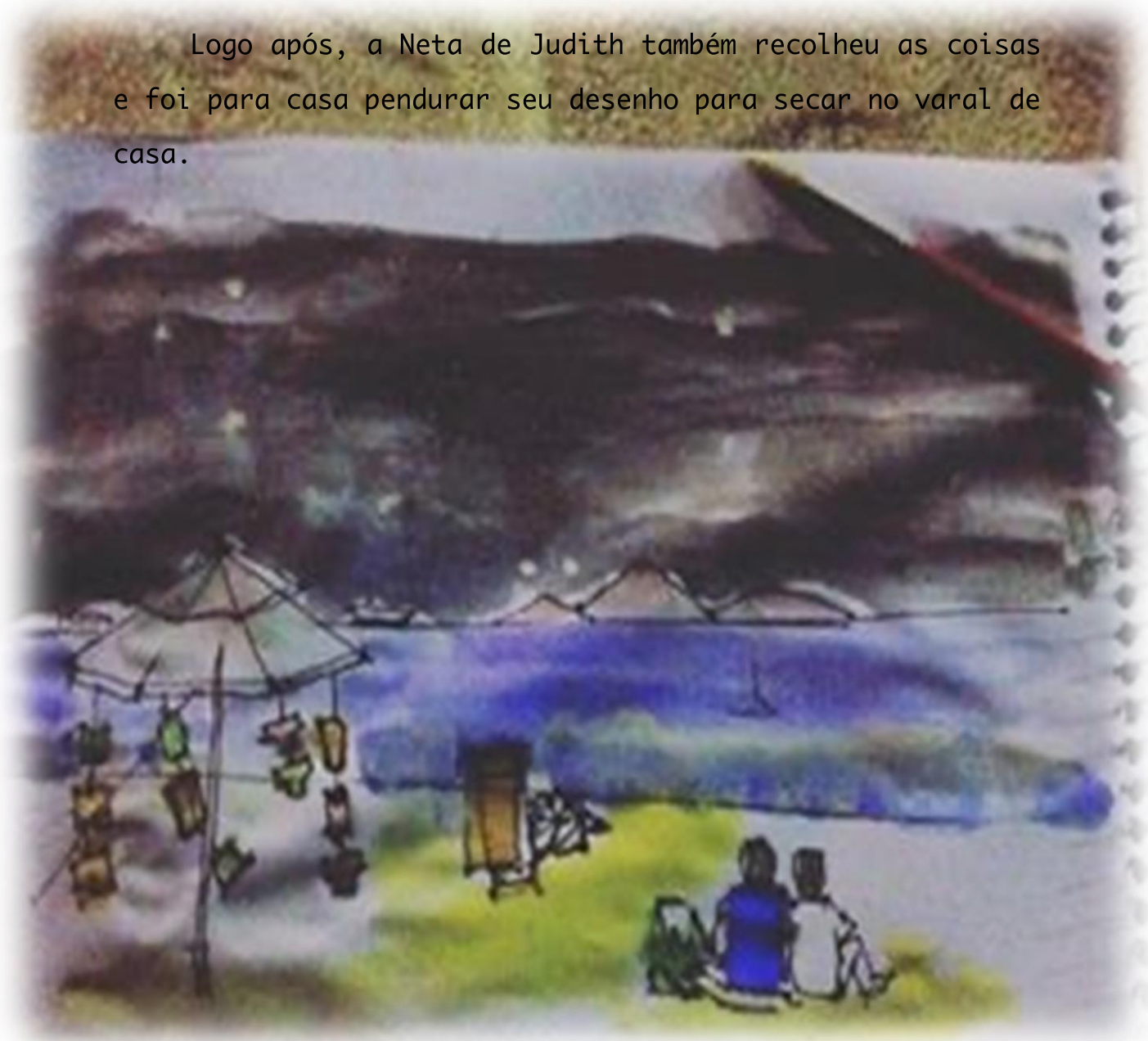


Fig.25. Jovens e o guarda-sol e o Mar. Fonte: Desenho de Neta de Judith.

CHOVE NAS BORDAS

A lente da câmera fotográfica ficou repleta de pingos de chuva que embaçaram as imagens das bordas de água registradas pela Neta de Judith. A inundação da chuva foi também um transbordamento de cores frias que borrou as bordas calçada de Ipanema com a bodas do mar e do céu. A única cor quente que parecia se destacar era o guarda-chuva azul celeste das pessoas que buscavam fugir da chuva.

A chuva também encobria o Morro Dois Irmãos e Arpoador deixando apenas um borrão verde acinzentado. O céu de chumbo claro se confundia com a onda do mar cinzento que tombava na areia parecendo um trovão avisando para as pessoas irem embora. Ao longe, dava para ver pequenos raios que riscavam o céu de chumbo claro.

O Mar não estava para conversa naquele dia, tampouco para aconselhar e curar a mágoa de ninguém. A Neta de Judith entendeu o recado do Mar, guardou a câmera, colocou a canga de praia como um manto para se proteger da chuva e seguiu para a casa.



Fig.25. Chove na tarde das Bordas de Ipanema. Fonte: Foto da Neta de Judith

Bordadinho:
Sou livre para o silêncio das
formas e das cores

Manoel de Barros

CINEMA NA MARINA DA GLÓRIA

O Shell Open Air é um dos maiores eventos de cinema ao ar livre do mundo e, ano de 2017, aconteceu na Marina da Glória na cidade do Rio de Janeiro. A tela tinha a dimensão de uma quadra de tênis tornando-se protagonista nas paisagens das bordas de água da Bahía de Guanabara. Além da enorme tela, o evento tinha um sistema de som *sorround* que potencializavam a experiência sensorial de assistir um filme ao ar livre.

O evento não foi gratuito e o custo era um tanto alto para uma mãe solteira e doutoranda. Mesmo assim a Neta de Judith decidiu levar seu filho para assistir Jumanji – Bem-vindo à selva, pois era um filme que o Bisneto de Judith adorava. Para além de assistir ao filme, era uma oportunidade de experienciar algo que mãe e filho nunca tinham vivido.

Bisneto de Judith (empolgado) falou: Bora, mãe! O tempo está passando rápido, não posso perder o filme!

Neta de Judith: Já vamos, estou acabando de fazer pipoca, lá deve ser caríssimo, porque além do ingresso, precisamos ter dinheiro pra voltar de uber, pode acabar tarde da noite! Não sei se tem transporte público que venha até a nossa casa!

Bisneto de Judith: Liga para BFF ou para o Mano! Eles sabem tudo! Vou aproveitar e encher a garrafinha de água da escola, assim não precisamos comprar! Mas vamos logo, ainda quero ver como é o dia lá na Marina da Glória!

O Bisneto de Judith desde pequeno era curioso por mapas e gostava de entender a geografia das cidades que visitava ou morava. Além de curioso, gostava de tirar fotos de paisagem com a máquina fotográfica que havia ganhado da Mãe de Judith.

Bisneto de Judith: Mãe, não esquece de levar a máquina fotográfica que ganhei da vovó! Vou tirar fotos sinistras!

Neta de Judith: Já está na bolsa! Pegue seu casaco que pode esfriar a noite e não esqueça a garrafinha de água da escola!

Quando chegaram no Shell Open Air já estava escurecendo e não deu para registrar o entardecer das bordas de água Marina da Glória. Era mês de maio, outono no Rio de Janeiro, as noites costumam ser mais longas. O Bisneto de Judith ficou aborrecido de não registrar o pôr do sol, mas quando viu o tamanho da tela do cinema, esqueceu, rapidamente, sua frustração.

Bisneto de Judith (encantado): Mãe, olha isso! A tela é gigante! E a brisa que vem da água deixa fresquinho aqui. Acho que vou até precisar do casaco que está na mochila! Pega pra mim, mãe, por favor?

Neta de Judith: Pego, sim, filho! Aqui o cinema não tem paredes, o limite é o tablado onde estão as cadeiras e o ar condicionado é o ventinho fresco que vem da Bahia de Guanabara! Só que o cheiro não é bom!

Bisneto de Judith, rindo: Ainda bem que tem o cheiro da pipoca!

Neta de Judith: Verdade! Vamos, logo, filho! Precisamos achar nossos assentos antes que anoitece por completo e comece o filme!

Bisneto de Judith, falando bem baixinho: Mãe, mãe, mãe, deixa eu tirar uma foto dessa tela gigante?

Neta de Judith: Sim, mas não levante da cadeira para não atrapalhar que está sentado atrás de nós!

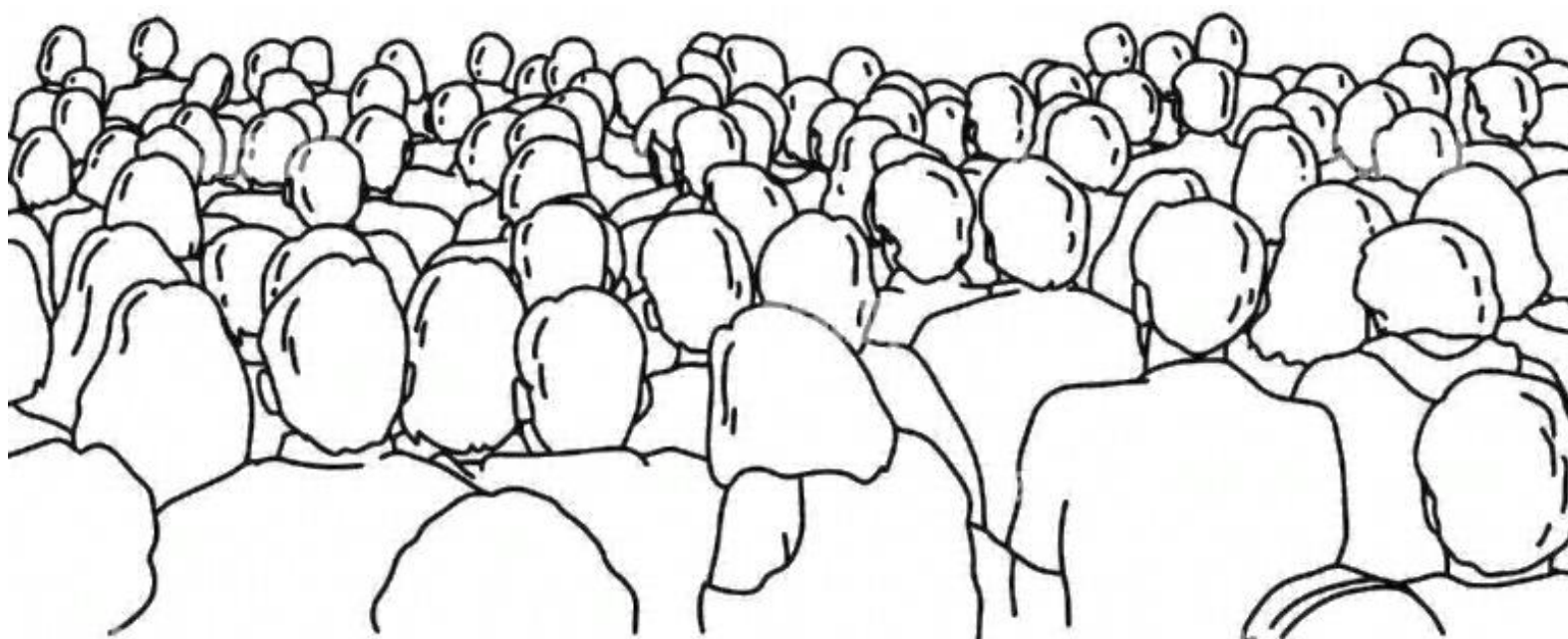
A borda da tela escura misturou-se com o breu do céu e os personagens se tornaram gigantes naquele cenário de filme. Ao fundo, numa escala menor que a tela, o *skyline* do bairro do Catete e da Glória era bordado pelas luzes da cidade. Essas percepções foram registradas nas imagens que o Bisneto de Judith através da sua câmera fotográfica durante a sessão de cinema (Fig.27).



Figura 27.Registros do cinema nas bordas de água da Marina da Glória. Fonte: Fotografia Bisneto de Judith

Depois de registrar a tela gigante do cinema, Bisneto de Judith devolveu a câmera fotográfica para Neta de Judith guardar na mochila.

Bisneto de Judith (buscando se encostar no ombro da mãe) disse: Já falei que te amo, mãe?





Bordadinho: A gata e o apartamento

Do apartamento do 13º andar localizado na Avenida Infante Dom Henrique, nas bordas de água do aterro do Flamengo, Joana, a gata, brincava com a luzes da cidade enquadrada na janela que não tinha tela, apenas um pequeno peitoril de alumínio enferrujado.

FLORES PARA IEMANJÁ

Hoje é o Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, mas também dia da rainha do Mar - Iemanjá. Nesses dias, nas bordas de água sul, quase nas bordas Chuí, divisa do Rio Grande do Sul

com Uruguai, se acorda muito cedo, vai até a praia e oferece um presente a rainha do mar. Depois vai até um barco, compra-se um peixe fresco do pescador que acaba de chegar do mar. Geralmente, os barcos vem sempre cheios de peixes. Dizem os pescadores que toda pessoa que comer peixe nesse dia terá muita abundância em sua vida.

Para Neta de Judith, esses dias de Iemanjá nas bordas de águas cariocas, ainda eram um tanto desconhecidos, mas a esperança de uma futura abundância, seja financeira ou de saúde e amor, era anualmente. Por não saber como era a rotina carioca das oferendas a Iemanjá, Neta de Judith, acordou muito cedo para esse encontro com a rainha do Mar.

Neta de Judith: Bom dia, Mar! Essa hora somos apenas nós dois, como nos velhos tempos das bordas Chuí, quase bordas uruguaias!

O Mar responde com uma marolinha.

Neta de Judith: Lembra quando meu tio me levava para pescar naquele navio encalhado que ficava naquela borda retilínea, quase no Uruguai? Então, queria te contar um segredo: Sempre que eu me sentava no casco do navio, enquanto meu tio preparava a linha e as iscas para pescar, eu via Iemanjá rindo para mim. Não sei se era real, imaginação ou desejo de a ver.

O Mar responde com outra marolinha, parecendo querer saber mais dessa história.

Neta de Judith: Ela era linda, seus cabelos faziam caracóis como o movimento de suas ondas.

Dessa vez, o Mar responde com outra marolinha, porém com muita espuma, como um riso largo e gostoso.

Neta de Judith: Não sei se era superstição, mas meu tio fazia um buraco na areia e acendia uma vela, sempre antes de subirmos no casco do navio. Ainda sinto o cheiro da vela queimada e ouço o barulho fino do vento como se fosse um leve assobio. Acho que aquele gesto era um ritual para pedirmos permissão para pescar e aquele assobio já era um prenuncio da benção de Iemanjá.

O mar ficou em silêncio parecendo ouvir aquelas recordações da infância da Neta de Judith.

Neta de Judith: E hoje estou aqui novamente, não para me banhar, mas para ofertar flores a tua rainha. Prefiro flores, pois não machuca os peixes, assim você não precisa devolver para a terra.

Ajoelhando-se na areia, Neta de Judith repete o ritual que fazia com seu tio nas bordas Chuí, cava um buraco e acende a vela. Ao levantar-se joga a rosa ao mar dizendo:

Neta de Judith: Mar, hoje é o dia dela, da nossa Rainha, Dandalunda, Ísis, Janaína, Marabô, Maria, Mucunã, Princesa de Aiocá, Princesa do Mar, Sereia do Mar! Me ajude que ela volte a aparecer sorrindo para mim e me abençoe (Fig.28).

O mar respondeu com uma onda, dessa vez, lavando os pés da Neta de Judith.





Figura 28. Encontros de Neta de Judith e o Mar e Iemanjá. Fonte: Arquivo da Neta de Judith.

COMIDAS BORDA-PAISAGEM

Aos domingos pela manhã, Neta de Judith e seu filho costumavam ir à praia de Ipanema. Mesmo depois de mudar para as bordas de água do Flamengo, o ritual era sempre o mesmo: Esquentar água para o chimarrão, separar a canga, pegar o moleskine, patinete e passar na padaria para comprar um guaravita para o Bisneto de Judith.

Além do guaravita, o Bisneto de Judith descobriu o biscoito Globo, lanches que não conhecia até vim para o Rio de Janeiro. O Bisneto de Judith amarrava a sacola do guaravita no guidom do patinete e saía voando pelas bordas de Ipanema até achar uma barraquinha que vendesse biscoito Globo.

Neta de Judith: Filho, não corra! Daqui a pouco nos deparamos com um vendedor na praia e, então, compramos um pacote de biscoito Globo

Bisneto de Judith (sorriso debochado): Mãe, gosto daqueles biscoitos que ficam pendurados nas barraquinhas. O vento que vem da praia, deixam os biscoitos sequinhos e crocantes!

Neta de Judith: Você está falando do Globinho? Daqueles biscoitos que são miniaturas do biscoito Globo?

Bisneto de Judith: Isso, eles ficam pendurados e balançam com o vento. Eles são tão pequeninhos que parecem a espuma do mar depois que a onda quebra na areia.

Neta de Judith sorriu.

Bisneto de Judith: E São mais baratos, mãe!

Neta de Judith sorriu novamente pensando quão sagaz aquele moleque havia se tornado. Seria influência de algum sacigepemecê? BFF? Spy? Mano? Crusch? Tur?

Neta de Judith: Guri, não toma toda a guaravita! Se você tomar desse jeito, não vai sobrar para beber na praia!

Bisneto de Judith: Relaxa, mãe! Eu trouxe água, o guaravita é doce para caramba!
Abre a mochila, mostra a garrafa d'água e dá uma piscadinha para a Neta de Judith.

Neta de Judith: Boa, filho!

Ao mesmo tempo que Neta de Judith ficava na dúvida se deveria reprimir, ela achava lindo o novo sotaque e aquela leveza com que o Bisneto de Judith estava levando a vida! Entre a dúvida e a leveza, Neta de Judith sempre preferia a leveza!

Bisneto de Judith: Olha mãe, achei! São aqueles pequeninhos pendurados nas barracas (Fig.29)! Lá no Engenhão, estádio do Fogão!

Nesse momento, a Neta de Judith fez as ligações importantes entre o biscoito globinho, modo sagaz e o Botafogo. Era coisa do saci, mesmo! Do Mano Saci, que levou o Bisneto de Judith no jogo do Fogão!

Quando a Neta de Judith avistou os pacotes balançando, percebeu que eram muito menores que o Biscoito Globo e pareciam espumas do mar.

Neta de Judith: Tens razão, filho! As bolinhas de polvilho parecem espumas do mar!

Bisneto de Judith: Sim, achei! Porém, sequinhas!



Figura 29. Biscoito Globinho nas bordas de água de Ipanema. Fonte: Fotografia Neta de Judith



DESASSOSSEGOS DE CARNAVAL

Não era 13 de maio, nem 16 de maio ou de outubro ou junho ou (...), nem dia de Nossa Senhora de Fátima, mas talvez de algumas Fátimas e Pretos Velhos espalhados na multidão de um sábado de carnaval deste ano, 2015. Não era ano qualquer, nem qualquer fevereiro para a neta de Judith, mas um tempo de significativa mudança. Recém-chegada ao Rio de Janeiro, a Neta de Judith ligou para o Mano, que passou algumas informações.

Mano: Mana, tens que levar o guri bem cedo! Pega o metrô e salta na estação Largo do Machado, pois a multidão começa a mover-se cedo da manhã, por volta de 7horas.

Ainda não encantada pelo Rio de Janeiro, sentia o desejo de levar seu filho ao carnaval ou, talvez, à saudade de quando Judith a levava nas matinés de carnaval, na cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul. Manhã de sábado, desperta o alarme, pintam-se os rostos, velam-se parte dos olhos, fantasiam-se, colorem os corpos de purpurina, mesmo não vendo, ainda, brilho naquele sombrio momento. Ao chegar à estação de metrô General Osório, se depararam com o



Figura 30. Eduardo e Judith no carnaval. Fonte: Neta de Judith

Diferente dos carnavais de rua carioca, o Clube Gaúcho mantém a sua peculiaridade, ou seja, os foliões costumam dar inúmeras voltas ao redor de uma pista (Fig.30). Embora a distância entre o Rio de Janeiro e a pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul seja de 1635 km, em tempos de carnaval, a alegria dos foliões se aproxima através das antigas marchinhas de carnaval. Não talvez para todos, para alguns, mas principalmente para a Neta e, agora, para o Bisneto de Judith e Eduardo. Em tempos de carnaval, as janelas da casa verde e rosa situada na Rua Antunes Ribas 834, estavam sempre abertas para escutar os sons carnavalescos que ecoam do Clube Gaúcho.

caixa de venda de bilhetes fechado, terminais de banco encobertos com tapume.

Neta de Judith: Báh que chato, para não dizer outra coisa.

Salvos pelos ensinamentos de BFF, amiga fiel carioca da Neta e do Bisneto de Judith, compraram um cartão de passe de metrô nas máquinas de autoatendimento. Já era oito e quarenta, quando pegaram o vagão, ainda vazio, mas com purpurinas nos bancos.

A cada estação (Cantagalo, Siqueira Campos, Cardeal Arco Verde, Botafogo, Flamengo até o destino – Largo do Machado) entraram diversas pessoas caracterizadas com diversas fantasias interagindo uns com os outros e, inclusive, com a Neta e o Bisneto de Judith. Aquela troca de palavras e olhares soou tão estranho para ela, pois as diferenças pareciam semelhanças com a pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Ao subir pela escada da estação Largo do Machado, a Neta de Judith, já num modo corpóreo saltitante puxando seu filho em busca do som das marchinhas de carnaval que ecoavam na saída do metrô. Logo que saiu do metrô encontrou o Mano que os recebeu com um forte abraço.

Mano: Bom dia senhora, bom dia rapazinho! Ora, pois, acordaram cedinho?

Neta de Judith: Bom dia Mano!

Mano: Mano, não, Manoel!

Neta de Judith: Ai Jesus, você tem um bigode?

Mano: Sim, sou o garçom português mais cobiçado do carnaval, hoje, do Largo do Machado.

Bisneto de Judith: Manoel, eu quero um guaravita e biscoitos Globo, se tiver!

Mano (passando a mão no bigode): É para já! Vou buscar o melhor guaravita!

A Neta de Judith entendeu o recado do Mano que estava vestido de Manoel e lembrou que a BFF tinha comentado sobre esse devir português carnavalesco.

O bloco - *Largo do Machado, mas não largo meu suquinho* - estava concentrado no meio da praça e tocava marchinhas que Judith cantava para sua neta (*mamãe eu quero, jardineira, daqui não saio*, entre tantas outras doces lembranças).

A Neta de Judith comprou serpentinas, confetes e bolhas de sabão para seu filho e, logo, surgiu Mano (Manoel) com o guaravita. Nesse momento apareceu o primeiro e largo sorriso do bisneto de Judith no carnaval carioca.

Neta, Bisneto de Judith e Mano (Manoel) brincaram e cantaram até o meio da tarde, quando a fome e cansaço apareceu. Ao voltar para casa, mesmo caminho, outras pessoas, outras fantasias, outras palavras, outro tempo, um pouco mais demorado.

Outros e novos ventos levaram a Neta e o Bisneto de Judith de volta para sua nova casa.

ENCANTOS DE CARNAVAL

Em dias de carnaval, a paleta de cor da paisagem das bordas do bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro, é muito vibrante. Em toda parte do bairro há foliões que representam, dependendo do bloco de carnaval, a escala de habitantes de uma capital brasileira até a escala de uma cidade do interior do Rio Grande Sul.

Depois de dois anos de moradia na cidade do Rio de Janeiro, a Neta de Judith preferia os blocos menores, aqueles sem cortejo, ou seja, que ficavam parados num único lugar. Esses blocos acionavam a memória afetiva dos carnavais da pequena cidade do Rio Grande do Sul, onde a Neta de Judith passou a infância.

O bloco preferido era o Vamos ET que ficava na praça Luiz de Camões, no bairro da Glória. Esse bloco tem o intuito de levar o folião para uma viagem intergaláctica, sideral, com humor, liberdade e irreverência, com uma réplica do boneco ET, filme célebre de Steven Spielberg. O boneco é, extremamente, disputado para fotos durante a folia e reverenciado tanto por adultos e crianças.

Em um dia desses de carnaval, o Gepemecê marcou um encontro no Bloco Vamos ET. A princípio, os foliões combinaram de ir vestidos com adereços que fizessem referência ao tridente do Gepemecê. Porém, isso não foi uma regra, apenas um desejo de contravenção que correspondem aos

devires recorrentes desse Grupo de Pesquisa que já tem outro nome: família de afetos escolhidos para vida.

A Neta de Judith vestiu-se de princesa Léa, porém contraventora, trocando o sabre de luz por um tridente. O Bisneto de Judith foi fantasiado de palhaço com bermuda xadrez, sem camisa, nariz vermelho, colete preto e um chapéu misterioso que havia ganhado da BFF.

A Carangueja foi com roupas pretas e vermelhas, cujo rosto ficava um tanto escondido por um véu preto. Na cabeça, um arco de diabinha. Não muito diferente da Carangueja, Rubi também tapava parte do rosto, ficando exposto, apenas, o batom vermelho. A BFF estava num devir *Merilyn Monroe* com luvas brancas, vestido esvoaçante e uma pinta marcada no rosto. Spy chega com seu afeto, sempre irreverente e com muita purpurina.

O Mano, como de costume, nos carnavais cariocas, tornava-se um garçom português que atendia pelo nome de Manuel. Na orelha, carregava um lápis que usava para anotar os pedidos dos foliões de carnaval. Porém, esse dia estava um tanto capiroto, seus ombros estavam cheio de marcas de beijos de batom.

Mano (sorrindo): Que lindezas vocês todos aqui! Vim de Portugal somente para encontrá-los!

Neta de Judith: Que honra, e eu vim do planeta Alderaan, um lugar pacífico e sem armas! Porém, trouxe meu tridente que posso encontrar Darth Veider por essas bandas da Glória!

BFF (com ar sedutor): E eu vim do Planeta Amor!

Bisneto de Judith (tirando o chapéu num devir Charlie Chaplin): E eu sou o palhaço que adoro dançar na rua!

Carangueja, eu vim do Sol, lá é muito quente!

Rubi: eu acordei hoje, esse lugar ofusca minha visão!

Spy continua sorrindo com ar contraventor.

Mano (curioso) ou Manuel: E você Spy, além de brilhante folião?

Spy: Eu vim trazer o Saci para dançar com ET na paisagem da Glória (Fig.31)!

BFF: Eu vou contigo, jogarei confetes quando vc aparecer entre a multidão!



Figura 31. SaciGepemecê nas bordas do ET. Fonte: Montagem e foto da autora

Do terraço do vigésimo segundo andar da Rua Alberto de Campos, em Ipanema, a Neta de Judith observava o degradê da paisagem que começava no tom ocre das edificações da favela do Cantagalo até o cinza roseado do mar. Poderia ser ocre ou, talvez, laranja do maciço de tijolos iluminados pelo sol que formavam o *skyline* daquela tarde (Fig.32)



Figura 32. Tonalidades das Bordas Cantagalo. Fonte: Fotografia Neta de Judith

Se fosse uma análise da infraestrutura da paisagem em uma disciplina de Paisagismo do curso de Arquitetura e Urbanismo, diria que o elevador da favela Cantagalo seria um marco visual da paisagem, pois além da sua verticalidade, se destacava por sua materialidade que era diferente das demais edificações (Fig.33). Porém, essa análise da paisagem não cabia mais nos modos de dizer paisagens-bordas de água para a Neta de Judith.



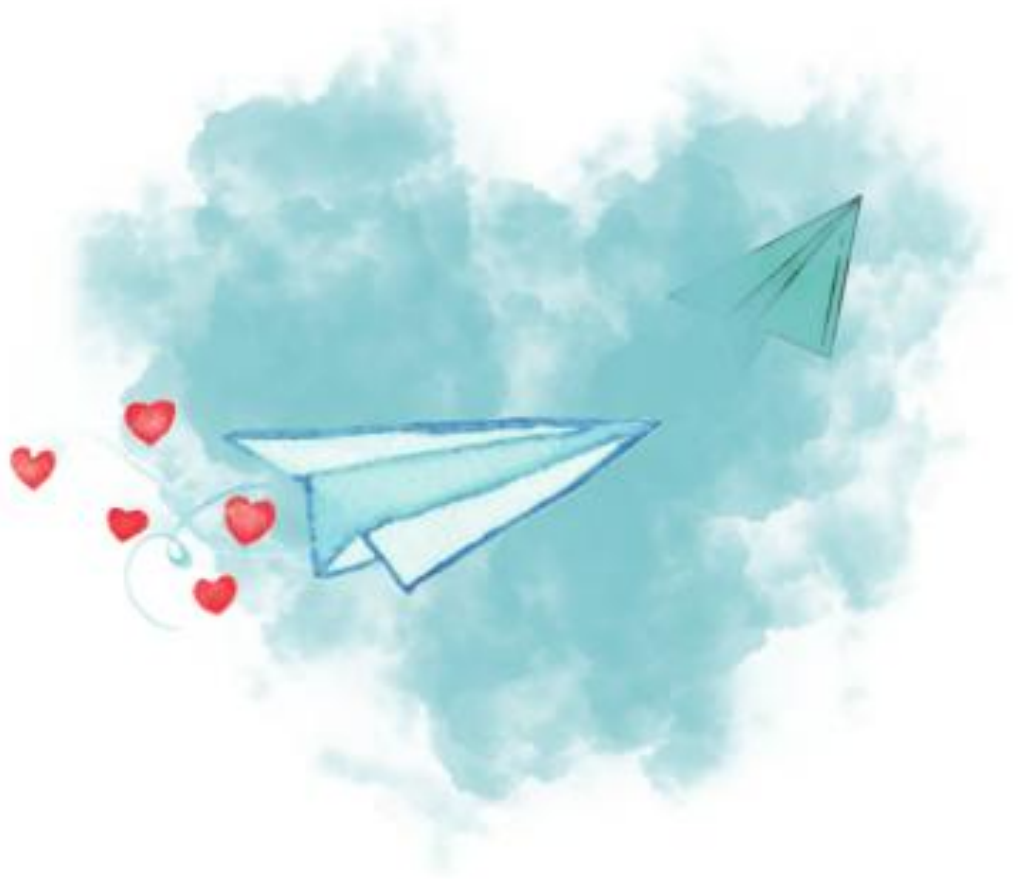
Figura 33. Marcos de Paisagem. Fonte: Fotografia Neta de Judith

Dizer paisagem-bordas de água era dizer: tonalidade de cores e textura áspera dos tijolos até a maciez do céu que dobrava no infinito do mar. Por outro lado, não poderia ocultar a linha imaginária e dicotômica que separava o maciço de tijolos da favela Cantagalo dos volumes monocromáticos dos edifícios de apartamentos nomeados pelo mercado imobiliário como área nobre das bordas de água de Ipanema.

A Neta de Judith já não se afectava tanto pelos dizeres metafísicos sobre a infraestrutura da paisagem ditos pela bibliografia de Arquitetura e do Urbanismo, pois o desejo maior era pelos dizeres deleuzianos e derridianos que não são estáticos, que mudam e se transformam, o tempo todo. Porém, a Neta de Judith, ainda, encontrava dificuldade de desconstruir os dizeres metafísicos bordas de água para a academia.

BORDADO 6: UMA INVENÇÃO DO FIM PARA DIZER SOBRE NOVOS RECOMEÇOS





Bordadinho:

Sinto-me como a andarilha do poema de Manoel de Barros, poema inventado para aqueles que não andam em estradas prontas. Essa tramatese não tem uma definição do significado de bordas de água, mas contém multiplicidades de dizeres bordas, algumas possibilidades de devires que se tornaram incansáveis tentativas de inventar uma estrada para nos tirar dos caminhos já conhecidos de pensar o planejamento urbano das bordas de água.

MENSAGEM DE SPY PARA NETA DE JUDITH

Já um pouco distante do MAR, do seu velho amigo e silencioso conselheiro, Neta de Judith envia uma mensagem ao querido Spy.

Neta de Judith: Hoje, estava bordando os agradecimentos para a tramatese e senti um enorme vazio, aperto no peito daqueles que dói e muito medo de ter de voltar para as bordas de água do sul. Por que esse aperto que dobra o peito e arranha a garganta?

Spy: Ah, guria!!!! O tempo do relógio é o tempo dos prazos, tempos burocráticos, mas você não veio em busca apenas de uma titulação ou de uma força tarefa concurseira, você veio para experienciar as bordas de água de outro jeito que desafia a escrita e que critica, poeticamente, um planejamento urbano que é agressivo, imposto e nada democrático!

Neta de Judith: Sim, mas os prazos me consomem! O tempo da escrita da tramatese não está alinhado com prazo regular do calendário acadêmico! A tramatese para ser bordada precisa das experiências e vivências nas bordas de água da cidade do Rio de Janeiro! Depende de o Mar querer dar seu depoimento, depende dos diferentes cheiros e sons e tonalidades que embalam o tecer das bordas!

Spy: Guria, já te falei que levei o dobro do tempo regular para escrever minha tese e estou aqui, sempre transformando e buscando novas experiências e trocas! Depois de longas caminhadas e movimentos, estou feliz de descobrir um Spy-Sac Malayerba!

Neta de Judith: Sim, como diz Julinha, nossa amiga em comum, malayerba é como uma erva daninha que luta e consegue nascer nos lugares mais inóspitos, que resiste a domesticação do mundo e mesmo que a cidade vire uma floresta de concreto, sempre terá uma erva daninha que irá nascer numa fenda de pedra! Ah, guri-sac-malayerba, esse modo sacizeiro-faceiro que busquei para bordar a tramatese através das derivas, experiências e dos fragmentos de bordas me propiciou descobrir outras Netas de Judith em mim que tenho medo de perdê-las!

Spy: Então, guria saci-faceira, ressignifica o fim dessa tramatense como novos recomeços e transformações! “Devenir sur place!” ou sur borda, na variação de dimensões de tempos anacrônicos, nada melhor para produzir outros ritmos e liberar novos afectos!

Neta de Judith, sempre encantada pelo dizeres de Spy diz: Está bem, querido, *muchas gracias*! Irei buscar ressignificar esse fim!

Spy responde com aquela carinha de que não gosta de agradecimentos: *Beso*, guria!

A Neta de Judith, como sempre, sente-se feliz com a troca de mensagens com Spy e, ao mesmo tempo, reflexiva pela última frase de Spy: “Devenir sur place!” ou sur borda! Mas Neta de Judith já o conhece, sabe que Spy é eterno-arteiro-malayerba-corvo que deixa suas palavras intensas como rastros criando infinitos sulcos como se fossem possibilidades de caminhos para seguir! Mas ele não revela o caminho, ele traz à tona devires que faz com que você construa seus próprios caminhos! É um dos motivos que todos, nós, Gepemecês-Malayerbas amamos Spy!

Embora as bordas-Terê (Teresópolis-RJ) fique perto do Mar (Fig.34), Neta de Judith sente falta do vento, do sol quarando as mágoas, das tonalidades que pinta o céu e a água em diferentes dias do ano e do barulho das ondas que ninava seu filho, o Bisneto de Judith. Por outro lado, nas bordas-Terê, tem cachoeira, tem Iansã e o corpo não sua tanto devido a altitude que faz a nuvem branquinha e esfumaçada entrar pela janela da universidade.

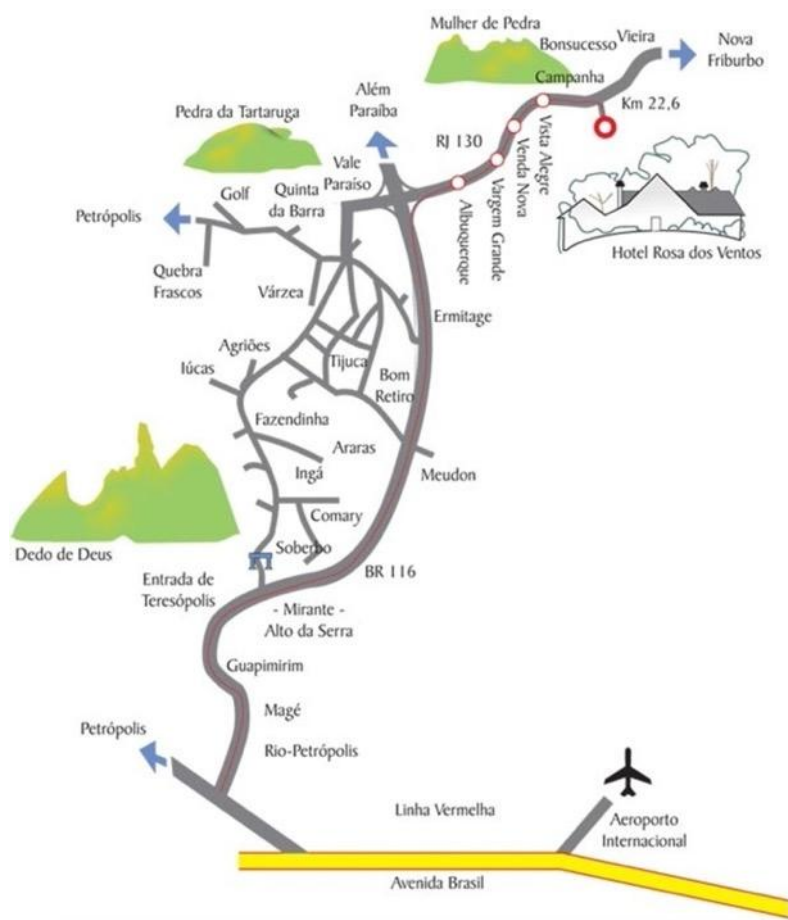


Figura 34 Mapa de localização da cidade de Teresópolis em relação às cidades da serra (Petrópolis e Nova Friburgo) e Rio de Janeiro-RJ. Fonte: <https://mapasblog.blogspot.com/2013/09/mapas-de-teresopolis-rj.html>

Uma das formas que Neta de Judith encontrou de diminuir a saudade das bordas de água-sal e dos seus amigos que a acolheram na cidade do Rio de Janeiro (Mano, BFF, Rubi, Lelê, Hermana) foi se reconectar com os ensinamentos de Gepemecê e de Spy. Mas como desconstruir pensamentos tão hegemônicos numa cidade tão

pequena onde o Plano Diretor não é debatido e está nas mãos da Câmara de Vereadores sem a anuência do povo?

Neta de Judith pensou: o que Mano faria numa situação dessas? E Lelê? Não posso cantar os anarquistas estão chegando como cantávamos nas boas vindas do Ippur ou fazer um chá de desobstrução como fizemos numa sessão livre do Encontro Nacional de Planejamento Urbano (ANPUR) em Belo Horizonte-MG, pois corro o risco de passar no setor de relacionamento da Universidade e assinar minha demissão!

Foi então que surgiu a ideia de realizar uma caosgrafia na sala de aula, instrumento já conhecido pela Neta de Judith durante as derivas junto ao Gepemecê. A caosgrafia consiste num modo de construção coletiva de discursos que navega entre ciência, arte e filosofia, acionando a prática cartográfica enquanto tramas de afectos que está associada à noção de caos como possibilidade do devir. Porém para despertar o caos corpóreo, a Neta de Judith precisava desconstruir a forma tradicional do layout da sala de aula, deixando espaço livre para realizar o exercício de *viewpoint*.

O *viewpoint* consiste numa prática do teatro de movimentar o corpo através de um dispositivo que pode ser uma palavra, imagem, som, cheiro, gestos. Neta de Judith pediu que todos ficassem em pé e se movimentassem pela sala de aula.

Desconfiados, lentamente, levantaram e caminharam em fila. Enquanto caminhavam, Neta de Judith, pedia para que eles imitassem uns aos outros enquanto buscava ruídos que simulassem o som de buzinas despertando atenção e incômodo. O som não era aprazível, eram buzinas de carros, ônibus em

intensidades diferentes que fizeram com que os alunos saíssem, corporalmente, da inércia dos seus corpos.

Alguns simulavam que eram carros e corriam rapidamente pela sala de aula, outros tornaram-se idosos tentando pedir passagem para aqueles que estavam correndo como carros e, ainda, haviam supostos guardas de trânsito que buscavam manter a ordem, mas não conseguiam.

Depois que todos estavam com seus corpos suados, cansados de disputar espaços e posições, Neta de Judith encerrou o viewpoint e fez uma fala:

Neta de Judith pensou: Pessoal, agora respirem, vamos voltando a andar lentamente, deixando o ar entrar e quando estiverem tranquilos sentem no lugar que vocês quiserem.

Foi lindo, a sala teve uma outra configuração, ou seja, alguns alunos sentaram no chão, outros deitaram e alguns sentaram nas cadeiras (sem ter uma postura performática de aluno espectador). Foi assim que Neta de Judith conseguiu a falar sobre devir e inserir um pouco de Filosofia nas suas aulas de Planejamento Urbano.

Neta de Judith: Queridos, esse exercício que praticamos é chamado de viewpoint, uma técnica do teatro que costumamos utilizar antes de iniciar a caosgrafia. Apreendi com meus amigos queridos: Mano, BFF, Lelê, Crusch, Rubi e meu mestre Spy! O desejo de vocês tornar-se carros, guardas e idosos, na Filosofia de Deleuze e Guatarri, significa devir, ou seja, o desejo de transformar-se em algo! Devir idoso, devir guarda de trânsito, devir carro! As formas, para Deleuze, não revelam o ser, mas traz à tona os devires. Agora, vamos fazer um pequeno intervalo para beber uma água e voltar para dar início a caosgrafia!

Uma aluna num devir saci, perguntou: Mas profe, já não iniciamos a caosgrafia?

Neta de Judith, sorriu e disse: Sim, já iniciamos!

Quando os voltaram do intervalo, Neta de Judith abriu um papel craft no chão, distribui canetas e pincéis e sugeriu que todos, cada um no seu tempo, escrevesse uma palavra sobre a experiência do exercício de *viewpoint* que havia acontecido antes do intervalo. Porém, sugeriu que as palavras estivessem conectadas ao tema da aula que era como pensar a mobilidade urbana dentro do planejamento urbano da cidade de Teresópolis-RJ.

Diversas palavras foram escritas nesse papel Craft, tais como: ruído e inquietação e barulho e desconforto e descaso e corpos e cegueira e velocidade e poluição e buzinas e desordem e exclusão e disputa e poder e pessoas e crianças e perigo e medo e escola e idosos e fobia e cansaço e irritação e sufocamento e concreto. Alguns alunos desenharam caveiras como símbolo de alta tensão e coração partidos e alarme disparado e pessoas e bengalas e mães grávidas e árvores.

Depois daquela linda cartografia de afectação e/ou caosgrafia, Neta de Judith leu em voz alta todas as palavras e descreveu os desenhos chamando atenção de todos para uma palavra que não apareceu escrita e nem desenhada.

Neta de Judith: Vocês observaram que em nenhum momento, a palavra carro foi escrita ou desenhada? E quando lemos e ouvimos sobre mobilidade urbana, essa palavra é protagonista dos discursos midiáticos, políticos e imobiliários?

Todos ficaram espantados, porque a palavra carro não havia nem sido cogitada no vocabulário daquela aula.

Neta de Judith: Então, meus amores, é a partir desse outro olhar que não é dito, ensinado, visto e nem lido nos manuais sobre mobilidade urbana e ausente nas políticas e diretrizes do planejamento urbano da cidade que iniciamos esse semestre! Ver e ouvir e sentir e pensar o planejamento urbano através de um outro modo.

Os olhos atentos para a Neta de Judith sorriam dizendo que estavam juntos e mergulhados nessa viagem semestral e maluca que havia sido proposta.

A Neta de Judith, num devir corvo-faceiro, sai da sala de aula deixando muitos caminhos a serem construídos.





Bordadinho:

As bordas de água da Baía de Guanabara são borradas pelas nuvens da Serra dos Órgãos. É um bom exercício para ver o apagamento dos limites e entre terra e mar. Aqui as nuvens se mesclam com as bordas de água e com as bordas das montanhas

Embora um pouco distante da cidade do Rio de Janeiro, a Neta de Judith sempre busca uma oportunidade para conectar-se com as bordas de água salgadas. Essas oportunidades são criadas através dos eventos da nova família-rio herdada pelo seu companheiro, trabalhos extras como diretora de arte, encontros afetos-sacizeiros e congressos acadêmicos.

Na busca, incessantemente, de inventar um fim para tramatese, Neta de Judith é convidada para participar do evento Rio Construção Summit¹⁴⁵ nos Armazéns do Cais do Porto Maravilha. O convite também se estendia aos alunos de Arquitetura e Urbanismo da Neta de Judith.

Neta de Judith pensou nas palavras de Spy: Ele me disse que era para finalizar a tramatese e que viriam novos ciclos, mas quem sabe, essa não seja uma oportunidade de encontrar o Justos Guerra depois de alguns anos e escrever só mais um fragmento? Ai, por que é tão difícil finalizar? Sempre tem mais coisas a descobrir! Será que eu bebi águas das bordas como aquelas cachaças mineira que aquece o peito e fique embriagada?

A Neta de Judith prometeu pra ela mesma que seria a última deriva antes de invenção do fim para tramatese. Foi então que lembrou de Josi, assistente e secretária de Justos Guerra e resolveu refazer contato por mensagem de telefone. Embora havia tempo que ambas não se falassem, Josi sempre

¹⁴⁵ Rio Construção Summit é um evento internacional que promoveu discussões sobre as perspectivas para o aumento da produtividade da construção, a redução do déficit habitacional e o aprimoramento da infraestrutura no Brasil. Disponível em: Rio Construção Summit | Programação (rioconstrucaosummit.com.br). Acesso 12 de setembro de 2024.

mantinha contato enviando mensagens de aniversário, Natal para a Neta de Judith.

Neta de Judith: Oi Josi! Aqui é a Neta de Judith! Lembra de mim? Tudo bem contigo?

Josi: Sim! A gurua do sul, do Ippur! Claro, lembro que nos encontramos na Portela e depois na Audiência Pública no Museu do Amanhã! E aí, já finalizou sua tese?

Neta de Judith respirou, sempre difícil responder essa pergunta.

Neta de Judith: Então, Josi, estou querendo muito terminar a tese e surgiu uma oportunidade de finalizar a minha história que você, inclusive faz parte, no evento que acontecerá no Rio Construção nos armazéns do Porto Maravilha. Você vai estar por lá? Sabe se Justos Guerra vai estar também?

Josi: Olha, gurua, não estou mais trabalhando com ele, pois agora sou assessora do governador e sei que o Justos Guerra estará na mesa de abertura discutindo sobre Política Habitacional para as Cidades, a união do Público e Privado.

Neta de Judith (por impulso, respondeu): Ah, sim, planejamento urbano estratégico!

Josi respondeu: Sim, inclusive, o governador falará sobre as novas perspectivas para o Porto Maravilha através das mudanças da nova Lei de Licitação (Lei nº 14.133/21), que substitui a Lei nº 8.666/93. Agora essa nova lei vai permitir que o Estado transfira a execução de uma atividade de titularidade pública para o licitante! Mas calma, Neta de Judith, não é tão ruim assim, agora as fases de licitação estão descritas no corpo da lei! Na antiga Lei nº 8.666/93 não estava descrito!

Neta de Judith colocando carinha de raiva na mensagem, escreveu: Ah, agora está, legitimamente, documentado!

Josi respondeu: Ah, gurua, relaxa, não adianta esbravejar! Inclusive, vi nas redes sociais que você agora é coordenadora de curso e que dá aula numa universidade privada! É o futuro!

Neta de Judith (puxando o modo gaúcho de escrever): Bah, Josi tu me conheces pouco, mas o suficiente, para saber que não concordo. Futuro de quem, né?

Josi: Eu sei que você pensa assim, guria! Mas vem cá, dessa vez não leva aquela tua amiga junto, ok? Aquela que roubou o chapéu do Justos Guerra na Portela, viu? Lá será um evento formal!

Neta de Judith (rindo): Ah, a BFF! Não te preocupa que ela não vai, faz um tempo que não a encontro. Risco nenhum dela estar comigo neste evento!

Josi: Então beleza! Nos vemos lá! Bjo!

Neta de Judith: ok, bjos!

Assim, Neta de Judith se despede de Josi que nem imagina que ela estará acompanhada por outros e novos sacis, cheios de energia, como ervas daninhas que estão nascendo no meio das fendas do ensino hegemônico de Arquitetura e Urbanismo, feitos corvos faceiros afectados pelas caosgrafias da Neta de Judith.



Depois de madrugar e pegar o ônibus fretado pela Firjan, patrocinadora do evento Rio Construção Summit, Neta de Judith chega com seus filhotes-sacis (alunos de Arquitetura e Urbanismo de Teresópolis) nos armazéns do Porto Maravilha. O interior dos armazéns tinha configuração de arena onde aconteciam várias palestras simultâneas. A área externa que bordava a Baía de Guanabara estava repleta de atrações: *foodtrucks* de alimentação e bebidas, estandes com massagens terapêuticas gratuitas e quiosques imobiliários com propagandas de novos empreendimentos imobiliários. A Neta de Judith combinou o horário e o ponto de saída deixando os filhotes-sacis livres para escolher a programação do evento.

Alguns filhotes-sacis saíram querendo experimentar tudo que era gratuito da área externa enquanto outros permaneceram com a Neta de Judith. Aqueles que permaneceram, foram até a arena Firjan onde estava acontecendo a palestra sobre as novas perspectivas para o Porto Maravilha. Para a alegria de Neta de Judith, Josi ao fundo da arena, o que significava que estava no espaço indicado onde aconteceriam as discussões sobre a nova lei de licitação.

Justos Guerra: O Porto Maravilha é um exemplo de revitalização urbana que transformou a área decadente do porto em um centro vibrante de atividade e cultura. O projeto, que teve início em 2009, com a Lei Complementar 101/2009¹⁴⁶ publicada pelo

¹⁴⁶ Lei Complementar 101 2009 de Rio de Janeiro RJ, disponível em www.leismunicipais.com.br. Disponível em 22 de setembro de 2023.

Município do RJ e com a participação da Caixa Econômica Federal trouxe uma série de melhorias significativas para a região portuária da cidade.

Neta de Judith falou baixinho para um dos filhotes-saci: Essa Lei é que modificou o plano diretor, autorizando o poder executivo a instituir a operação urbana consorciada da região do porto do Rio de Janeiro!

Justos Guerra: Como exemplo dessas melhorias, podemos citar a reforma do Museu do MAR, a criação do Museu do Amanhã e a revitalização da orla marítima proporcionando espaços públicos para convivência dos moradores e atraindo visitantes de várias partes do Brasil e do mundo. A implementação do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) conectou a área portuária ao centro da cidade, facilitando o acesso e estimulando o desenvolvimento econômico de toda a região. Esse processo de revitalização não apenas transformou a paisagem física, mas também reacendeu o orgulho dos cariocas em sua cidade e sua história! O Porto Maravilha agora é um destino cultural e turístico emblemático, mostrando como intervenções urbanas bem planejadas que podem rejuvenescer áreas urbanas e enriquecer a vida das pessoas que nelas habitam!

Nesse momento, a Neta de Judith pensava nos espectros de Marx¹⁴⁷, na repetição dos acontecimentos: poder e privatização e dicotomia e exclusão e disputa e reforma urbana e Portela e Pereira Passos e Morro do Castelo e tábula rasa e demolição e Vila Autódromo e barricadas e infinitas palavras que ecoavam na cabeça da Neta de Judith. Essas palavras como num presente estendido deleuziano ecoavam reiterando a ordem estabelecida do Planejamento Urbano Estratégico e Regional das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro. Porém, naquele momento, esse espectro já não era mais o mesmo no início da tramatese, pois estava legitimado

¹⁴⁷ Derrida, Jacques. Espectro de Marx. Paris: Galiléé, 1993. Pág.11.

pela nova Lei de Licitação (Lei nº 14.133/21) e pelos eventos, inclusive, acadêmicos.

Neta de Judith fala baixinho ao filhote-saci: Estou me sentindo mal, acho que a pressão baixou, não sei se é em virtude do calor ou porque não tomei café da manhã ou porque estou sem forças para lutar contra esses discursos hegemônicos e falsos! Vamos sair comigo? Não quero cair aqui na arena!

O filhote-saci pegou, rapidamente, a mão da Neta de Judith e a levou para fora do Armazém. Assim que saíram, a Neta de Judith sentiu palpitação no peito, dificuldade para enxergar, náuseas e, por fim, desmaiou entre os *foodtrucks*, estantes e quiosques imobiliários. Em virtude de ser um evento com grande número de pessoas, havia ambulância e atendimento médico. Rapidamente, Neta de Judith, foi atendida.

Os telefones dos filhotes-sacis não paravam de receber e enviar mensagens comunicando o desmaio da Neta de Judith. Não somente os telefones, mas a imprensa do evento que queria registrar a rapidez do atendimento da primeira ocorrência médica. A partir daquele episódio, o ponto de encontro dos sacis-filhotes já era outro, ou seja, a ambulância do evento. Depois que Neta de Judith se restabeleceu, foi liberada para voltar para Teresópolis-RJ com seus filhotes-sacis que estavam um tanto assustados, não entendendo muito o que havia acontecido. Nesse espaço de tempo de rememorar os espectros das bordas de água da cidade do Rio de Janeiro-RJ e de ser atendida na emergência do evento, Neta de Judith não conseguiu se despedir de Josi, tampouco se esforçou para falar com Justos Guerra.

Quando chegaram em Teresópolis, Bisneto de Judith, já sabendo do ocorrido esperou Neta de Judith na universidade.

Bisneto de Judith: Agora deu, né, mãe! Chega de querer encontrar o Justos Guerra nos próximos quatro anos! Da outra vez, foi o chapéu dele que dançou na Portela! Apronte outras sacizagens por aqui, pois o prefeito da cidade está querendo inventar o cenário fake da cidade de Gramado-RS em Teresópolis-RJ! Fala pra ele que aqui é errejota, não é Papai Noel! Uma vez saci, sempre saci!

Neta de Judith sorriu e saiu caminhando abraçada com Bisneto de Judith.



Todos os anos, mundialmente, acontece um movimento de caminhada pelas cidades que tem como objetivo compartilhar histórias sobre os bairros e descobrir aspectos não vistos das comunidades conectando os diversos olhares da população sobre uma parcela da cidade. Esse movimento é conhecido como *Jane's Walk*, cujo nome é inspirado na jornalista e ativista americana Jane Jacobs.

A militância de Jane Jacobs era para que o planejamento urbano das cidades tivesse como objetivo principal a qualidade de vida das pessoas e promoção da animação urbana através da diversidade de funções das edificações. Seu desejo de cidade era, totalmente, contraditório aos princípios do urbanismo moderno que dividia a cidade em setores e colocava o automóvel como protagonista da cidade. Em *Greenwich Village*, área residencial de Nova Iorque, Jane Jacobs, através da sua militância, ajudou a interromper a demolição de casas e quarteirões para a expansão de vias expressas e estradas do bairro.

A ativista Jane Jacobs não tinha formação acadêmica e profissional na área do Planejamento Urbano, mas o seu amor, pesquisa jornalística e luta pela cidade proporcionou a escrita de um livro intitulado *Morte e Vida das grandes cidades*¹⁴⁸. Nesse livro, Jane Jacobs defendeu a importância

¹⁴⁸ Esse livro escrito em 1961, ainda faz parte da bibliografia básica das disciplinas de Planejamento Urbano e de Projeto Urbano do curso de Arquitetura e Urbanismo de diversas universidades, públicas e privadas, do Brasil. Nesse

da vitalidade urbana para a qualidade de vida das pessoas. Além disso, argumentou que as paisagens monótonas criadas pelos planejadores urbanos prejudicavam o convívio entre as pessoas e enfraqueciam a economia das cidades, devido principalmente à falta de diversidade estética e de usos nos ambientes criados.

Esses diferentes olhares sempre são salientados e rememorados no *Jane's Walk* que acontece todos os anos, no mês de maio, na semana de aniversário de Jane Jacobs. Esse movimento já reuniu mais de 28 países¹⁴⁹ e qualquer pessoa pode liderar essa caminhada, porém precisa estar cadastrado como voluntário no Comitê Internacional de Toronto-Canadá, sede do movimento *Jane's Walk*. A participação dessa caminhada deve ser gratuita e sem fins lucrativos.

Não há uma única maneira de realizar esse movimento, pois Jane's Walk é uma ferramenta para criar e encorajar conversas incluindo uma ampla gama de vozes e ideias em discussões sobre cidades, bairros provocando o engajamento comunitário. Vale ressaltar que em virtude de não existir um guia prático de como realizar a caminhada, é impossível prever os resultados, ou seja, Jane's Walk pode inspirar,

livro< Jane Jacobs introduziu ideias inovadoras sobre como as cidades funcionam, evoluem e falham, que se tornaram pilares conceituais para arquitetos, planejadores, formuladores de políticas, ativistas e outros construtores de cidades.

¹⁴⁹ Argélia, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, China, Croácia, Inglaterra, França, Hungria, Índia, Indonésia, Irã, Itália, Japão, Líbano, Lituânia, Malásia, México, Holanda, Nova Zelândia, Paquistão, Panamá, Paraguai, Peru, Espanha e Estados Unidos. Disponível em: <https://janeswalk.org/cities/>. Acessado em abril de 2024.

frustrar, informar, direcionar a população em uma ação ou, simplesmente, não suscitar em nada.

A perspectiva de deixar um resultado aberto, de não existir uma fórmula, cartilha e/ou edital para realizar a caminhada fez com que a Neta de Judith se inscrevesse como voluntária no comitê internacional de Toronto para promover caminhadas que propagassem as ideias de Jane Jacobs. Neta de Judith realizou a primeira caminhada na comunidade Rui Sanglard em Nova Friburgo¹⁵⁰, cidade da região serrana do Rio de Janeiro-RJ e, a segunda caminhada, aconteceu em Teresópolis-RJ¹⁵¹, no mês de comemoração do aniversário de Jane Jacobs.



¹⁵⁰ Friburgo sedia, junto com outras cidades do mundo, sua primeira Jane's Walk. Disponível em: <https://avozdaserra.com.br/noticias/friburgo-sedia-junto-com-outras-cidades-do-mundo-sua-primeira-janes-walk>. Acessado em fevereiro de 2024.

¹⁵¹ Teresópolis sedia sua primeira "Jane's Walk". Disponível em: <https://netdiario.com.br/noticias/teresopolis-sedia-sua-primeira-janes-walk/>. Acesso em maio de 2024.



JANE'S WALK EM TERESÓPOLIS-RJ

Depois de dois anos morando nas bordas de água-Iansã da Serra dos Órgãos da cidade de Teresópolis, Neta de Judith observou uma mudança física e social na paisagem bucólica da cidade. Os antigos casarões e casas de veraneio da década de 1960 estavam sendo substituídos por conjuntos de edifícios de apartamentos.

Esse tema era constante nas discussões das aulas de Planejamento Urbano do curso de Arquitetura e Urbanismo no qual Neta de Judith é professora e coordenadora. Como que um terreno de 1000m² que contém uma família de 5 pessoas pode comportar um edifício de 6 pavimentos com 105 pessoas, sendo que a cidade não tem galeria de esgotamento sanitário? As fossas sépticas dariam conta desse esgoto gerado pelo novo quantitativo de pessoas? Como ficará o trânsito nos finais de semana quando essa cidade incha de turistas e só existe uma avenida arterial que conecta as duas entradas principais da cidade?

Além disso, como ficará a relação de vizinhança que você sai na rua para comprar o pão do café da manhã e conversa com o vizinho pelo portão da sua casa? E quem receberá o correio quando não tiver ninguém em casa? Pois a mercearia da rua recebe sua encomenda, pois sabe que você está trabalhando naquele horário comercial do correio. E a cantoria dos pássaros pela manhã quando você faz um café e senta para escrever? E as capivaras que passeiam no rio da

cidade sem se importar se ao lado há uma delegacia de polícia? E a possibilidade de abrir a janela e visualizar a borda de uma montanha?

Numa das aulas de Planejamento Urbano onde se debatia essas questões, um dos sacis-filhotes, que estava revoltado com essas mudanças na cidade, perguntou para Neta de Judith:

- Professora, aqui não é a cidade do Rio de Janeiro, tampouco Nova Iorque que são cidades grandes, mas será que a Jane Jacobs, se estivesse viva, não iria militar pela morte e vida da nossa pequena cidade? Por que não fazemos aquele movimento de caminhada aqui na nossa cidade?

Neta de Judith: E quem disse que Jane Jacobs não está viva? Ela está presente, agora, no teu desejo de realizar a caminhada aqui em Teresópolis! Eu acho ótima ideia, vou escrever uma proposta para Toronto, assim que eu chegar em casa!

Saci-filhote: Bora, Professora! Bora aproveitar que estamos num devir Jane Jacobs e escrever logo essa proposta? Ajudamos você!

Neta de Judith sorriu, sentou na sua mesa, abriu o computador e entrou na página do evento *Jane's Walk*. Para a sorte de todos, as inscrições estavam abertas e Neta de Judith pode preencher o formulário e escrever a proposta com os seus sacis-filhotes. A proposta consistiu em contextualizar essas mudanças físicas e sociais que estavam ocorrendo e registrar os medos do apagamento das relações de vizinhança que a cidade, ainda, propicia para os moradores.

Nesse momento, os sacis-filhotes já encontraram em contato com o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da universidade para fazer a comunicação visual do evento e traçar um trajeto para caminhada. O objetivo era mapear esses

antigos casarões que estavam sendo demolidos pelo mercado imobiliário.

Neta de Judith: Amores, vamos com calma! Não sabemos se será aceito nossa proposta! Mesmo eu sendo parte do movimento de Janes Jacobs em Toronto no Canadá, precisamos a autorização para usar o nome de *Jane's Walk*!

Saci-filhote: Professora, mesmo se não rolar, não podemos fazer uma caosgrafia? Que tal? Olha eu no devir Neta de Judith!

Todos riram, inclusive Neta de Judith que parecia ter conseguido afectar seus alunos com a Filosofia Deleuziana, Derridiana e Spyziana. A Neta de Judith continuou dando aula e quando faltava meia hora para o término, recebeu o e-mail de Toronto confirmando a presença da cidade de Teresópolis-RJ no movimento *Jane's Walk* em maio de 2024.

Neta de Judith, pedindo silêncio, falou: Pessoal, último aviso da aula! Hoje será impossível terminarmos nossos mapas, pois teremos muito trabalho a realizar! Acabamos de receber o aceite de Toronto, Canadá! Estamos, oficialmente, confirmados no *Jane's Walk*! De Terê para o mundo!!!

Alguns alunos ficaram paralisados e assustados com a confirmação do aceite no evento. Outros alunos pulavam e gritavam, movimentando os alunos que estavam estáticos. Neta de Judith ficou emocionada com a alegria e com o brilho nos olhos dos sacis-filhotes, pois participar de um evento dessa dimensão, dá oportunidade de voz e escuta para a comunidade.

Neta de Judith: Amores e atenção, preciso falar algo importante! Como representante do movimento *Jane's Walk*, registro que todas as vozes precisam e devem ser ouvidas! *Jane's Walk* aborda e se posiciona, diretamente, contra discursos de ódio, racismo, xenofobia, opressão e discriminação!

Não teve um aluno que não ficasse afectado com a notícia de fazer parte do movimento Jane's Walk, pois era uma oportunidade de externar e compartilhar seus desejos e dores para o mundo. Uma possibilidade de fazer-se ouvir numa cidade pequena e, fortemente, hegemônica.

Rapidamente, depois do término da aula, um dos filhotes-saci confeccionou a arte de divulgação do evento (Fig35).



Figura 35. Folder de Divulgação do Evento Jane's Walk em Teresópolis-RJ. Fonte: obra dos Sacis-filhotes da Neta de Judith.

CAMINHANDO COM JANE JACOBS



Figura 36.Repostagem do evento Jane's Walk em Teresópolis pelo comitê internacional do Canadá. Fonte: <https://www.instagram.com/janeswalk?igsh=dWZrbXRzbDc3cG0=>

UM CONVITE PARA O MALAYE

O convite para o lançamento da primeira edição do Malayerba venho através do Mano e do Spy.

Mano: Mana, tenho o prazer de comunicar que estarei lançando meu escrito que se chama Duas Temporadas no Catar! Será no próximo domingo e gostaria muito de contar com sua presença. Esse texto faz parte da Coleção de uma página – pequenas estórias infinitas”, da nano editora Malayerba. Assim como a editora, o texto é nano e o lançamento também! Nesse evento faremos uma oficina de costura e aproveitaremos o encontro para fazer um nano sarau, assim você está convidado também a trazer um pequeno texto para leitura.

Neta de Judith: Ei mano, saudades! Claro que sim, será uma alegria costurar o caderno e as palavras contigo! Já amei o título! Beijo grande!

Logo depois da mensagem do Mano, chega à mensagem do Spy.

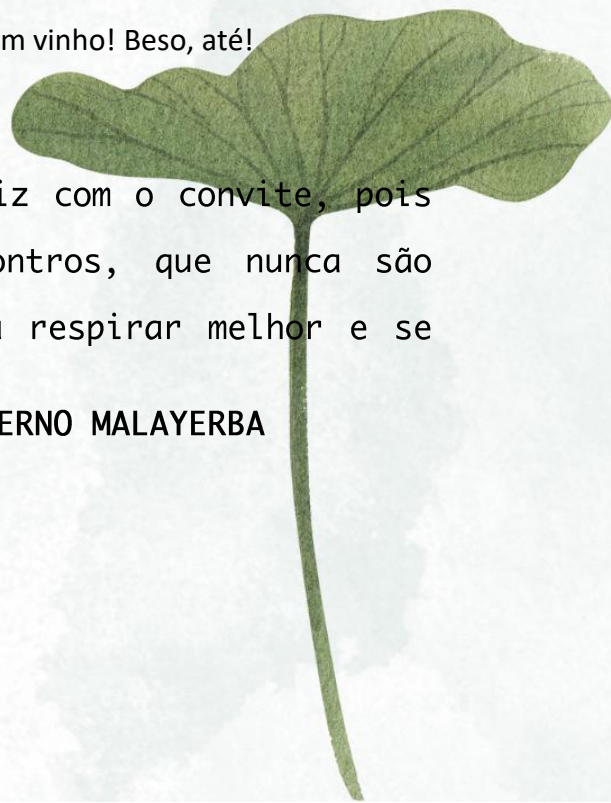
Spy: Guria, que dias você vem ao Rio? Estaremos fazendo um nano encontro Malayerba lá em casa! Bora bordar juntos?

Neta de Judith: Hola, guri! Claro que sim, acabei de receber a mensagem do Mano sobre o nano sarau! Só trabalho nas segundas-feiras, então vou aproveitar e descer no domingo, assim mato um pouquinho da saudade de vocês!

Spy: Vamos te esperar! Se quiser pode trazer um vinho! Beso, até!

Neta de Judith: Besos!

Neta de Judith ficou muito feliz com o convite, pois esses encontros, ou seja, nanoencontros, que nunca são curtos, criam espaços no peito para respirar melhor e se abastecer de amor!  **COSTURANDO CADERNO MALAYERBA**



Já um pouco atrasada para o sarau Malayerba, Neta de Judith chegou na casa de Spy onde foi recebida com todo carinho por Mano, Hermana Carangueja, Crush e BFF. Como sempre, os abraços foram intensos e aquecidos de muito carinho.

Logo, Spy pediu para que Neta de Judith fosse até o escritório onde Juju, integrante do Malayerba e do Saci-Gepemecê, estava esperando para ajudar na confecção do caderno.

Neta de Judith: Oi guria! Desculpa a demora! Que lindeza esse exercício de costurar os próprios cadernos! Estou no devir estudante! Na época da faculdade costurava meus cadernos de desenho para aula de representação gráfica, desenho a mão. Você também chegou a produzir esses cadernos durante a faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na UFRJ?

Juju (com uma voz sempre doce e devagar): Tudo bem, fiquei organizando algumas coisas enquanto você não chegava! E, claro, era uma delícia poder montar os próprios cadernos de desenho durante a faculdade! Tenho alguns caderninhos guardados lá em casa! Mas, enfim, fique à vontade para costurar o seu caderninho Malayerba. Nessa caixa tem tudo, tesoura, agulha, linha e, se você quiser pode usar esse tecido *voil* que dá uma transparência interessante.

Neta de Judith: Vou sim, adoro essa sobreposição de texturas! Essa ilustração aqui de erva daninha é o mesmo que Malayerba?

Juju: Exatamente! Uma vez na Bolívia, uma senhora me disse que Malayerba era uma boa erva e a intempéries! Mesmo num jardim de concretos ou de pedras, sempre tem uma ervinha achando espaço para nascer! Spy é assim, uma boa erva daninha!

Neta de Judith: Juju, como não pensei nisso antes? Spy sempre se reinventado e deixando vários rastros! Que erva daninha arteira!

Juju: Sim, Spy é uma erva daninha que se transforma em dente de leão jogando suas sementes ao vento!

Neta de Judith: Em nós, no Mano, BFF, Crush, Hermana Carangueja e em quem quiser receber essas sementes!

Esse momento da costura do caderno Malayerba fez surgir uma linda amizade entre Juju e Neta de Judith, onde puderam tecer palavras, resgatar memórias, e compartilhar modos de costuras. Foi assim que Neta de Judith chamou Juju para trabalhar como professora na universidade que trabalhava em Teresópolis-RJ. Além de ambas tecerem palavras, quem sabe não poderiam tecer sonhos e se tornarem ervas daninhas nas bordas de água de Iansã?

HORA MÁGICA

Existe um momento do dia, logo após o pôr-do-sol, aquele instante que não é cronometrado, em que a luz solar ainda não desapareceu e o negativo cinematográfico ainda tem a sensibilidade suficiente para captar as imagens. Esse instante é usado para filmar o que já foi o dia e que, ainda não é noite.

Esse momento muito curto foi apelidado pelos diretores, fotógrafos e cenógrafos como hora mágica e, é nessa magia do instante misterioso e fugaz, que essa invenção do último ponto dessa tramatense acontece.

[abre câmera, claquete, gravando]

Neta de Judith: Enfim, bordantes, o que são bordas de água para vocês? Não precisa ter uma definição fechada, pode ter vários significados! Como é seu devir bordas de água?

Dizer bordas de água é dizer transformação, progresso, copa do mundo, olimpíada, repique da batucada do samba e.

Dizer bordas de água é dizer pressa e correria e resultados e metas e ônibus lotado e suor e calor e.

Dizer bordas de água é dizer:

amor

movimento

arte

inclusão

liberdade e

Dizer bordas de água é ficar esperto! É dizer Biscoito Globo, Guaravita e bicicleta e patinete e mergulho e mãe e.

Dizer bordas de água é dizer Manoel (português do carnaval) e guri e guria e chamego e mate e Borges e.

Dizer bordas de água é dizer fuga e vento e corvo e afeto e calor e tridente e amor e Bisnetos e Netas de Judith e.

Dizer bordas de água é dizer parceria e incertezas e medo e amor e solidão e movimento e dança.

Dizer bordas de água é dizer:

perda

recomeço

perda

recomeço e

Dizer bordas de água é dizer oração e piscinão e, também, calor e bebida e amor e esperança e inferno e.

Dizer bordas de água é dizer calor e fogo e sufoco e desafio e sagacidade e criatividade e carnaval e purpurina e luta e rua e.

Dizer bordas de água é dizer

Beira

Cercadura

Margem

Orla

Traspassamento

Divisão

Limiar

Junção

Disjunção

Extremidade

Dizer bordas de água é dizer revolta e agito e sufoco e infinito e oração e paz e silêncio e.

Dizer bordas de água é dizer: Mar-sereia-perséfone-hades-odisheu-fantástico-profundo-encanto-peixe- pássaro- Vênus

Dizer bordas de água é dizer:

Purificação

Leveza

Flutuar

Medo

Força

Afogar

Viver



Neta de Judith, já em lágrimas: *Gracias* por esses tantos e múltiplos dizeres bordas de água! Meu desejo era poder ter conseguido falar de bordas de água não metafísicas, mas não consegui! Os dizeres metafísicos se misturam com dizeres deleuzianos e derridianos que mudam, se transformam, e que, inclusive, já podem ser outros se fizesse essa mesma pergunta em outro momento.



BORDADINHO

Recordar é preciso. O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos. A memória lança o leme: Recordar é preciso. O movimento de vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente náufraga.

Autor: Conceição Evaristo.

Bordado roubado pela Neta de Judith para dizer do não arrependimento das suas escolhas.

Penúltima mensagem de Spy a Neta de Judith

Numa manhã de sábado, Neta de Judith está com seu filho no mercado quando recebe a mensagem de Spy. Nesse momento, era como o coração da Neta de Judith quisesse pular para fora das bordas do seu corpo.

Spy: Acabou, gurria! Quem não sentir saci na tramatese, perdeu playboy! Fala com a Sô, embala e manda para banca!

Neta de Judith (já emocionada): Ai, Spy, que emoção, nem acredito!

Bisneto de Judith: O que foi, mãe? Aconteceu algo?

Neta de Judith (já emocionada): Sim, filho, posso marcar a banca de doutorado.

Bisneto de Judith: Aí sim, mãe, que alegria! Bisneto de Judith, como sempre muito carinhoso, abraça Neta de Judith.

Neta de Judith: Mas você não tem nenhuma recomendação?

Spy: Sim, acho que no final, você pode apontar para um Planejamento Urbano conflituoso que poderia ouvir essa miríade de vozes que você tramou!

Neta de Judith: Mas eu não abordei no capítulo teórico, Spy! Não te parece um pouco contraditório, encaminhar para um fechamento se Deleuze e Guattari e Derrida questionam essas conclusões? Por exemplo, khôra pode ser tudo, nada, ou nem ser...

Spy: Não, gurria! Você não irá abordar ou dissertar sobre o planejamento urbano conflituoso que Carlos Vainer defende, você apenas irá dizer que as miríades de vozes que você traz na tramatese poderiam ser possibilidades de escutas para um planejamento conflituoso. Se você quiser, pode desenvolver sobre esse tema em outro trabalho. Por ora, já está!

Neta de Judith: Entendi, Spy!

Spy: Beso, gurria!

E como um corvo, rapidamente a voz de Spy desapareceu sem deixar rastros.

Vozes-Bordas enquanto possibilidades de escutas para o planejamento urbano conflituoso

Era um domingo chuvoso, Neta de Judith estava pensando como as miríades de vozes e imagens e sons e cheiros e paisagens poderiam ser inseridos no planejamento urbano conflituoso enquanto possibilidades de escuta.

Ao ler o artigo de Vainer, Sanchez e Oliveira sobre o planejamento conflitual na Cidade Olímpica: a experiência da Vila Autódromo no Rio de Janeiro, Neta de Judith recordou das conversas que teve com Mercedes na época das barricadas na Vila Autódromo.

As lembranças evocavam falas de insatisfação, tristeza e profunda indignação por não compreenderem o motivo das remoções de suas casas para a construção da Vila Olímpica. Por que os moradores foram removidos, sendo que eles possuíam a documentação da terra obtida por meio do projeto de Regularização Fundiária proposto para a Vila Autódromo¹⁵²? Se o argumento do Estado era de que as remoções ocorriam em assentamentos informais, então por que a Vila Autódromo, que já havia passado por um processo de regularização, foi alvo dessas remoções?

¹⁵² Em 1994, veio uma importante conquista: a partir do Programa “Meu pé de chão”, o Estado do Rio de Janeiro outorgou 85 títulos de concessão real de uso da terra, pelo prazo de 30 anos, posteriormente estendidos para 99 anos e renováveis por mais 99 anos. Entre 1997 e 1998, o Estado – agora no governo de Marcello Alencar -, outorgou mais 162 termos assegurando a permanência dos moradores. Disponível em: <https://museudasremocoes.com/sobre/a-vila-autodromo/#:~:text=Mas%2C%20ao%20mesmo%20tempo%2C%20a,assegurando%20a%20perman%C3%Aancia%20dos%20moradores>. Acessado em 12 de setembro de 2024.

Logo após a lembrança das vozes de Mercedes, a Neta de Judith lembrou do filme *Os absurdos por trás da Copa e das Olimpíadas* que a grande mídia não quer que você saiba!¹⁵³ no qual o Professor Vainer falava sobre o conflito das remoções e das obras da Copa do Mundo no Rio de Janeiro no ano de 2014: Quem é você para discutir algo? Quem dita e diz como deve ser é o mercado!

No contexto do Planejamento Conflituoso, existem pelo menos duas correntes principais no pensamento sociológico sobre o papel do conflito na vida social. A primeira corrente adota uma visão normativa, enxergando o conflito como uma manifestação de disfunção social, ou seja, o conflito é um indicativo de que algo não está funcionando adequadamente, refletindo um desequilíbrio no sistema. Para essa perspectiva, o conflito é sintoma de uma disfuncionalidade sistêmica, sendo visto como potencial ameaça à estabilidade do território urbano.

Por outro lado, a segunda corrente oferece uma visão antagônica, afirmando que o sistema é, inerentemente, dinâmico e produtivo, com o potencial de gerar conflitos. No Manifesto Comunista de 1848¹⁵⁴, Marx e Engels destacam essa abordagem ao afirmar que toda a história da sociedade humana é uma história de lutas de classes. Nesta visão, o conflito

¹⁵³ Esse documentário foi filmado em 2014, de forma independente, com pouquíssimo recurso conseguido no qual a equipe de cinema Paëbiru percorreu as comunidades do Vidigal, Vila Autódromo, Providência, toda a Zona Portuária do Rio de Janeiro e o Maracanã, obtendo diversas imagens, entrevistando muitos moradores, participando de reuniões, debates e conflitos. Disponível em: <https://www.catarse.me/dominiopublico>. Acessado em 08 de agosto de 2018.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/m-e/1840s/48-manif.htm>. Acesso em 12 de setembro de 2024.

– entendido como luta de classes – é visto como constitutivo da vida social e portador de transformações radicais.

Na segunda visão sobre o Planejamento Conflituoso, Neta de Judith enxerga uma possibilidade de escutas das inúmeras vozes ignoradas pelo Estado, pelo modelo de planejamento urbano estratégico, hegemônico e sistêmico que trata a cidade enquanto uma mercadoria. Ao escutar essas vozes ocultas e esquecidas, emerge a oportunidade de reconhecer que o conflito não se resume a disfunções sistêmicas no território, mas envolve também desejos e lutas e memórias que podem e devem ser ouvidas e consideradas no processo de planejamento.

7.BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 1988.

ARAÚJO, Frederico. *Caosgrafia Cidade*. Caderno MetrÓpole 18 (37) • Sep-Dec 2016.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARROS, Átila. *Badhezir- Um ilustre visitante*. Campinas -SP. Editora Komedi, 2004, 226p.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas – As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2010b.

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BENCHIMOL, Jaime L. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: Ferreira, J., Delgado, L. A. N. (orgs.) *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 3ª ed, p. 231-286.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIENENSTEIN, Glauci; BIENENSTEIN, Regina; SOUSA, Daniel. *UM NOVO PLANEJAMENTO? As operações urbanas consorciadas como principal instrumentos de gestão e produção das metrópoles*

brasileiras – o Rio de Janeiro- Anais XVIII ENANPUR 2019.
Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais>

BRANDÃO, Carlos. Estratégias hegemônicas e estruturas territoriais: o prisma analítico das escalas espaciais. Bahia Análise & Dados, Salvador, v. 21, n. 2, p. 303-313, abr./jun. 2011

CAMPOS, Flávio de. Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ Jorge Zahar, 2007.

CARDOSO, Adauto Lucio. O espaço do capital: a Barra da Tijuca e a grande promoção imobiliária. Anais. Encontro Nacional da ANPUR, Águas de São Bento. v. 3, 1989, p. 156-175.

COMISSÃO do Plano da Cidade. Revista Municipal de Engenharia. Rio de Janeiro, ano 8, v. VIII, n. 4, julho 1940, p.255.

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro. Lisboa: Editora Pergaminho, 1992.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006. 437 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2005.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974 (do original Logique du sens, 1969).

DELEUZE, Gilles. Mil platôs (5 volumes) – v.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa; v.2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão; v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik; v.4. Trad. Suely Rolnik; v.5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1995a (v.1), 1995b(v.2), 1996 (v.3), 1997a (v.4), 1997b (v.5) (do original *Mille plateaux – Capitalisme et schizophrénie*, 1980).

DELEUZE, G. (2010). *Sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Zahar.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998 (do original *Dialogues*, 1977).

DERRIDA, Jacques, *Khôra*, Galilée, Paris, 1993.

_____. Jacques. *Pensar em não ver, escritos sobre as artes do visível*. Florianópolis, Ed. Ufsc, 2012.

_____, Jacques. *Espectro de Marx*. Paris: Galiléé, 1993.

FELDMAN, Sarah. As Comissões de Planos da Cidade na Era Vargas. REZENDE, Vera (org.). *Urbanismo na Era Vargas: as transformações das cidades brasileiras*. Niterói: Editora da UFF / Intertextos, 2012, pp. 21-45.

FERNANDES, Tatiana. Barra da Tijuca (RJ), Plano Piloto, Legislação e Realidade: o processo de urbanização, ocupação e suas consequências ambientais. *Revista VITAS*, Ano III, v.6, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistavitas/index.php/numeros-antigos>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

FREIRE, O.D. da S. (coord.) (2002) - Projeto Orla: Fundamentos 2004. Publicado no D.O.U. de 8.12.2004, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

GUIMARÃES, Virgínia Totti; NABACK, Clarissa Pires de Almeida. Disputas em torno da moradia e do meio ambiente na região da Barra da Tijuca: os casos da Vila Autódromo e do Campo de Golfe Olímpico. Encontro Nacional da Anpur. XVII EnanPur, São Paulo, 2017.

GRAHAM, Stephen. Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar. São Paulo: Boitempo, 2016.

KNAUSS, Paulo, (coord.), Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

KOTLER, P.; HAIDER.D.H & REIN, I. Marketing Público. São Paulo, Makron Books, 1994.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Lei Complementar 101/2009 de Rio de Janeiro RJ, disponível em www.leismunicipais.com.br. Disponível em 22 de setembro de 2023.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Avenida Presidente Vargas, Uma Drástica Cirurgia*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

MEDEIROS, M. Megaeventos e direito à moradia: como opera o empreendedorismo urbano no contexto do neodesenvolvimentismo. O caso do Parque Olímpico no Rio de

Janeiro. 2014. 156p. Dissertação (Mestrado em Direito à Cidade), Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MELO e SOUZA, Rosemeri. Redes de monitoramento socioambiental e tramas da sustentabilidade. São Paulo: Annablume; Geoplan, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Programa Nacional de Gerenciamento Costeiro, Sistema de Gestão Ambiental de regiões geográficas delimitadas. MMA, 2000. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/aplicada/ead/estudos_ambientais/ea28a.html#2> Acesso em: 23 de dez. de 2017.

-----Plano Nacional De Gerenciamento Costeiro (PNGC II), Ministério do Meio Ambiente, MMA – online disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/orla/_arquivos/pngc2.pdf> Acesso em outubro de 2017.

MIRANDA, L. I. B. Planejamento em Áreas de Transição Rural-Urbana: Velhas Novidades em Novos Territórios. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 11, p. 83-100, 2008.

Nova Lei de Licitações. Disponível em: <L14133 (planalto.gov.br)> acessado em: 03 de março de 2024.

OLIVEIRA, Olivia. *Lina Bo Bardi*. Sutis substâncias da arquitetura. São Paulo/ Barcelona: Romano Guerra/GG, 2006.

PETERS, M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINHEIRO, Augusto Ivan (org.). Rio de Janeiro: cinco séculos de História e transformações urbanas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 127-162.

SABOYA, Renato. Planejamento Estratégico de Cidades - parte 1, In: Logo - Urbanismo, Planejamento Urbano e Planos Diretores, 29 maio de 2008. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2008/05/planejamento-estrategico-de-cidades-parte-1/>

SILVA, Marcelo D. Filosofia e educação, Batatais: CEUCLAR, 2008.

SILVA, Lucia Helena Pereira. História do Urbanismo no Rio de Janeiro – administração municipal, engenharia e arquitetura dos anos 1920 à Ditadura Vargas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

VESENTINI, José William. A capital da geopolítica. São Paulo, Ática, 1987. Capítulo 3 (pp. 101-139).

TORRES, Luiz Carlos; Mohriak, Webster Ueipass. Levantamentos geofísicos para a delimitação da margem continental brasileira. Revista USP. São Paulo. n. 113, p. 59-80. Abril/Maio/Junho 2017.

Bellour, R. (2005). Pensar, contar: o cinema de Gilles Deleuze. In F. P. Ramos (Org.), Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo, SP: Ed. Senac.

Bergson, H. (1990). Matéria e memória. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Deleuze, G. (1983). Cinema I: A imagem-movimento. São Paulo, SP: Brasiliense.

Deleuze, G. (2009). Cinema II: A imagem-tempo. São Paulo, SP: Brasiliense.

Deleuze, G. (1997). Crítica e clínica (P. Pál Pelbart, trad.). São Paulo, SP: Editora 34. Deleuze, G. (2006a). Diferença e repetição. (L. B. L. Orlandi & R. Machado, trads.). São Paulo, SP: Graal.

REZENDE, V. e LEITÃO, G. Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá. Avaliação dos ideais modernistas após três décadas. Seminário DOCOMOMO Brasil, 5, 2003, São Carlos. São Carlos: DOCOMOMO, 2003.

RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.

VAINER, Carlos; BIENENSTEIN Regina; TANAKA, Giselle Megumi Martino; OLIVEIRA, Fabricio Leal de; LOBINO, Camilla. O PLANO POPULAR DA VILA AUTÓDROMO, UMA EXPERIÊNCIA DE PLANEJAMENTO CONFLITUAL. V. 15 n. 1 (2013): ANAIS DO XV ENANPUR.



SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista movida por ideias, desejos, chimarrão e pela curiosidade diante do que escapa à superfície das coisas. Especialista em Patrimônio Cultural Urbano (PROPUR-UFRGS), mestre e doutora em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR-UFRGS / IPPUR-UFRJ), mas também mãe do Fred, bailaora saudosa e apaixonada pelas bordas do Uruguai. Construiu um percurso que atravessa arquitetura, cidade, docência e cena como quem borda narrativas no espaço. Desde 2005, atua no cinema, na televisão e nas artes cênicas, criando ambientes onde forma, função e poesia se entrelaçam.

Busca uma escuta sensível, herdada das paisagens do sul e das canções de Vitor Rami, trabalhando o espaço como quem compõe uma canção: atenta ao tempo, às pausas, às bordas e ao que pulsa entre elas.

Copyright © 2026 Revista Mover

